Diário de Lisboa

Fevereiro 1977
Sábado
26
ANO 56.º
N.º 19 288
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

TRABALHADORES E REFORMADOS APERTAM O CINTO

ESCUDO VALE MENOS 15 POR CENTO

O escudo foi oficialmente desvalorizado em 15 por cento. A medida foi anunciada pelo Primeiro-Ministro num intervalo da reunião de ontem do Conselho de Ministros, que decorreu entre as 15 horas e os primeiros minutos da madrugada de hoje. Mais tarde o ministro das Finanças, Medina Carreira, dirigiu uma comunicação ao País, expondo a decisão governamental e as suas consequências.

A decisão do Governo P.S. foi tornada pública depois de o Primeiro-Ministro, Mário Soares, ter reunido com os «leaders» dos principais partidos da oposição parlamentar, P.C.P., P.S.D./P.P.D. e C.D.S. e com o Conselho da Revolução, que entretanto reunira para o efeito sob convocação do Presidente da República.

No termo da reunião do Conselho de Ministgs, Manuel Alegre, secretário de Estado da Comunicação Social e porta-voz do Conselho, leu, pela RTP e RDP, o comunicado final da reunião, no qual, a par da desvalorização, se anunciam várias medidas de carácter económico e financeiro consideradas como complementares.

A decisão ontem tomada pelo Governo P.S. corresponde ao reconhecimento de uma situação que, de facto, se verificava de há bastante tempo. Com efeito, a desvalorização real do escudo vinha-se acentuando. Até ao V Governo Provisório e em relação às «moedas fortes», dólar e marco, esta desvalorização atingia respectivamente 7,4 e 3,5 por cento; com o V Governo aumentou em 0,7 e 0,5 por cento e, a partir da vigência do VI Governo Provisório, sofreu uma rápida deterioração, elevando-se para 16 e 19,8 por cento, respectivamente. Em Setembro do ano passado a desvalorização real da moeda portuguesa era já de 10 por cento, sofrendo por tanto uma erosão da ordem dos 5 por cento no decurso dos últimos seis meses.

A desvalorização do escudo vinha sendo recomendada por diversos sectores económicos (caso da C.I.P.) e políticos nacionais (caso da direita parlamentar) e sujeita a fortes pressões internacionais, para as quais o «D.L.» já alertara no passado dia 11. De recordar ainda que a desvalorização foi tema dominante do encontro de economistas estrangeiros realizado em fins do ano passado na Gulbenkian, em Lisboa.

Para além do que significa em aumento dos preços pagos ao estrangeiro por mercadorias importadas, a desvalorização agora decretada, em termos de altíssima dívida externa portuguesa, contraída sobretudo pelo VI Governo provisório e pelo actual Governo P.S., irá significar um acréscimo anual na ordem dos 7,5 milhões de contos em amortizações e juros.

De destacar ainda que a medida agora anunciada pelo Governo P.S. se segue à primeira «ronda» europeia de Mário Soares, onde a situação económica portuguesa foi largamente discutida com os governantes ingleses, italianos, dinamarqueses e irlandeses. Ocorre ainda na altura em que os Estados Unidos, por decisão de Carter, transferiram do orçamento de 1977 para o orçamento de 1978 a inscrição da verba de 550 milhões de dólares referentes à participação americana no empréstimo internacional de 1,5 milhões de dólares, com o que isso implica na debilidade das reservas nacionais em divisas estrangeiras.

Em termos internos surge ainda na altura em que, em matéria económica, nomeadamente no âmbito do que se convencionou chamar «política europeia», se evidencia uma convergência de objectivos entre o Governo e os partidos de direita, o C.D.S. e o P.S.D./P.P.D..

A questão fundamental que se põe neste momento é saber quem vai pagar os custos desta operação, consequência da incapacidade manifestada pelo Governo para defender o escudo. A resposta aponta para os trabalhadores portugueses.

Para o estrangeiro a desvalorização significa que, a partir de agora, pagará menos pela produção nacional; para algum capital nacional a desvalorização também é benéfica, já que os seus bens reais não são afectados, enquanto se distribui por salários depreciados.

O aumento do custo de vida, que se seguirá inevitavelmente, terá particular gravidade entre os assalariados e reformados, classes que normalmente são as maiores vítimas da desvalorização.

Esta desvalorização significa o reconhecimento oficial de que cada unidade da moeda portuguesa representa agora um menor peso em ouro. Resulta de um «mal» que se vinha sentindo de há muito, pela via da perda do seu poder de compra em consequência da inflação manifestada pela alta dos preços.

Em termos gerais poderá dizer-se que a desvalorização provoca normalmente uma aceleração das exportações, enquanto as importações são travadas e o turismo se intensifica.

No caso português, no entanto, e especialmente face à «aproximação» com a Europa capitalista, a desvalorização, se visa, pela diminuição do preço da força do trabalho quando paga em divisas estrangeiras, aumentar o investimento interno, implicará paralelamente uma ainda maior submissão do País ao exterior.

DECLARAÇÕES DE SOARES

A desvalorização foi anunciada por Mário Soares, ao princípio da noite, aos órgãos de Informação, em Belém, depois de reunir com o Presidente da República, o Conselho da Revolução e os secre-

Continua na pág. 16

TRÊS BOMBAS EM LISBOA

"Ultras" com pólvora negra

Três bombas rebentaram ontem à noite em Lisboa: uma na zona de armazenagem da cantina do Instituto Superior Técnico, outra no edifício da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Lisboa, e outra ainda no lar universitário feminino «Domus Nostra». As explosões não causaram danos pessoais, provocando no entanto prejuízos de muitos milhares de contos.

A primeira das bombas, na Associação de Estudantes do I. S. T., à Alameda D. Afonso Henriques, explodiu às 21 e 45, tendo a segunda, na Avenida dos Estados Unidos da América, 39, rebentado às 22 e 15. O último engenho deflagrou já na madrugada de hoje, por volta da meia-noite e quinze. O lar universitário está instalado num edifício da Praça Diogo de Macedo.

Segundo a Secção de Minas e Armadilhas da P. S. P., nenhum dos engenhos foi colocado com envólucro metálico, circunstância que leva a admitir que as bombas eram de fabrico artesanal, constituídas apenas pela matéria explosiva com cordão lento tipo «bedford». Em todos os casos, considera a Polícia, foi utilizada pólvora negra em grandes quantidades. A carga colocada no edifício da Caixa de Previdência terá sido a mais potente.

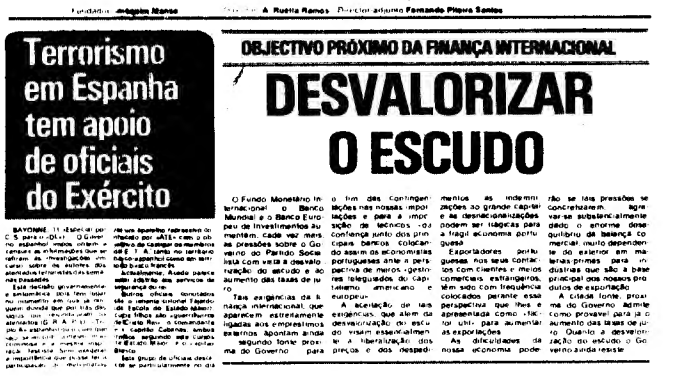
Vem a propósito recordar o «ultimato» dos chamados «Comandos Democráticos do Norte de Portugal», através do qual davam oito dias ao Presidente da República e ao Governo para «libertar os acusados no processo bombista». Acrescentava-se no «ultimato» que «o Presidente da República e o Governo serão os únicos responsáveis pelo que vier a acontecer em Portugal», caso não fossem satisfeitas as suas reivindicações. O insólito «ultimato» terminava ontem.

O engenho explosivo que deflagrou à porta da cozinha da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico deverá provocar prejuízos indirectos no valor de alguns milhares de contos, segundo nos declarou um dirigente daquela Associação de Estudantes. Momentos antes da explosão havia começado no Salão Nobre do IST um «meeting» de apoio à Frente Polisário. Os empregados da cozinha da Associação (em número de sete) já se haviam retirado quando do rebentamento. Não fora isso e certamente alguns teriam sido atingidos. Entre o local da explosão (o canto formado pela porta e uma parede exterior) e a cozinha existe apenas uma arrecadação onde se encontravam grades de cervejas e refrigerantes e víveres diversos. Esta arrecadação serve também de vestiário do pessoal,

Continua na pág. 16

Agentes da P. S. P. esta manhã nas instalações do Técnico

"DL" TINHA PREVISTO



Diário de Lisboa — Fevereiro 1977 — 11

Terrorismo em Espanha tem apoio de oficiais do Exército

OBJECTIVO PRÓXIMO DA FINANÇA INTERNACIONAL

DESVALORIZAR O ESCUDO

A «manchete» do nosso jornal no passado dia 11

Comunicado do Conselho de Ministros e outro noticiário nas págs. 5, 6 e 16

Governo reunido com a C.I.P.

(PÁG. 16)

28 PÁGINAS

Nacional

Jorge Campinos no uso da palavra

F.A.U.L. do P.S. esteve reunida no Villaret

Realizou-se ontem no teatro Villaret mais uma reunião de militantes da Federação da Área Urbana de Lisboa do P.S. destinada a debater a política do Governo.

Jorge Campinos referiu-se às medidas ontem anunciadas pelo Primeiro-Ministro e pelo ministro das Finanças, tentando explicá-las pelas «bases artificiais» e os «preços políticos» em que assentava o regime existente antes do 25 de Abril.

António Reis falou sobre a política interna do partido, condenando a recente criação da Associação de Cultura Socialista, Fraternidade Operária, qualificada como «pressuposto eivado de um profundo elitismo intelectual, ao contrário do que se pretende insinuar com o seu nome».

Mário Soares, impedido na reunião do Conselho de Ministros não se deslocou ao Villaret, ao contrário do que estava previsto.

L.C.I. está em congresso

. . Começou ontem no Anfiteatro da Faculdade de Letras de Lisboa o IV Congresso da Liga Comunista Internacionalista, L. C. I., organização trotsquista, simpatizante da IV Internacional.

Para os trabalhos — que prosseguem hoje e deverão terminar amanhã — prevê-se a discussão tanto de problemas relativos à actual situação política portuguesa como de questões internas à organização.

Deverá tratar-se da possível fusão com o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, P. R. T., trotsquista, tal como a Liga. Uma delegação do P. R. T. está no Congresso a presenciar os trabalhos.

Para a sessão de encerramento foram convidados para enviarem representantes praticamente todas as organizações da esquerda em Portugal: o P. S., o P. C. P., a U. D. P., a F. S. P., o M. E. S. e o P. R. P.

O.I.J. DENUNCIA

Rádio Europa Livre e Voz da América contra acordos de Helsínquia

. Ao aproximar-se a Conferência de Belgrado (desarmamento), certos órgãos de comunicação dos países ocidentais desencadearam uma campanha de calúnias com o objectivo de criar um clima de tensão e influenciar desta maneira a discussão sobre os problemas europeus e falsificar os acordos de Helsínquia.

A este propósito, a Organização Internacional de Jornalistas (O. I. J.) publicou uma declaração, extensiva a todo o mundo, onde se sublinha que «as actividades das estações de Rádio «Europa Livre» e «Liberdade», operando em países estrangeiros, são promovidas por aqueles que tiram proveito da corrida aos armamentos, e a quem os acordos de Helsínquia incomodam».

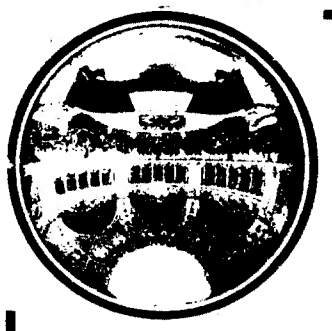
Uma pergunta da referida declaração:

. «Para quem e quem trabalha nestas estações, e qual é o seu estatuto em território estrangeiro à luz dos acordos de Helsínquia?»

. Na mesma declaração afirma-se que «permanece a mesma incerteza quanto à estação de rádio «A Voz da América». As suas actividades, velhas de alguns anos, são tristemente célebres. Depois de ter começado em 1942 com apelos à unidade das forças antifascistas, ao castigo exemplar dos criminosos de guerra e seus acólitos, «A Voz da América» tenta agora impedir o apelo de paz, de compreensão mútua e de justiça social dos povos de diferentes países».

O VIII Congresso da O. I. J. «apela (lê-se na declaração) para a reabilitação da responsabilidade e dignidade do jornalismo. (...) Todos os jornalistas progressistas e democráticos devem unir os seus esforços para que a Conferência de Belgrado alcance, de facto, resultados positivos».

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATÉLITE



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

"Acuso os capitalistas de traição ao povo"

O deputado socialista, Carlos Candal, que ontem pediu a suspensão do seu mandato por dois meses, preencheu quase todo o período de antes da ordem do dia com a sua intervenção. Não porque tivesse sido longa. Foi, isso sim, e como tal a classificou, «um libelo acusatório» contra os partidos da Oposição. Depois de sublinhar que o P. C. P. «com a sua ânsia de hegemonia tanto contribuiu também para a situação de crise da Revolução, insusceptível de compensação a curto prazo», o dr. Carlos Candal assestou as baterias para os partidos de direita: P. S. D. /P. P. D. e C. D. S. E não os poupou.

«Acuso», afirmou, «o P. S. D. de colaboracionismo póstumo com salazar-marcelismo ao fazer eleger, para numerosas autarquias locais, homens gravosamente comprometidos com a A. N. P. e com a própria Legião Portuguesa, abusando assim do seu coeficiente eleitoral e prostituindo o voto de muitos dos seus simpatizantes;

. . «Acuso o P. S. D. / P. P. D. e o C. D. S. de ambiguidade, por não condenarem (...) os separatismos madeirense e açoriano;

. «Acuso os quadros intermédios do C. D. S. e do P. S. D. / P. P. D., de procurarem manipular partidariamente os portugueses retornados ou deslocados de África (...)

. «Acuso o C. D. S. de aceitar o apoio discreto ou descarado das forças da extrema-direita portuguesa sem um gesto de claro repúdio, que seria natural num partido que se diz centrista e democrata-cristão. .

«Acuso de traição ao Povo Português todos os capitalistas nacionais que vêm andando pelo estrangeiro a recomendar aos investidores que não apliquem os seus dinheiros no nosso país enquanto subsistir um Governo socialista e o objectivo constitucional do socialismo e acuso de infidelidade à Constituição todos os militares direitistas que dolosamente tentam minar algumas estruturas das Forças Armadas, mentalizando-as no sentido da eventual necessidade de uma intervenção que salve o País do caos, que falsamente apregoam estar iminente.»

. O C. D. S. e o P. S. D. / P. P. D. protestaram. E tiveram de «engolir» como resposta, mais algumas acusações. Como aquela de que considerava que o apoio do C. D. S. à candidatura de Ramalho Eanes tinha prejudicado os resultados. Aqui, Amaro da Costa, protestou energicamente. E foi a vez de António Reis tentar «desvalorizar em 15 por cento» as palavras de Carlos Candal, ao afirmar que ele falava «em nome pessoal», «daí que o seu pensamento, neste campo, não seja naturalmente coincidente com o do partido a que pertence».

No período da ordem do dia foi aprovado por unanimidade, na generalidade, a Lei Orgânica da Assembleia da República, que visa um funcionamento mais eficiente daquele órgão de soberania. A discussão, na especialidade, passou à comissão parlamentar competente.

F.M.

P.C.P. desmente categoricamente declarações de Hugo dos Santos

. Em declarações, a que o diário da manhã «O DIA» e o vespertino «A LUTA» deram assinalável relevo, o Comandante da Região Militar Centro, brigadeiro Hugo dos Santos, referindo-se a «tentativas de desestabilização dentro dos quartéis», terá afirmado haver «provas concretas de envolviemnto nessas manobras do Partido Comunista Português e de organizações tipo FEPU».

Noutro passo, e numa linguagem pouco habitual para o alto cargo que desempenha, aquele oficial-general teria ainda considerado: «aqueles que são efectivamente contra o fascismo mas que são pelo social-fascismo, devem ter ombridade de dizer que são sociais-fascistas». Ainda sobre as alegadas «infiltrações», e referindo o caso de Estremoz o comandante da RMC diria que tinha sido detectada uma rede, que foi preso, em Dezembro último, um elemento da UDP e que, «desde aí, nunca mais surgiram os seus panfletos».

DESMENTIDO

Entretanto a SIP do PCP, em nota para os órgãos de informação, após sublinhar que «nos últimos dias tem-se especulado acerca de eventuais envolvimentos do PCP em acontecimentos que se terão verificado em unidades militares, nomeadamente em Estremoz e na Região Militar Centro», afirma estar «em condições de declarar categoricamente que tais afirmações são destituídas de qualquer fundamento».

«O PCP como é sabido — declara ainda a nota — procura dar a sua contribuição construtiva à actividade dos orgãos de soberania político-militar — Presidente da República e Conselho da Revolução — e tudo faz para contribuir para a unidade das Forças Armadas na base do respeito e observância da Constituição, da defesa da democracia e da independência nacional».

FEPU DESMENTE

Também a FEPU, através da coordenadora da sua Comissão Nacional, tomou posição sobre as alegadas declarações de Hugo dos Santos (que segundo se julga não terá dado qualquer entrevista mas feito declarações informais) considerando «infelizes tais afirmações».

«Se o sr. Brigadeiro Hugo dos Santos — refere a FEPU — pretendia acusar a FEPU deveria tê-lo-dito claramente, para tal apresentado as provas necessárias. Se não era a FEPU que pretendia atingir, então não se comprende por que razão a referiu. A tal respeito, a Comissão Coordenadora afirma, sem receio de desmentido, que a FEPU não tem nunca qualquer intervenção no domínio militar».

Noticiário breve

ROCHA VIEIRA

O chefe do Estado-Maior do Exército, general Rocha Vieira, visitou na tarde de ontem as instalações do Comiberlant, na companhia de vários militares do E.M.E. Recebido pelo comandante e comandante adjunto daquele organismo da NATO, o CEME visitou também as instalações operacionais subterrâneas da organização.

CARLUCCI

O embaixador americano em Lisboa, Frank Carlucci, encontrou-se ontem com o presidente James Carter, depois de depor sobre o empréstimo a conceder a Portugal pelos EUA.

MOTA AMARAL

Chegou ontem a Lisboa o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, que se desloca à capital por convocação do Presidente da República, general Ramalho Eanes.

GUATEMALA

O dr. Ressano Garcia apresentou ontem as cartas credenciais que o acreditam como embaixador de Portugal na Guatemala.

O mesmo diplomata exerce já as funções de representante de Portugal no México.

Ministério do Plano procura secretário-geral

. Está aberto concurso para o preenchimento de vaga de secretário geral do Ministério do Plano e Coordenação Económica.

PUB

Electricidade de Portugal, E. D. P.

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 27 de Fevereiro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE PALMELA: *Olho de Água, Alagoinha, Alto do Faria, Pinhal Novo, Matadouro, Sousa Martins, Bombeiros, S. João, Terras de Pão, Aires, Vargem e Volta da Pedra, das 07.30 às 13.00*

CONCELHO DO SEIXAL: *Conde, Paivas, Somelino, Velosa, Quatro Caminhos, Vito, S. Tomé, Inglesinhos, Borja, Qta. Atalaia, Brigadeiro e Amora, das 7.30 às 16.00. Bela Vista, das 8.30 às 14.00.*

CONCELHO DE SESIMBRA: Pedreiras, das 7.30 às 13.00.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1977

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETUBAL

Manuel Fernandes Camacho

post-scriptum

O socialismo constrói-se com socialistas

Todos nós sabemos que um chefe (seja Presidente da República, ministro, general ou simples director de serviço) decide em função do «produto» que lhe é apresentado como o resultado do trabalho de uma equipa.

Sabemos, também, que se encontra muito difundido o conceito de que é indispensável que os problemas surjam tratados de forma isenta e imparcial para que essa decisão possa ser a adequada.

Mas todos nós temos consciência de que os responsáveis por esse trabalho de equipa serão necessariamente afectados pelo quadro geral da luta de classes em que — quer queiramos, quer não — se encontram inseridos. Consciente ou inconscientemente o homem cedo ou tarde tem de optar e, como tal, o produto da sua inteligência nunca poderá ser neutro!

Acontecimentos recentes — que se têm repetido com uma frequência preocupante — vieram mais uma vez evidenciar que não é possível assegurar a transição para o socialismo, visando a criação de uma sociedade sem classes em Portugal, sem se operarem profundas alterações no aparelho que serviu o fascismo.

É com justificada apreensão que os portugueses que, pesem embora os esforços desesperados das forças obscurantistas interessadas na manutenção de privilégios, se pronunciaram inequivocamente pela defesa e consolidação dos princípios consignados na Constituição, vêem diariamente ser espezinhados esses mesmos princípios.

É com um forte sentimento de repulsa que os cidadãos do nosso país vêem ser absolvidos agentes de uma política política que era, por si só, o símbolo vivo do fascismo.

É com temor crescente — porque não dizê-lo? — que o povo se apercebe de que determinados acontecimentos, cujo esclarecimento era considerado vital para a causa da democracia, vão caindo num esquecimento que se adivinha quase conveniente.

É com indignação que todos assittem à libertação de bombistas e verificam a reabilitação de elementos do ELP (para quando o prosseguimento das investigações?) ou outros terroristas sabotadores, enquanto alguns daqueles aos quais se devem muitas das conquistas do 25 de Abril são publicamente enxovalhados, à custa de testemunhos de duvidosa idoneidade.

Não se pense, entretanto, que o cidadão comum deseja que passem sem julgamento os excessos eventualmente cometidos por elementos pertencentes às forças encarregadas de defenderem a legalidade revolucionária. O que ele não pode é conceber que antifascistas sejam condenados «a priori» por suposto envolvimento em acontecimentos de explicação controversa mas que, de qualquer forma, não podem ser considerados fora do contexto que então se vivia no País. Muito menos pode admitir que alguns deles já tenham sofrido penas de prisão «por 19 meses de Revolução» que corresponderiam — se a comparação fosse legítima — a largos anos para os fiéis serventuários do fascismo, enquanto estes provocam, caluniam e arquitectam quase impunemente, conspirações que mais não visam do que a destruição da democracia em Portugal.

Para que isto não se repita, para que o 25 de Abril não esteja a ser constantemente enxovalhado — ou quase «julgado!» — não basta termos um Presidente da República sinceramente empenhado na construção do socialismo, dentro do quadro claramente definido pela Lei Fundamental da República Portuguesa. É necessário, é indispensável — exige-o a memória viva dos que pereceram e a consciência dos resistentes antifascistas que sofreram tormentos durante quase meio século, exige-o o superior interesse dos portugueses — que a superstrutura do Estado seja expurgada, de uma vez por todas, dos elementos que, não olhando a meios, mais não fazem do que procurar, de forma sistemática e cientificamente planeada, o regresso ao passado. Que é o mesmo que dizer que já vai sendo tempo do socialismo passar a ser construído — definitiva e finalmente — por socialistas!

C D
— LISBOA

Fascistas reintegrados antifascistas demitidos

Estão a ser reintegrados na Função Pública e outras carreiras inúmeros servidores do regime fascista. Outros, como eu, demitidos durante o regime fascista, encontram-se ainda sem trabalho.

Sou professora do ensino primário e retornada de Angola. Por me ter recusado a prestar serviço de exames em zonas assoladas pela guerra e pelo «terrorismo», fui demitida.

Pedi ao sr. secretário de Estado da Integração Administrativa a revisão do processo e foi-me indeferido o meu pedido.

Fui condenada em 1969, sem ser ouvida. Gostava de saber a quem venho de recorrer para tal conseguir.

Preciso de continuar a trabalhar e ajudar a construir a nova sociedade portuguesa.

Uma leitora devidamente identificada
— GUARDA

UM SOCIALISMO POSSÍVEL E NECESSÁRIO

MÁRIO MURTEIRA

A sugestão mais impressiva que se recolhe da observação da sociedade portuguesa em 1977, três anos depois de o M. F. A. ter derrubado o que restava do salazarismo, é a de um país à deriva. Deriva que se exprime num vazio da vontade política nacional concreta e coerentemente afirmada, sobretudo no plano externo. Tal situação não é consequência do **regime democrático**, mas da natureza do débil poder que com ele e sobre ele procura edificar-se. Esse «vazio» exprime-se na ambiguidade e fraqueza da componente ideológica do novo **stablishment** em vias de construção, no indefinido apoio social dum governo e dum sistema político, na insuficiente consistência e estruturação dos três partidos constitutivos da chamada maioria presidencial (P. S./P. S. D./C. D. S.) e do envolvimento notório e crescente da política nacional por influências e pressões oriundas do capitalismo de além-fronteiras. Se é certo que em 74 e 75 os Governos provisórios foram débeis estruturas de poder, a verdade é que a prática social revelava então inequívoco **sentido** progressista, sentido que era também **significação**. Actualmente não é notória a direcção dessa prática — qualitativamente muito diferente da verificada até 25 de Novembro de 76 — e menos ainda a inteligibilidade do processo em curso.

A política económica não se elabora e pratica no mundo rarefeito dos modelos econométricos (qualquer que seja o paradigma teórico de onde partam) mas sim nas tensões e conflitos do devir social histórico. Discutir a política económica adequada para vencer a actual «crise» económica portuguesa só fará pois sentido discutindo política... simplesmente.

A questão inicial a pôr é a nosso ver a seguinte: pode a democracia política recentemente institucionalizada entre nós subsistir sem ter claro conteúdo socialista? E este conteúdo, por hipótese **necessário** à sobrevivência e consolidação da democracia, realmente **possível**, hoje, com os laços de dependência externa porventura mais apertados do que nunca nos últimos trinta anos (pós-guerra)?

. Discutir o socialismo necessário (à democracia política, além do mais) e possível (face às armas poderosas do imperialismo) aqui e agora em Portugal é apreciar, num quadro de possíveis alternativas de transição da sociedade portuguesa pós-colonial, a estratégia económica viável, não só em termos económicos **stricto sensu** mas também em termos de relações sociais e consequente expressão no poder político.

A estabilidade do sistema político democrático pressupõe um largo consenso da maioria da população sobre as virtudes do sistema relativamente a qualquer alternativa autoritária e, mais profundamente, certa cristalização das relações sociais em torno dum compromisso de coexistência entre interesses antagónicos, mais ou menos estabilizado e amplo. Tal compromisso não requer em rigor pausa ou abstracção da luta de classes, mas antes a expressão daquela por tensões e conflitos compatíveis com o quadro institucional democrático. Em linguagem dos especialistas de relações de trabalho, supõe a superação de **exclusão** entre capital e trabalho por relações híbridas de conflito-concurso ou conflito-cooperação. Claro que este segundo tipo de relações requer a existência dum mínimo de interesses **comuns** aos parceiros sociais, pelo menos, entendidos como tais.

Como se põe esta questão crucial, hoje, em Portugal?

Sendo uma sociedade implantada numa economia dependente e atrasada, no contexto europeu, Portugal carece para o êxito do projecto democrático — digno desse nome — dum compromisso expresso não apenas em termos **internos** mas, em primeira instância, **externos**. O grande adversário da democracia portuguesa não é obviamente o grande capital nacional, mas sim o internacional, directamente e através dos seus aliados internos (certas forças políticas legais e ilegais, elementos das Forças Armadas, estratos da pequena e média burguesia incluindo quadros técnicos superiores). Nesta linha de raciocínio, ocorre perguntar se a «democracia» que hoje importamos da Europa da C. E. E. através da direcção política do P. S. é tão pouco sólida na sua origem como na sua aplicação final: ou seja — se o tipo de influências e pressões que se manifestaram entre nós em 74 e sobretudo 75 para travar a radicalização do processo, em nome da democracia, serão igualmente eficazes no caso de acentuado desvio à direita. O papel privilegiado do P. S. na cena política nacional, por via do seu estatuto de partido «mais favorecido» na cena capitalista internacional, parece limitado ao amortecimento e esterilização da esquerda mais do que à travagem do ascenso da direita, legal («democrática») e ilegal.

"Discutir a política económica adequada para vencer a actual "crise" económica portuguesa só fará (...) sentido discutindo política simplesmente"

Por outro lado, a tolerância da Europa da C. E. E. a formulações autoritárias do regime democrático em Portugal (aceite-se o paradoxo) é certamente função das evoluções paralelas noutros países da mesma região, em especial a Espanha e a Itália.

Acresce que o condicionamento externo da política nacional, a nível de governo, será sobretudo determinado pelo ou pelos potências capitalistas mais dispostas a «pagar a factura», isto é, a financiar os «auxílios» necessários à recuperação económica portuguesa no quadro da divisão internacional do trabalho no mundo capitalista. Há poucas dúvidas de que tais potências serão os E. U. A. e a República Federal da Alemanha. Tudo somado, não é arriscado prever que o espaço democrático português em vias de precária consolidação tenderá, prosseguindo as tendências actuais, a manter no poder uma classe política que progressivamente reduzirá o peso do P. S. a favor do P. S. D. e C. D. S., mesmo que formalmente o Governo continui a ser monopartidário. Se assim é, tal classe política mais ou menos competente, pro-europeia, corrupta, e tecnocrata pouco se distinguirá em ideologia e prática do grupo de que inicialmente se socorreu Marcelo Caetano na sua fase de relativa liberalização. Porém, os dados objectivos da situação portuguesa em 1977 são certamente bem distintos dos que caracterizavam Portugal de 1968 ou 69.

Talvez que a distinção fundamental a destacar resida no seguinte: na orientação actual do processo português, a economia dependerá cada vez mais de financiamentos externos que só serão concedidos da crescente subordinação às exigências estrangeiras em matéria de política interna. No tempo de Caetano era principalmente a política colonial que veiculava as mais notórias formas de subordinação ao capitalismo internacional. Aquelas exigências traduzem-se por exemplo, no seguinte: diminuição do valor da força de trabalho dos portugueses no mercado mundial, com forte diminuição de salários reais (imposição de desvalorizações no escudo, que e além do mais, estimulem o investimento privado estrangeiro pois baixam os salários portugueses expressos em dólares ou marcos); transformação do sector público empresarial nacional, com ou sem desnacionalizações legais, num elo da articulação entre a economia portuguesa e o capitalismo internacional — isto é, voltando-o «para fora» e não «para dentro», em função das necessidades da própria população portuguesa, o que significa uma **desnacionalização de facto**, subsista embora o estatuto jurídico de empresa pública; contracção do crédito e crescente selectividade do mesmo, segundo prioridades, no essencial, definidas externamente; liquidação da Reforma Agrária, no seu sentido revolucionário e anticapitalista inicial, em função das exigências de «modernização, produtividade e reestruturação» decorrentes da inserção da agricultura portuguesa no mercado mundial.

Processos desta índole conduzem, entre outras coisas, a maior concentração do rendimento nacional, também concentração e (ou) eliminação de pequenas e médias empresas, ameaçadas pela concorrência internacional dentro e fora das fronteiras e necessariamente, num quadro democrático burguês, à agudização dos conflitos sociais. No presente caso português, talvez que a consequência económica e social mais grave seja o aumento de desemprego até taxas que poderão atingir a ordem dos 20 por cento da população activa (um trabalhador desempregado em cada cinco), em paralelo com forte inflação determinante da redução do poder de compra não só dos operários mas também das classes médias. Isto parece terreno bem semeado para plantas fascistas ou fascizantes.

Parece, com efeito, desnecessário demonstrar que uma tal evolução — que está presentemente em curso, à vista de todos os olhos que queiram ver — não torna viável qualquer «pacto social», por seu turno indispensável à consolidação das estruturas políticas democráticas.

Neste contexto, como surge a alternativa dum socialismo possível e necessário?

. Como sabemos, os princípios essenciais estão na Constituição. Trata-se agora de assumi-los, nas suas exigências práticas, e isto quer no respeitante à estratégia de política económica, a curto, médio e longo prazo, quer no que toca à configuração do sistema económico de transição. Anotemos apenas, nesta matéria, os pontos que se nos afiguram cruciais: a) concepção relativa à **articulação da economia portuguesa na economia internacional**; b) resolução dos problemas da inflação e do desemprego; c) natureza do sistema económico de transição; d) natureza do «pacto social» pretendido. Claro que estes pontos estão inter-relacionados, sendo o primeiro determinante dos outros.

A grande tese político-económica do Governo e dos outros partidos da «maioria presidencial» é a de que a democracia em Portugal só pode passar pela adesão plena à Europa da C. E. E. O Governo, em particular, tem utilizado a mais primária demagogia, que ca sem dificuldade no ridículo procurando retirar prestígio (?) da suposta boa vontade manifestada pela C. E. E. Trata-se, na realidade, de lançar mais uma cortina de fumo sobre os verdadeiros problemas, ao mesmo tempo que se perde a oportunidade de adquirir algum poder contratual para as negociações morosas e complexas que — essas sim — decidirão do futuro a médio e longo prazo da integração portuguesa na Europa. A questão sendo política, é sobretudo — **et pour couse** — eminentemente económica. Quando os nossos parceiros da C. E. E. nos advertem prudentemente das dificuldades económicas da transição estão a manifestar conhecimento mais sério do problema do que os nossos governantes parecem ter. O raciocínio básico destes parece ser o seguinte: como a economia portuguesa está à beira do colapso, por via do desequilíbrio externo crescente e concomitante esgotamento de reservas, há que procurar refúgio em qualquer lado — se se exclui o mundo socialista, há que repartir dependências entre os E. U. A. e a C. E. E., sendo esta o menor dos males. Internamente, o P. S. argumenta à esquerda e à direita que qualquer alternativa de coligação favorece, a prazo, a parte não coligada — aliando-se à direita favorece o P. C. P., aliando-se à esquerda prepara a reacção fascista; externamente, a estratégia é semelhante — se o capitalismo não nos ajuda, os comunistas aumentarão a sua força etc. Enfim, o que faz notoriamente falta neste primarismo é **uma forte vontade política que dê conteúdo socialista a certa concepção do interesse nacional**.

Pensamos que esse conteúdo poderia resultar da análise inversa daquela, posição cuja originalidade só existirá para os que, além de não conhecerem sequer razoavelmente o muundo em que vivem, concebem o socialismo ou como utopia de intelectuais ou verniz ideológico da versão social-democrata do capitalismo moderno. Na realidade, o socialismo só existe como leitura e inserção num processo histórico

Continua na pág. 4

PUB

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro, Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul

Campo dos Mártires da Pátria, 50-1.º e 2.º (Sede)
— Tels.: 58934/5-58630 — LISBOA

OS TRABALHADORES DOS SECTORES MOAGEM, DESCASQUE DE ARROZ, MASSAS ALIMENTÍCIAS E ALIMENTOS COMPOSTOS, UNIDOS EM LUTA PELA SAÍDA DA PORTARIA DE REGULAMENTAÇÃO DE TRABALHO

Camaradas:

O Ministério do Trabalho recusa-se a publicar a portaria para o nosso sector, alinhando assim com as posições do patronato.

Os trabalhadores não podem ficar à espera que o Ministro se lembre de a mandar publicar. Têm que lutar pela sua saída. É por isso necessário participar nos plenários para discussão das formas de luta a adoptar.

PLENÁRIOS

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º — INFORMAÇÕES
2.º — FORMAS DE LUTA A ADOPTAR CASO A PORTARIA NÃO SEJA PUBLICADA ATÉ 1 DE MARÇO DE 1977.

	LOCAL	DIA	HORA
ABRANTES	em local e hora a indicar pelo Sindicato	28 Fev.	—
LEIRIA	Delegação do Sindicato	1 Março	19.00
ALVERCA	Delegação do Sindicato	2 Março	18.30
SACAVÉM	Delegação do Sindicato	3 Março	18.30
Plenário Geral de D. S. LISBOA	Sede do Sindicato	4 Março	14.30

PARTICIPA NOS PLENÁRIOS!
PELA SAÍDA DA PORTARIA!
UNIDOS VENCEREMOS!

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1977

A Direcção

PUB

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do art.º 25.º e alínea a) do n.º 3 do Art.º 22.º dos Estatutos convoca-se a Assembleia Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas — em Sessão Ordinária — para o dia 28 de Fevereiro de 1977, às 20.30 horas, no Pavilhão dos Desportos em Lisboa.

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto único — Apreciação e votação do RELATÓRIO E CONTAS da Direcção (Actividade Sindical e S. A. M. S. — Serviços de Assistência Médico-Social) e parecer do Conselho Fiscal

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Alberto Martinho Gonçalves

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO, SUL E ILHAS ADJACENTES E MOAGENS DO CENTRO E SUL

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Para dar cumprimento ao Art.º 25, alínea b) e c) e em conformidade com o Art.º 26 convoco uma ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA a realizar DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1977, DOMINGO, ÀS 10 HORAS **na Sala da Voz do Operário** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 – Discussão e aprovação do Relatório e Contas do exercício de 1976.
2 – Discussão e aprovação do Plano de Gestão para o exercício de 1977.

NOTA:

O Relatório e Contas, assim como o plano de gestão, a sua discussão e aprovação são actos de uma grande importância para a vida do nosso Sindicato. A responsabilidade que os associados têm na discussão e aprovação desta Ordem de Trabalhos deve levar todos os sócios a comparecer em massa e a participarem activamente nesta ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1977.

P'la MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
O Presidente
(JOAQUIM VIEIRA LOPES)

Nacional

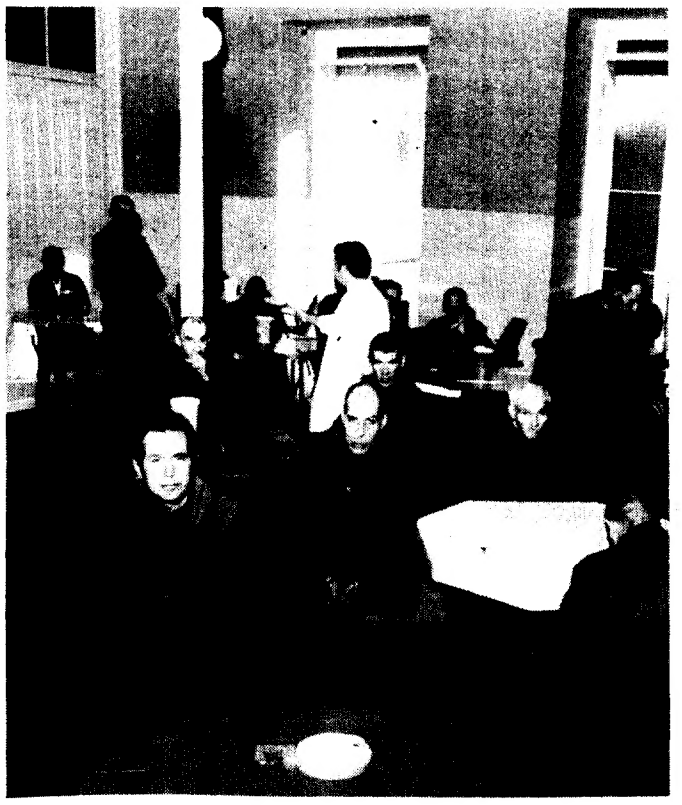
Sanatório passa a hospício

Um refeitório, música de fundo, homens de olhar parado, um deles tem um boné verde de ciclista. Alguns estendem a mão a pedir cigarros. Parece uma cena do filme «Voando sobre um ninho de cucos». O ambiente é idêntico. Só que não se descortina ali a «enfermeira». Estamos, isso, sim, a visitar as instalações, ontem inauguradas no antigo Sanatório da Ajuda, onde ficarão agora definitivamente instalados alguns dos doentes do Hospital Miguel Bombarda.

Duas enfermarias deste Hospital estavam em perigo de ruir. Em Junho de 1974, a Comissão Instaladora deste estabelecimento hospitalar ocupou as instalações do antigo Sanatório. Mais tarde, começaram as obras de adaptação e equipamento, nas quais foram investidos cerca de oito mil contos.

Há alguns dias foram para ali transferidos 102 doentes, esperando-se que esse número suba até 200. Boas instalações, amplas e confortáveis. «Este Sanatório estava fechado há mais de três anos» — diz-nos um dos médicos daquele Serviço de Psiquiatria. Com a abertura deste novo Serviço alivia-se, assim, o superlotado Miguel Bombarda. Mas não se resolvem todos os problemas se atendermos a que ainda ficam naquele hospital 1 200 doentes e, no Hospital Júlio de Matos, 1 400, em condições já por diversas vezes denunciadas pelos Orgãos de Informação.

À inauguração das novas instalações assistiram o director-geral das Construções Hospitalares, capitão-de-fragata Palma Ruivo, o director das Construções Hospitalares de Lisboa, eng. Fonseca Dias em representação do director-geral de Saúde, o dr. Pistachini Galvão.



Doentes transferidos do Miguel Bombarda para o Sanatório da Ajuda.

Um socialismo possível e necessário

Continuação da pág. 3

que tem sentido, e que caminha precisamente, mas não linearmente, ao seu encontro.

Sendo assim, **a posição assumida quanto à articulação da economia nacional na ordem externa deverá partir duma posição bem definida quanto à estratégia interna.** De passagem, note-se, aliás, que uma das razões — talvez o principal — do bloqueio da estratégia económica interna encetada pelo IV Governo foi a ausência de consonância relativamente à estratégia económica externa então conduzida independente pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A posição definida internamente — repetimos como ponto de partida para definição de correspondente estratégia externa — tem que situar-se claramente perante esta questão simples e basilar: como superar uma estrutura da despeesa nacional em que (em 75) só o consumo excede o produto nacional e as exportações rondam **metade** apenas das importações?

Tais desequilíbrios estruturais não podem ser vencidos por simples alargamento e aprofundamento das relações económicas externas, sobretudo na fase actual. Em termos de elementar bom senso é intuitivo que será indispensável um certo **impulso de introversão**: ou seja, aumento substancial da produção para satisfação do mercado interno. Isto é privilegiar a agricultura — tirar partido **económico** da Reforma Agrária e não juros políticos para conquista de apoios à direita — intensificar o aproveitamento de recursos naturais, a substituição de importações, a consolidação duma malha de indústrias básicas de controlo nacional, o lançamento de projectos de investimento com fraca componente de importações (e a propósito que se fez de Alquéva, cuja realização ainda foi decidida pelo V Governo?). Isto é também tornar efectivo um processo de nacionalizações, em termos de motivação, direcção, dinamização enérgica dum sector público actualmente desmotivado, mesmo desmoralizado, sem direcção coerente, teatro de cálculos e arranjos mesquinhos para satisfação de clientelas partidárias.

E, acima de tudo, é questão de plataforma honesta e patriótica de entendimento com os trabalhadores através das suas organizações representativas. Tal entendimento não será obviamente praticável se a política económica, em intenção ou na prática, admitir a diminuição dos salários reais e o agravamento do desemprego, como agora sucede.

Em pura lógica de divisão internacional do trabalho no mercado mundial (capitalista já se vê) tais tendências são inexoráveis, no caso português, nesta fase de transição e os teóricos do sistema apenas advogarão as pseudo-soluções clássicas dos «equilíbrios» de mercado: saída de mão-de-obra e entrada de capitais externos. Tais «soluções não só nada têm a ver com socialismo mas também se opõem à democracia: implicam um regime político autoritário fascista ou fascizante — chama-se a isto **capitalismo de Estado dependente**, e não carece de demonstração reconhecer que se trata do contramodelo da concepção constitucional de organização económica e social do País.

Dissemos que o compromisso ou entendimento, na arena da luta de classes, necessário à consolidação da democracia em Portugal tem uma componente interna e outra externa. Parece que a interna só verá viável na medida em que receitas do Fundo Monetário Internacional ou Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) ou outras instâncias subordinadas ao capitalismo internacional não se tornarem imperativas na política económica dita **nacional**. Em termos estritamente económicos, e para além do impulso imediato de introversão de que a economia portuguesa carece, há sem dúvida que definir uma **preferência de estrutura** para o nosso desenvolvimento industrial que faça sentido, internacionalmente, a longo prazo.

Porém, pôr este problema exclusivamente no quadro das perspectivas de integração no Mercado Comum é tentar a quadratura do círculo ou ignorar uma impossibilidade objectiva: que a França e a Alemanha Federal se disponham generosamente a importar não só os nossos produtos mas também a própria força de trabalho dos portugueses desempregados em massa na sua terra, em proporções que nem nos anos 30 (anos da Grande Depressão) teremos atingido em Portugal. E isto precisamente quando a Europa capitalista defronta de forma aguda o maior flagelo do sistema económico que a estrutura.

Parece que a implicação lógica de tudo isto é que haverá — também e talvez **sobretudo** nas relações externas — que tomar a sério uma Constituição que aponta para apoios externos mais diversificados e menos comprometedores do que aqueles perante os quais a política nacional tem sido tão submissa desde o VI Governo Provisório. Claro que defrontamos situações difíceis, mas a experiência ensina que a primeira condição para ultrapassá-las é a coragem por parte de quem as enfrenta, ou seja, a disposição para vencê-las **contando acima de tudo com as suas próprias forças.**

Cremos que só um socialismo sério poderá alimentar essa coragem num povo. (1)

1) Extractos do artigo «A tentativa de transição para o socialismo em Portugal», a publicar brevemente na revista «Economia e Socialismo».

Nacional

COMUNICADO DO CONSELHO DE MINISTROS

Desvalorização do escudo e outras medidas

Eis, na íntegra, o comunicado do Conselho de Ministros emitido no final da reunião de ontem:

«Sob a presidência do Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, reuniu, ontem, o Conselho de Ministros para aprovar uma série de diplomas da maior importância para o saneamento da vida económica e financeira portuguesa.

Como já foi anunciado, o Conselho de Ministros havia dado o seu acordo à deliberação do Banco de Portugal de proceder à modificação da política da taxa de cambio, desvalorizando o escudo em 15 por cento.

O escudo, que, nos últimos tempos tem flutuado no mercado internacional, tal como outras moedas, passará, daqui por diante, a ter uma taxa de câmbio efectiva constante. Essa taxa representa a média ponderada das cotações das moedas mais importantes nas transacções do nosso país.

Informado oportunamente o Presidente da República, a pedido deste, o Primeiro-Ministro deslocou-se durante a tarde a Belém para, sobre a desvalorização e as medidas que a enquadram e complementam, fazer uma breve exposição ao Conselho da Revolução.

Entretanto, o Conselho de Ministros reunido em permanência desde as 15 horas, aprovou as seguintes medidas:

ALTERAÇÃO DO ACTUAL REGIME GERAL DE PREÇOS

Estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 329-74, por forma a instaurar um regime de controlo **a posteriori**. A alteração incide sobre os regimes de preços controlados e declarados, assegurando, contudo, o controlo dos preços de maior peso nas despesas familiares cujo regime de preços máximos se mantém e será aplicado a significativo número de bens essenciais entre os quais se encontra o conjunto de produtos incluídos no Cabaz de Compras.

CABAZ DE COMPRAS

De acordo com a intenção do Governo expressa no seu programa, o Conselho de Ministros reunido em 25 de Fevereiro de 1977, deliberou a constituição do **Cabaz de Compras**, conjunto de produtos cujos preços são fixados por um período de 12 meses, ao abrigo do regime de preços máximos, do Decreto-Lei n.º 329-A/74 e beneficiando de subsídios num total superior a nove milhões de contos.

Apesar dos aumentos verificados nos preços dos produtos incluídos no **Cabaz de Compras**, estes ficam aquém dos que resultariam dos aumentos verificados nos custos de matérias-primas, salários e outras despesas das empresas, desde a altura em que esses mesmos preços foram fixados pela última vez, a maior parte dos quais em 1974 e Janeiro de 1975.

Por outro lado, os desequilíbrios estruturais criados na quase totalidade dos sectores alimentares, levaram à prática de preços superiores aos das tabelas ou à ausência de produção pela indústria nacional — casos da carne de bovino, ou do fiambre, queijo flamengo, manteiga e outros.

A composição do **Cabaz de Compras** não pode, naturalmente, incluir senão aqueles produtos, dentre os mais importantes para o consumo da população em geral, e dos estratos populacionais de menores rendimentos, em especial, em relação aos quais se julga possível assegurar o abastecimento em condições adequadas e sem rupturas, e ao mesmo tempo controlar convenientemente a aplicação dos subsídios atribuídos.

Por isso, mantêm-se sujeitos ao regime de preços máximos — tabelado —, mas sem inclusão no **Cabaz de Compras**, outros produtos alimentares que não correspondam às referidas características e condicionalismos.

Tendo ponderado a amplitude dos problemas envolvidos e a interdependência do vasto conjunto de actividades económicas abrangidas pelas decisões que o Governo tem vindo a tomar no que se refere aos preços de compra à agricultura nacional, às importações de produtos alimentares, às margens de laboração das indústrias alimentares, às margens de comercialização, e aos preços de venda ao público, o Conselho de Ministros, reunido em 25 de Fevereiro de 1977, resolveu:

— Serão mantidos, pelo menos durante um ano, os preços máximos fixados para os seguintes produtos: pão de 1.ª qualidade; pão de 2.ª qualidade; massas alimentícias; bolachas **Torrada**, **Maria** e **Água e Sal**, farinha de trigo para usos culinários; arroz, excepto tipo agulha; açúcar, óleos alimentares de soja, girassol e amendoim; margarinas; leite pasteurizado, comum e ultrapasteurizado; leite em pó, não instantâneo; pescada congelada; carne de bovino congelada; sabão, gás de cidade, gás butano; electricidade para usos domésticos.

São os seguintes os produtos não incluídos no **Cabaz de Compras**, mas cujas tabelas de preços máximos, depois de actualizadas, são também publicadas pelo Governo a partir desta data: bacalhau seco; carne de bovino verde; batata de consumo; azeite; frango; ovos, salsichas, mortadela, dietéticos, derivados do leite; leite em pó instantâneo; queijo flamengo.

ALTERAÇÃO DO REGIME CEREALÍFERO

Aprovado o decreto-lei que altera o regime cerealífero, racionalizando o sistema de fixação de preços dos farináceos e tomando medidas para impedir as distorções de preços e desvios de adubos.

COMERCIALIZAÇÃO DE CARNES

Aprovado um decreto-lei que estabelece as novas normas de intervenção da Junta Nacional de Produtos Pecuários, os regimes de preços e comercialização de carnes no continente e disposições sobre o funcionamento dos matadouros industriais.

TARIFAS DO CORREIO E ASSINATURAS TELEFÓNICAS

A fim de assegurar o equilíbrio financeiro das empresas e os meios necessários ao desenvolvimento dos serviços, foi decidido rever os tarifários nacionais do Correio e Telégrafo e o preço das assinaturas do Telefone.

Assim o preço da carta normal passa para 4$00 e a assinatura telefónica de posto principal passa para 200$00, mantendo-se sem alteração o preço das chamadas e a taxa de instalação telefónica.

Procurando servir melhor o público reabrem ao sábado de manhã 41 estações nos principais centros urbanos do continente e ilhas, incluindo todas as capitais de distrito e localidades com cerca de 50 mil habitantes.

INCENTIVOS À EXPORTAÇÃO

ISENÇÕES FISCAIS PARA EMPRESAS EXPORTADORAS — Vai ser apresentada à Assembleia da República uma proposta de lei que prevê a concessão de benefícios fiscais a empresas que exportem serviços ou mercadorias do seu comércio ou indústria.

REGIME DE DRAUBAQUE — A concessão de draubaque deixa de ter prazo de vigência para facilitar o desembaraço alfandegário.

FACILIDADES NA REDUÇÃO OU ISENÇÃO DE DIREITOS ALFANDEGÁRIOS — Despacho conjunto que simplifica a atribuição de isenção ou redução de direitos alfandegários previstos no Decreto-Lei n.º 225-F/76, de 31-3.

DISPENSA TEMPORÁRIA DO PAGAMENTO DE EMOLUMENTOS — Suspende-se temporariamente a cobrança pelas alfândegas do emolumento geral de 0,2 por cento «ad valorem» fixado no artigo 12.º da Tabela II anexa à Reforma Administrativa.

CONTINGENTAÇÃO DA IMPORTAÇÃO DE BENS MENOS ESSENCIAIS — Criado um regime de quotas de importação para alguns bens de consumo, em relação aos quais as compras ao estrangeiro se mantêm em níveis superiores aos que a presente situação financeira do País permite.

As medidas tomadas neste sector tem carácter temporário e a sua transitoriedade depende fundamentalmente do relançamento do sector produtivo.

AUMENTO DO NÚMERO DE PRODUTOS SUJEITOS À SOBRETAXA DE 60 POR CENTO — Com vista a permitir o controlo da deterioração da balança comercial e de pagamentos, alarga-se a lista de produtos importados e não essenciais sujeitos à sobretaxa de 60 por cento. Farinha de batata, amendoim, massas alimentícias, utensílios de madeira para usos domésticos, obras de cortiça, louça, caloríferos, candeeiros e lustres, motocicletas e velocípedes com motor, máquinas fotográficas e relógios, são alguns dos produtos abrangidos.

REVISÃO DA COMPOSIÇÃO DAS LISTAS ANEXAS AO CÓDIGO DO IMPOSTO DE TRANSACÇÕES — O Governo aprovou novas listas, tendo em linha de conta o agrupamento de certos produtos. Mantêm-se isentos de imposto os produtos essenciais, enquanto os considerados supérfluos passam a ser sujeitos às taxas mais gravosas, respectivamente 50 e 30 por cento, consoante são importados ou de fabrico nacional. Sobre todas as taxas, passa a incidir um aumento de 20 por cento, pelo que os produtos que até agora pagaram 10 por cento de imposto de transacção passarão a pagar 12 por cento, os sujeitos a 20 por cento passarão a pagar 24 por cento, assim sucessivamente.

CRIAÇÃO DE NOVAS MODALIDADES DE CERTIFICADO DE RENDA VITALÍCIA — Autoriza-se a emissão de Certificado de Renda Vitalícia com a nova modalidade de, em caso de morte, continuar-se a percepção da renda até ao montante do capital entregue.

ACTUALIZAÇÃO OU AJUSTAMENTO DO VALOR DAS RENDAS VITALÍCIAS — Actualizam-se as rendas vitalícias em 1 por cento por cada ano completo, decorrido desde a data da operação até 31-5-77, excepto para as que não tenham completado 5 anos até essa data. Este aumento aplica-se apenas para os valores inferiores a nove mil escudos por trimestre.

EMISSÃO DE CERTIFICADOS DE AFORRO COM SEGUROS DE VIDA — Portaria emanada do Ministério das Finanças, que define as condições de valor a transmitir em caso de falecimento de qualquer titular de certificados de aforro, elucidando quais as percentagens correspondentes ao valor facial, limites de capital a receber e excepções pontuais.

FORMAS DE MOBILIZAÇÃO DOS DEPÓSITOS A PRAZO — Considerando que a experiência obtida no regulamento dos depósitos a prazo recomenda a necessária e urgente classificação do respectivo estatuto jurídico, eliminando os riscos da actuação diferenciada das instituições que integram o sistema bancário, o diploma agora aprovado promove significativas alterações ao regime vigente, das quais se destaca a emissão de um título nominativo representativo dos depósitos a prazo, bem como a caracterização das condições de respectiva mobilização. Segundo o novo decreto, podem as instituições de crédito, nos depósitos a prazo, acordar com os seus depositantes a mobilização antecipada, total ou parcial, dos depósitos efectuados, sendo a taxa de juro inferior, no caso de mobilização antecipada, à correspondente à decorrente até à sua mobilização.

CONDIÇÕES RELATIVAS ÀS CONTAS DE DEPÓSITO DOS EMIGRANTES — É definido em que condições e como podem ser abertas e movimentadas as contas de depósito a prazo em escudos, sem o recurso sistemático à autorização das autoridades monetárias. Também se regula, de forma clara e uniforme, neste decreto-lei, a mobilização antecipada dos fundos depositados a prazo, expressos em escudos ou em moeda estrangeira, prosseguindo-se assim o cumprimento ao programa do Governo, que prevê a progressiva codificação da legislação cambial, aplicável às diferentes categorias de operações.

REESTRUTURAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO PORTUGUESAS EM FRANÇA — É criada a Comissão Reestruturadora dos Serviços das Instituições de Crédito Portuguesas em França, a qual deverá propor e preparar medidas convenientes para se proceder à integração das agências das instituições de crédito nacionais na estrutura que se revele mais adequada e que em princípio, será dotada de gestão autónoma.

AUTORIZAÇÃO PARA A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS EFECTUAR OPERAÇÕES DE REDESCONTO — Por portaria, e considerando, entre outras, a vantagem de reduzir os excessos de liquidez da Caixa Geral de Depósitos, rentabilizando o seu funcionamento e estimulando a excepcional capacidade de captação de aforro que esta instituição tem demonstrado, o Governo determina que, ao abrigo da legislação por que se rege, e de acordo com o Banco de Portugal, aquela Caixa pratique operações selectivas de investimento a média prazo, devendo as entidades a refinanciar fazer a respectiva prova ao apresentarem as suas propostas e assumir o compromisso de não cedência dos seus créditos enquanto durar tal refinanciamento.

EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES DO TESOURO-FIP — Foi aprovado um projecto de proposta de lei, a enviar à Assembleia da República, que prevê a emissão de um novo empréstimo público, denominado «Fomento do Investimento Público» — FIP, de montante máximo de 15 milhões de contos. As obrigações do novo empréstimo vencerão juros anuais entre 4 e 14 por cento.

AUMENTO DA TAXA DE JURO DAS INSTITUIÇÕES DO TESOURO — Em correspondência com a subida de taxa de juro, são ajustadas as taxas de obrigações do Tesouro (emissões de 1975 e de 1976) de forma a salvaguardar os interesses dos subscritores, que significativamente acorreram a estas emissões de títulos da dívida pública.

Assim, a taxa de juro das obrigações do Tesouro sobe de 10 para 11,5 por cento, mantendo-se as bonificações anteriormente previstas.

REESTRUTURAÇÃO DA JUNTA DE CRÉDITO PÚBLICO — O presente diploma destina-se a proporcionar à Junta os meios necessários para o cumprimento correcto das suas finalidades. Prevê-se um significativo alargamento do quadro e uma nova classificação do Pessoal.

MOBILIZAÇÃO DE INDEMNIZAÇÕES PROVISÓRIAS DE ACÇÕES E TÍTULOS DE EMPRESAS NACIONALIZADAS — O presente diploma obedece a duas linhas mestras: a fixação de valores provisórios de indemnização, e a criação simultânea da possibilidade de mobilização dos fundos deste modo gerados, quer em liquidação das dívidas ao Estado ou a Instituições de Crédito, ou de Previdência, que de outra forma não poderiam, em muitos casos, ser cobradas, quer no encaminhamento para o investimento produtivo. Assim se julga ter criado um estímulo poderoso ao relançamento da actividade económica que se enquadrado em medidas paralelas de expansão controladas e de austeridade, poderá representar um importante passo na superação da crise actual.

INDEMNIZAÇÕES A ESTRANGEIROS

Os cidadãos em empresas estrangeiras, proprietárias de bens, qualquer que seja a sua natureza, e que tenham sido objecto de nacionalização ou expropriação depois de 25 de Abril de 1974, serão indemnizados. Para o efeito, o Ministério das Finanças e os Ministérios de Tutela nomearão no prazo de 15 dias, e com âmbito sectorial, os representantes do Governo nas comissões arbitrais previstas no artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 238/76, de 6 de Abril, devendo os restantes membros ser indicados até 31 de Março de 1977. As avaliações estarão concluídas até 30 de Abril de 1977, devendo as decisões arbitrais ser proferidas no prazo máximo de 30 dias após a conclusão da avaliação.

Dação em pagamentos de FIDES e FIA — decreto-lei que altera o regime da dação em pagamento de participações dos fundos de investimentos FIDES e FIA, passando a aplicar às dívidas não caucionadas o esquema previsto para as caucionadas e acautelando a eventual ocorrência de fraudes.

APOIO A EMPRESAS VIÁVEIS EM CRISE FINANCEIRA

CONTRATOS DE VIABILIZAÇÃO DE EMPRESAS EM DIFICULDADES FINANCEIRAS — Estes contratos visam metas de produção e rentabilidade que possibilitem a sua recuperação e a manutenção dos postos de trabalho. Os contratos, a ser celebrados com as instituições de crédito nacionalizadas, incluirão diversos incentivos económicos, financeiros e fiscais, devendo este ser definidos pela Assembleia da República sob proposta do Governo.

FACILIDADES FINANCEIRAS PARA EMPRESAS SUJEITAS A CONTRATOS DE VIABILIZAÇÃO — Prevêem-se medidas de carácter financeiro relacionadas com as amortizações, isenção e ou redução de contribuição industrial e imposto complementar, sisa para empresas que mediante objectivos concretos de desenvolvimento, necessitem de apoio para serem viáveis.

REAVALIZAÇÃO DE ACTIVOS DAS EMPRESAS — No sentido de resolver situações mais urgentes e controláveis, como as que decorrem dos processos de saneamento económico e financeiro das empresas, com ou sem intervenção, o Governo decreta determinadas medidas, nomeadamente: a reavalização dos bens do activo imobilizado corpóreo de empresas privadas, de demonstrada viabilidade económico-financeira, incluindo as empresas sob intervenção do Estado. Tais reavalizações serão autorizadas, caso a caso, por despacho conjunto do ministro das Finanças e do ministro que superintenda no sector de actividade a que a empresa pertença e tem por objectivo evidenciar as respectivas mais-valias resultantes da desvalorização monetária e ou das valorizações intrínsecas desses mesmos bens.

INSENÇÕES FISCAIS DECORRENTES DA REAVALIZAÇÃO DE ACTIVOS DAS EMPRESAS — Enviada à Assembleia da República uma proposta de lei, que prevê a concessão de benefícios fiscais traduzidas no desagravamento total ou parcial do imposto de mais-valias devido pela incorporação da respectiva reserva no capital

Continua na pág. 6

MEDINA CARREIRA NA TV

"Desvalorização impunha-se: os números não enganam"

«A desvalorização impunha-se» — afirmou o ministro Medina Carreira ontem à noite numa comunicação ao país através da televisão, pouco depois de a desvalorização ter sido anunciada.

O ministro das Finanças situou a decisão do Governo na sequência do processo que tem vindo a realizar nos últimos anos a economia e as finanças portuguesas.

«Até 1973 conseguimos acumular saldos positivos na balança de pagamentos, constituindo avultada reserva de ouro e divisas» — disse. — «Isto, apesar de, nas trocas externas de mercadorias sermos permanentemente deficitários. No último ano trimestre de 73 desencadeou-se uma grave crise económica internacional, ainda não ultrapassada, e a que seria impossível furtarmo-nos. A alta generalizada dos preços do petróleo, das matérias-primas e dos bens alimentares, e a retracção dos nossos mercados tradicionais, deixam as sementes de um mal profundo que, em vez de ser combatido, foi em certas circunstâncias estimulado».

Medina Carreira ainda: «Os números não enganam: as disponibilidades líquidas do Banco de Portugal sobre o exterior eram de 72 milhões em fins de Abril de 74. E continuaram a descer alarmantemente desde então. Não se estranhará, pois, que já no termo de 1974 a balança de pagamentos portuguesa acusasse um *déficit* de 16 milhões de contos. Em 1975, de 26 milhões, e, em 1976, qualquer coisa da ordem dos 35 milhões. Em três anos acumulámos cerca de 77 milhões de contos de *déficit*, mais de 70 mil contos de média diária. Com a agravante, porém, de que o *deficit* tem vindo sempre a crescer em valor absoluto, embora com nítida desaceleração: 63 por cento de 74 para 75, e 26 por cento para 76. Por isso, no ano findo, o *deficit* diário médio já rondou os 100 mil contos. As nossas reservas em divisas esgotaram-se, o ouro levaria o mesmo fim se o Governo Constitucional não adoptasse ou aceitasse medidas drásticas».

Medidas drásticas: — disse o ministro das Finanças — «a desvalorização é uma delas. Outras se impõem e estão a ser tomadas».

Para o ministro, a desvalorização não é «uma terapêutica milagrosa»: a desvalorização tem custos sociais, tal como os teriam outras alternativas. A continuar a delapidação das nossas reservas existentes, seria a bancarrota, o caos social dentro de alguns meses.

Ainda segundo o titular das Finanças, outra alternativa, a de fechar o país proibindo a entrada de grande parte do que nos é essencial, provocaria um rápido e acentuado acréscimo do desemprego, a depressão económica generalizada e carências brutais para o conjunto da população e em especial para as classes trabalhadoras.

Ainda: segundo Medina Carreira, a não se tomar a decisão de ontem, ficaria destruído ou adiado de décadas o projecto de Portugal entrar na CEE.

PHILIPS

SALA DE EXPOSIÇÕES - LISBOA

Com o objectivo de dotar os serviços da nossa Sala de Exposições de Lisboa com os meios mais funcionais e modernos de demonstração e proceder a uma beneficiação geral das suas instalações, vemo-nos forçados a encerrá-la ao público na semana de 28 de Fevereiro a 6 de Março, reabrindo no dia seguinte, no horário habitual.

Contamos com a boa compreensão dos nossos Clientes pelos transtornos que esta interrupção lhes possa eventualmente ocasionar.

PHILIPS PORTUGUESA, SARL

Nacional

MÁRIO MURTEIRA AO "DL"

"O mais preocupante é que a desvalorização não chega..."

«A ideia que imediatamente ressalta é que o Governo foi forçado a aceitar diversas pressões às quais até agora tinha conseguido resistir e não é preciso muita lucidez para ligar isto às demoras do empréstimo americano» — declarou-nos esta manhã o economista e professor catedrático dr. Mário Murteira, abordado para nos dar uma interpretação dos efeitos práticos e consequências da desvalorização do escudo ontem anunciada e decidida pelo Governo.

Na sequência desta opinião Mário Murteira sublinhou que o que parece excepcionalmente preocupante é que, no caminho que as coisas estão a seguir, esta desvalorização não será suficiente, no ponto de vista dos interesses que estão por de trás» admitindo a eventualidade de, no prazo de um ano, ser necessário contar com nova desvalorização.

Interrogado sobre outras alternativas, diferentes da desvalorização, que eventualmente estivessem ainda ao alcance do Governo, aquele categorizado economista afirmou-nos que «Nas condições que ele próprio criou, o Governo não tinha outra alternativa» e chamou a atenção para o facto de o mais corrente numa solução deste tipo «é os problemas não se resolverem, mas as suas causas agravarem-se, ou seja, em lugar de se corrigir o «deficit» da balança de pagamentos, e em lugar de se reduzir o individamente externo, ele aumente cumulativamente». Isto porque, sublinhou Mário Murteira, «o essencial não está na esfera financeira mas na esfera real das estruturas produtoras».

«Em termos de dívida externa, muito volumosa — considera Mário Murteira — a desvalorização significa um aumento dessa divida em termos de escudos».

Quanto aos reflexos sobre o custo de vida «é um factor de inflação e isto agrava o processo inflacionário». Refere-se depois aos números de 1976, os quais «mostram que o valor das nossas importações foi duas vezes e meia superior às exportações, o que é catastrófico».

Analisando depois os efeitos da desvalorização sobre a balança de pagamentos, Mário Murteira comentou: «O raciocínio que se fez é que, desvalorizando o escudo, as exportações tornam-se mais baratas. Supõe o Governo que vai aumentar as exportações num valor compensador. E muito duvidoso que isso aconteça; se acontecer será numa escala inferior às importações. Haverá algumas reduções nas importações mas nós dependemos de tal modo delas que não podemos reduzi-las drasticamente e o nosso produto exportado tem um elevado componente de matéria-prima importada».

É fácil de concluir que as grandes vítimas da desvalorização vão ser os trabalhadores e os reformados. Para os detentores de poupança, sublinha Mário Murteira, esta medida «significa uma desvalorização de um activo em termos de equivalência de uma poupança expressa em escudos».

— Quem ganha com isto? — perguntámos.

«Para investidores estrangeiros há uma vantagem de 15 por cento. Significa uma redução no valor da força de trabalho dos operários portugueses. Beneficia as multinacionais. No que se refere aos empresários nacionais isso depende da forma como eles estão ligados ao mercado internacional. Um dos argumentos que se põe como favorável é a capacidade de, ao menos em termos teóricos, substituir importações. Mas aí há um aspecto fundamental que é a maneira chocante como o Governo quer tratar a questão». E Mário Murteira remete-nos novamente para o aspecto já referido das medidas tomadas serem «essencialmente de carácter monetário e financeiro» e «não respeitarem directamente à produção.»

Comunicado do Conselho de Ministros

Continuação da pág. 5

das sociedades anónimas, em comandita, por acções ou por quotas.

POLÍTICA DE CRÉDITO

. . TAXA DE REDESCONTO — A taxa de desconto do Banco de Portugal sobe de 6,5 para 8 por cento. Nas operações de redesconto o Banco de Portugal praticará taxas escalonadas em função do volume de responsabilidade dos bancos.

São igualmente reajustadas as taxas das operações activas e passivas das operações activas e passivas das instituições de crédito, revendo-se, e por outro lado, as exigências de reservas mínimas de caixa.

BONIFICAÇÃO DO CRÉDITO AO INVESTIMENTO — Uma circular do Banco de Portugal estabelece a bonificação de taxas de juro nos créditos ao investimento para a ampliação da capacidade produtiva ou substituição de equipamentos obsoletos.

FUNDO DE GARANTIA DE RISCOS CAMBIAIS — Para obviar aos inconvenientes decorrentes da inexistência de um mecanismo de garantia de câmbio, um decreto-lei cria um fundo dispondo de um milhão de contos de capital, com a finalidade de assumir os riscos resultantes da fixação da taxa de câmbio em operações de crédito externo de interesse nacional.

ALARGAMENTO DO CRÉDITO AGRÍCOLA DE EMERGÊNCIA — Foram estudadas e estão em via de estabelecimento, normas, baseadas em inquéritos técnicos, que vão possibilitar a planificação e coordenação da concessão do Crédito Agrícola de Emergência, de acordo com o postulado da rentabilidade das explorações e correcta aplicação dos créditos concedidos. Para já, o montante do aval global concedido pelo Instituto de Reorganização Agrária, poderá atingir os 7 milhões de contos.

AVALES DO IAPME! — É alargado para 2 milhões de contos o montante do **plafond** de avales a conceder ao IAPME! (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresa Industriais).

REGIME DE REGISTO DE TÍTULOS AO PORTADOR — Aprovado o projecto de decreto-lei que na sequência de disposições já em vigor regulamenta o regime de registo de títulos ao portador.

O regime agora estabelecido dá aos titulares a opção do registo na sociedade emitente ou o seu depósito numa instituição de crédito.

CONCESSÃO DE FACILIDADES NO PAGAMENTO DE IMPOSTOS — Aprovado um decreto-lei que estabelece os regimes em que são concedidas facilidades no pagamento de impostos, designadamente o Imposto Complementar.

ALTERAÇÃO DOS LIMITES DAS ÁGUAS TERRITORIAIS PARA 200 MILHAS — Estabelecida uma zona económica exclusiva, cujo limite exterior, é uma linha em que cada ponto se encontre a uma distância de 200 milhas marítimas do ponto mais próximo de linha de base a partir da qual se mede a largura do mar territorial português.

O estabelecimento da zona económica exclusiva terá em conta as normas de direito marítimo internacional, nomeadamente no respeitante à navegação e ao sobrevoo inofensivos das águas em questão.

APOIO À UTILIZAÇÃO DA MARINHA MERCANTE NACIONAL — A necessidade de recoversão do sector e de defesa da nossa balança de fretes impõe a necessidade de estabelecer os necessários apoios à Marinha Mercante Nacional.

Assim, por decreto-lei estabelece-se normas de utilização obrigatória de navios portugueses ou afretados por armadores nacionais nas exportações e importações realizadas por entidades públicas, ressalvando-se situações de reciprocidade ou contidas em acordos e convenções internacionais.

O GABINETE PARA PESQUISA E EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO — Aprovada a constituição no Ministério da Indústria e Tecnologia de um Gabinete para a Pesquisa e Exploração de Petróleo em Portugal, correspondendo à necessidade da existência de um serviço público autónomo que proceda ao acompanhamento, sob o ponto de vista técnico e económico, dos trabalhos relacionados com a prospecção, pesquisa, desenvolvimento e exploração de recursos petrolíferos em Portugal.

Tem-se em vista a necessidade de assegurar a definição da política a seguir pelo Estado, quer na instituição de novos regimes de concessão ou de prestação de serviços, quer na fiscalização dos trabalhos que se forem executando, na prospecção de petróleo em Portugal.

MODIFICAÇÃO DO ACTUAL REGIME DE HORÁRIOS DO COMÉRCIO — Decreto-lei que permite estarem abertos entre as 8 e as 24 horas de qualquer dos dias da semana, os estabelecimentos de venda ao público e de prestação de serviços, sobre os quais não incide legislação especial.

Os horários, diversificados, têm a duração semanal e diária estabelecida na lei, contrato ou instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho, competindo às câmaras municipais, ouvidas as associações de trabalhadores, consumidores e patronais e os Ministérios do Comércio e Turismo e do Trabalho, fixar os períodos de abertura, prevendo-se a revisão dos períodos de abertura noventa dias a contar da entrada em vigor do presente diploma. Nenhuma das regalias dos trabalhadores será prejudicada, embora se admitindo reajustamentos.

ALARGAMENTO DO ÂMBITO DE ATRIBUIÇÃO DO SUBSÍDIO DE DESEMPREGO — O Decreto-Lei n.º 169 - d/75, que regulamentou o regime de atribuição do subsídio de desemprego é objecto de revisão. Introduzindo-se, agora, apreciáveis e significativas melhorias, nomeadamente com a elevação do montante percentual do subsídio em relação ao salário mínimo nacional, quanto ao âmbito da sua aplicação e quanto à celeridade de atribuição devido à simplificação dos requisitos formais exigíveis.

EMPRESAS EM AUTOGESTÃO — Foi também aprovada uma proposta de lei que regulamenta a situação das empresas em autogestão, ao abrigo de credenciais e mitidas pelos Ministérios do Trabalho ou da Tutela.

A proposta encara com decisão a situação de facto criada nessas empresas, com vista a enquadrar a gestão pelos trabalhadores até à definição, pelos tribunais judiciais, da situação dos respectivos proprietários.

A posse útil e a gestão da empresa são provisoriamente transferidas para o colectivo dos trabalhadores, sob a tutela do Instituto Nacional das Empresas em Autogestão, de que igualmente é proposta a criação à Assembleia da República.

Esta situação manter-se-á até que:

a) Decorra o prazo de dois anos sem que os proprietários da empresa intentem acção de reivindicação ou de restituição de posse, hipótese em que o direito de acção caducará e a sua propriedade da empresa se transporte para o Estado.

b) Seja proferida decisão em acção de reivindicação ou de restituição de posse intentada no referido prazo de dois anos.

c) Exista acordo entre os proprietários da empresa e o colectivo dos seus trabalhadores.

d) O Estado expropria a empresa ou a respectiva sua propriedade.

As empresas não serão restituídas aos respectivos proprietários sempre que estes as tenham ou sempre que os trabalhadores tenham iniciado a sua gestão em situação de falência.

A proposta regula ainda o destino dos lucros e transfere para o Instituto Nacional de Apoio às Empresas em Autogestão os poderes que, em situação normal, competiriam à assembleia geral e ao conselho fiscal.

SEGURANÇA SOCIAL

. . PENSÕES DE REFORMA — Pela Portaria 94/77, de 23 de Fevereiro, foram actualizadas as pensões de reforma do regime geral da Previdência Social.

Com esta medida abrangeram-se cerca de 300 mil pensionistas, cujo aumento médio do valor de pensão foi da ordem dos 520$00, sendo de notar que mais de 50 por cento dos pensionistas auferiram aumentos entre 500$00 e 750$00, ao msmo tempo que se decidiu fazer incidir a medida apenas para as pensões até 12.000$00.

REGIME DE PREVIDÊNCIA DE TRABALHADORES INDEPENDENTES — O desenvolvimento de medidas tendentes à consecução do objectivo de generalizar a toda a população os direitos que ao sistema unificado de segurança social cabe tornar efectivos, representa uma das metas fundamentais da actuação deste sector.

Assim, acaba de ser aprovada a Portaria que institui o regime de Previdência Social para os trabalhadores independentes, ficando abrangidos todos os trabalhadores que exerçam a sua actividade sem vinculação a um contrato de trabalho.

Dá-se, pois, mais um importante passo no sentido dos objectivos referidos, já que, com esta medida, se alarga o âmbito da acção da segurança social a mais 200 mil trabalhadores.

PENSÃO SOCIAL — Ainda na mesma perspectiva que tem em vista a cobertura de protecção social integral se insere um despacho, que acaba também de ser aprovado, com o fim de regulamentar a generalização da pensão social a todas as pessoas com mais de 65 anos ou em situação de invalidez e cujos rendimentos não ultrapassem os 1250$00 mensais.

PRAZOS DE GARANTIA DAS PENSÕES — O esforço que vem sendo posto em prática no sentido da gradual construção e eficaz funcionamento do sistema unificado de segurança social impõe, a par de outras medidas, a correcção de importantes distorções e lacunas acumuladas no tempo e, ao mesmo tempo, a moralização de práticas inaceitáveis.

Com este objectivo, foi elaborado o diploma que altera para 60 meses com contribuições o prazo de garantia da pensão de velhice ao mesmo tempo que se fixa em 36 meses o período contributivo para as pensões de invalidez e de sobrevivência, redefinindo-se a coordenação com o período de protecção na doença.

Na verdade mais de 43 milhões de dias de trabalho perdidos, em 1975 em razão de baixa por doença e a necessidade de obstar a persistência de situações anómalas e geradoras de abusos, justificam inteiramente esta medida, a qual conjugada com os efeitos a colher da generalização da pensão social evitará situações de desprotecção.

ADESÃO À CONVENÇÃO EUROPEIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E MÉDICA — Intensificando o aproveitamento das vantagens da cooperação multilateral em matéria de segurança social foram desencadeadas as diligências necessárias à adesão de Portugal à Convenção Europeia de assistência social e médica.

A relevância desta medida dimensiona-se em termos dos importantes benefícios que passam a ser garantidos, em termos de direitos sociais, ao elevado contingente dos nossos trabalhadores emigrantes em vários países da Europa já signatários daquela Convenção, beneficiando nos países de trabalho, da igualdade de tratamento na assistência social e médica, com os nacionais desses países.

SAÚDE

CRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA DE URGÊNCIIIA E REANIMAÇÃO (SAMUR) — Tendo em vista o desenvolvimento de um plano global de emergência médica para a Região Norte do País, foi criado o SAMUR cuja acção se integra na necessidade de coordenar a prestação de serviços médicos de urgência e intensificar o ensino das modernas técnicas de reanimação.

REGULAMENTO DOS ÓRGÃOS DE GESTÃO E DIRECÇÃO DOS HOSPITAIS — Na sequência da aprovação da Lei Orgânica Hospitalar, foi aprovado aquele regulamento cuja necessidade se fazia sentir face a lacunas ou desadequação de disposições legislativas, facto gerador de condicionalismos de indisciplina a que importava pôr cobro.

REGULAMENTO DA COMPETÊNCIA DAS COMISSÕES ADMINISTRATIVAS E DAS COMISSÕES COORDENADORAS DAS ADMINISTRAÇÕES DISTRITAIS DE SAÚDE — A criação das administrações distritais de saúde enquadra-se no processo de levantamento do processo de transformações estruturais aos diferentes níveis da actuação do sector da saúde e aquele regulamento estabelece as respectivas atribuições.

Este conjunto de medidas de que se expõem os traços essenciais, tem uma coerência e visa um objectivo: salvar e relançar a economia nacional; defender e consolidar a democracia.

Ao comunicá-las ao País, o Governo Constitucional confia no bem senso, na consciência patriótica e na coragem do Povo Português para enfrentar e vencer as dificuldades, com a mesma determinação com que o fez noutros períodos, igualmente difíceis, da sua história.

O que está em jogo é o futuro do nosso Povo, é o futuro da nossa Pátria, como nação livre, digna e democrática.

É esse futuro que vamos construir, com aquela força de vontade que é timbre dos Portugueses.

CARTER E CARLUCCI

. . O Conselho de Ministros tomou conhecimento do comunicado de Imprensa da Casa Branca sobre o encontro do presidente Carter com o embaixador Carlucci.

O embaixador está em Washington para apresentar e defender perante o subcomité do Senado Americano, presidido pelo senador Humphrey e o subcomité para a Europa e Médio Oriente da Câmara dos Representantes, presidido pelo sr. Hamilton, a participação dos Estados Unidos no Consórcio Internacional que emprestará a Portugal 1,5 biliões de dólares em crédito a médio prazo durante os próximos três anos.

Durante o encontro, o presidente Carter reafirmou o suporte activo da sua administração à causa da democracia portuguesa.

Comunicou ao embaixador Carlucci a sua grande admiração pelo que o Governo Português fez para construir instituições democráticas e livres.

O presidente afirmou ao embaixador Carlucci o seu forte apoio ao Consórcio e o seu desejo de que seja aprovado pelo Congresso.

O presidente pensa enviar mensagens pessoais aos «leaders» dos diferentes aliados no estrangeiro, pedindo o apoio destes para o Consórcio Internacional.

Desta maneira, indicou o presidente, estamos a contribuir para apoiar os esforços de Portugal na construção da democracia.»

"Homem da rua" pronuncia-se

Que pensa o chamado «homem da rua» da desvalorização do escudo ontem anunciada? Ao que nos foi dado verificar nesta rápida auscultação à opinião pública, muita gente terá sido apanhada de surpresa. À nossa pergunta («Que pensa da desvalorização da nossa moeda?») as pessoas respondiam que «não tinham tido tempo de pensar sobre o facto».

No entanto, obtivemos algumas respostas completas. Assim, para Benjamim do Aido, funcionário público, morador em Lisboa, a desvalorização é posta nestes termos:

. «Penso que é mau para os trabalhadores. Ainda agora nos deram 15 por cento de aumento e já no-lo tiram. Sim, porque venham lá com a conversa que vierem, quem paga as consequências **dessa coisa** somos nós.»

. Armando Barata, empregado comercial e também residente em Lisboa, respondeu-nos:

. «Isso da desvalorização é uma coisa complicada. No entanto, parece-me que quem vai ser mais prejudicado somos nós, os que trabalham e auferem vencimentos que não competem com o custo de vida. Desvalorizada a moeda, os aumentos não servem para nada.»

. Margarida Meira, telefonista:

. «Para mim também foi uma surpresa. Penso que se os governantes estão de boa-fé, talvez a medida não seja má de todo. Mas faço aqui uma reserva: é que continuo a ver muita gente a nadar em luxo, enquanto o trabalhador se vê sobrecarregado. Os vencimentos, por exemplo, continuam congelados. Para já, o nosso poder de compra fica limitado. Será que antes de tomar a medida se pesaram bem todas as consequências?»

Benjamim do Aido: «Penso que é mau para a gente»

Armando Barata: «É uma coisa complicada»

Margarida Meira: «Se os governantes estiverem de boa-fé...»

Transacções de moeda estrangeira

Da delegação do Totta e Açores do aeroporto — a única instituição bancária que hoje (sábado) efectua trocas cambiais — informam que não alteraram o valor da moeda nas transacções que estão fazendo a viajantes com bilhetes comprados (únicos que podem comprar e vender moeda), porque o Banco de Portugal está fechado. Os primeiros reflexos da desvalorização a nível cambial serão sentidos na segunda-feira.

No que se refere à libra ouro e às restantes moedas transacionáveis pelo seu valor «de colecção», informam-nos que os preços ainda não foram afectados porque já há muito tempo que as compras e as vendas se efectuavam por preços muito superiores aos do Banco de Portugal. No caso da libra ouro, por exemplo, a compra já se está efectuando a mais 150$00 por unidade.

Trabalho

QUINTA-FEIRA, EM LISBOA

Jornada de luta do comércio para debater problemas do sector

— novos horários provocam manifestação

A semana inglesa dos trabalhadores do comércio, que um decreto agora aprovado em Conselho de Ministros veio pôr em causa sem prévia consulta aos interessados, será uma das questões a debater durante a jornada de luta marcada para a próxima quinta-feira, dia 3 de Março, pelo grupo promotor

O diferendo em torno do acordo colectivo de trabalho da Marconi está longe de ser superado. Depois da suspensão do trabalho durante três horas, ontem à tarde, o pessoal decidiu, em reunião geral, adoptar um programa de paralisação progressiva que será discutido na especialidade na próxima sexta-feira. Até lá não se prevêem novas paralisações.

Os trabalhadores lutam para ver consagrada na regulamentação colectiva de trabalho uma tabela salarial que permite fazer frente ao aumento do custo devida e diminuir as disparidades existentes entre o conjunto do pessoal e os quadros técnicos e as chefias. Estão em causa, ainda, o horário semanal de trabalho bem como as condições em que os trabalhadores podem ser transferidos para as delegações da empresa.

O impasse das negociações, que duram há sete meses, foi provocado pela administração, que se manteve irredutível, até ao último momento, apresentando propostas que a comissão negociadora sindical e os trabalhadores consideram totalmente insatisfatórias.

A Marconi é uma empresa maioritariamente pertencente ao Estado, que, só nos anos de 74 e 75, teve lucros da ordem dos 200 mil contos.

de uma assembleia geral extraordinária a analisar a actuação dos corpos gerentes do Sindicato do Comércio do Distrito de Lisboa e a deliberar sobre a sua eventual destituição.

A jornada insere-se num conjunto de acções que vêm sendo desenvolvidas por uns vastos sector de sócios daquele Sindicato com vista a «pôr definitivamente o Sindicato ao Serviço dos trabalhadores». Para isso estão marcadas concentrações em todo o distrito, em pontos de encontro já assinalados, a realizar à hora de almoço ou ao fim da tarde. Estarão presentes elementos do grupo promotor, eleito durante a reunião geral de sócios realizada no dia 12 de Dezembro no Instituto Superior Técnico, que dialogarão com os trabalhadores presentes, dinamizando a discussão em torno de problemas bastante sentidos pela classe e de questões respeitantes ao seu sindicato.

«Vamos voltar a trabalhar ao sábado à tarde e alguns ao domingo? Vamos continuar com os salários a diminuir face ao galopante aumento do custo de vida? Vamos permitir que a nossa quotização não siga para o sindicato? Vamos deixar que uma lei inconstitucional permita aos patrões despedir a seu bel-prazer?» — estas perguntas traduzem preocupações largamente sentidas pelos trabalhadores do comércio, que motivam convocatória para a jornada de luta subscrita pelo grupo dinamizador.

O sproblemas sindicais encontram-se intimamente ligados a essas preocupações. Trata-se de avaliar em que medida a direcção do Sindicato tem defendido os interesses dos trabalhadores e os tem mobilizado; se tem respeitado a sua vontade, se os tem consultado, se tem defendido a sua unidade, se lhes tem prestado contas da aplicação do dinheiro dos sócios.

As concentrações permitirão centralizar os abaixo-assinados já largamente subscritos pela classe, em apoio à convocatória da assembleia geral extraordinária para destituir a direcção. O requerimento legal foi entregue no passado dia 18, subscrito por 689 sócios. Entretanto, o grupo promotor tem já em seu poder documentos de apoio a esta iniciativa, assinados por mais de quatro mil associados.

MANIFESTAÇÃO

Entretanto, a direcção do Sindicato convocou uma manifestação para as 18 horas da próxima segunda-feira «a fim de manifestar ao Governo a nossa indignação e recusa pela oposição que acaba de assumir pretendendo roubar a Semana Inglesa aos trabalhadores do comércio».

Está em causa um diploma aprovado pelo Governo, com carácter de urgência, que permite a alteração do período de funcionamento dos estabelecimentos de comércio, com novos horários de abertura e encerramento entre as 8 e as 24 horas de qualquer dia da semana (incluindo sábados e domingos). Esta medida choca-se com o que os trabalhadores do comércio sentem como uma importante conquista sua: a «semana inglesa», obtida ainda pelo descontentamento dos sócios.

Os manifestantes concentram-se no Rossio, pelas 18 horas, desfilando depois até S. Bento.

da no tempo do fascismo à custa de um considerável e bem sucedido esforço de luta e de organização.

A direcção do Sindicato, que não se tem notabilizado pela defesa dessa conquista das medidas agora adoptadas terem sido desde há muito anunciadas pelo Governo, vem agora promover uma resposta pública, que pretende maciça, da classe que a elegeu, no momento em que estão à vista as consequências da jornada de luta de quinta-feira, motiva-

PÃO DE AÇUCAR

Que futuro?

O Conselho de Ministros nada decidiu sobre a concessão do aval solicitado desde Novembro do ano passado pela Comissão Administrativa dos Supermercados Integrados (Pão de Açucar, Nutripol e A.C. Santos). Perante o silêncio governamental, aquela comissão decidiu suspender a sua actividade até segunda-feira próxima. O secretário de Estado do Comércio mandou, na quinta-feira passada, suster a devolução de 50 mil contos de letras depositadas no Banco Totta e Açores pelo prazo de 24 horas, rementendo para o Conselho de Ministros a solução do problema de tesouraria, que causa justificada apreensão entre os trabalhadores. Receia-se que estejam a ser criadas condições para a recuperação capitalista das empresas associadas, Em plenário das CT's foi exigido que o Governo mantivesse a intervenção estatal pelo tempo julgado necessário para o estudo das soluções mais adequadas. Por seu lado, a Federação dos Sindicatos do Comércio lembra, em comunicado recente, que o Governo controla, através da intervenção nos Supermercados Intregrados, 20 por cento da distribuição de produtos alimentares nas grandes zonas urbanas, facto que por si só aconselha para a tomada urgente de soluções, com necessária consulta aos trabalhadores.

TÊXTEIS

Reunião sindical amanhã

Patrões estudam hoje protocolo

. Para ponto da situação, o Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul convocou os seus associados para uma reunião que deverá decorrer amanhã à tarde no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico. A convocatória refere-se também à tomada de «medidas adequadas», conforme ao desenvolvimento das negociações do Contrato Colectivo Único e Vertical. Entende o Sindicato que «aos trabalhadores têxteis não basta teoria nem razões orais; o que é necessário é que se passe à prática e a justiça apareça, pois são inadmissíveis as atitudes provocatórias do patronato reaccionário, que tudo faz para intimidar os trabalhadores em luta». Grevistas têm sido atacados e intimidados em fábricas. Aconteceu na Riopele, na Maivest, em tantas outras — evoca o texto convocatório da reunião de amanhã.

Entretanto, as associações patronais anunciaram ontem no Porto que não mais dialogarão com os representantes sindicais, «enquanto se mantiverem formas de pressão como a greve e as paralisações parciais». Reunidos na sede nortenha da C. I. P., os patrões não pouparam nas suas críticas o próprio Ministério do Trabalho. Estava marcada para o fim da manhã de hoje, no entanto, um encontro entre o patronato e o subsecretário de Estado Maldonado Gonelha, com o objectivo de ser estudado o projecto de protocolo do M. T., cujo teor parece salvaguardar a irreversibilidade de conquistas obtidas pelos trabalhadores e que os patrões insistem em destruir.

Fernando Barroso, da Comissão Negociadora Patronal, produziu afirmações em que merecerá a pena reparar. Segundo ele, os representantes do patronato «sempre têm comparecido às reuniões de negociação e conciliação, à excepção das duas últimas». Para Barroso, as faltas resultaram da não existência «de condições e de liberdade indispensáveis para o prosseguimento das negociações, nomeadamente greves». Como se a greve não fosse um direito inalienável dos trabalhadores, consagrado aliás na Constituição da República. O que realmente tem acontecido é que, por exercerem tal direito, operários têm sido vítimas de repressão (as tais condições de «liberdade»?) que revestem formas várias, desde as agressões às suspensões. Delegados sindicais e elementos das comissões de trabalhadores têm sido os alvos predilectos nas muitas dezenas de processos disciplinares instaurados por patrões e administradores.

Por outro lado, a Comissão Negociadora Sindical apresentou ontem protesto ao ministro da Administração Interna contra a maneira como a G. N. R. tem actuado contra grevistas. A C. N. S. solicitou também audiência ao Presidente da República. A U. S. L. (União dos Sindicatos de Lisboa) aprovou, entretanto, durante a sua última reunião, um documento no qual expressa a sua solidariedade à luta dos têxteis. A U. S. L. chama a atenção para a gravidade da situação no sector e para a necessidade de uma resolução urgente do conflito que se arrasta.

De acordo com o evoluir dos acontecimentos, as organizações representativas dos trabalhadores decidirão acerca das formas de luta adequadas. Para já, as paralisações de uma hora diária em cada turno prosseguirão, em princípio, até ao dia 2 de Março, sendo no entanto de admitir o seu levantamento, caso o patronato venha a aceitar o protocolo de declaração de princípios que lhe é apresentado pelo Ministério do Trabalho.

«DISTINGUO»

Segundo nota do Ministério do Trabalho, é falsa a afirmação atribuída ao ministro segundo a qual teriam sido precipitadas as suas declarações «imputando carácter político à paralisação do sector». Segundo a mesma nota, «o que o ministro do Trabalho afirmou na reunião com os sindicatos foi que, independentemente das intenções dos sindicatos, os efeitos desta greve eram efectivamente políticos.»

C.G.T.P.-I.N. AFIRMA

Decreto sobre gestão da saúde é contrário aos trabalhadores

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional tomou posição contra o Decreto regulamentar 12/77, recentemente publicado, que atribui a direcção central dos serviços médico-sociais a uma comissão instaladora e designa para as comissões de gestão distritais pessoas que «de preferência exerçam funções nos serviços», excluindo portanto os trabalhadores e seus órgãos representativos da gestão da saúde.

Acusando o Governo de mais esta prepotência, a C. G. T.P.-I.N. demonstra como esta medida contraria os direitos dos trabalhadores defendidos já em legislação progressista publicada sobre a matéria e a própria Constituição. No comunicado, a C. G. T. P.-I. N. recorda que o Decreto-Lei 488/75, que criou as Administrações Distritais de Saúde (estas teriam o objectivo de coordenar em cada distrito os meios médicos dispersos por várias organizações), reconhecia a participação dos trabalhadores, através de representantes de dois sindicatos, e das populações em geral através dos municípios, nos seus órgãos directivos. Também a portaria 431/76, que determina a separação dos Serviços Médico-Sociais da Previdência, para posterior integração com os Serviços de Saúde no distrito, determina que os representantes sindicais do distrito participarão nessa reorganização. Por seu lado, a Constituição reconhece aos Sindicatos o direito de participar na gestão de «organizações que visem defender os interesses das classes trabalhadoras. Lembra ainda a C. G. T. P.-I.N. que a marginalização, no passado, dos sindicatos, deste campo tão importante, «trouxe como resultado ser Portugal o pais mais atrasado da Europa em matéria de saúde.»

«É lamentável que o Governo, por um lado, se vá basear na ordem jurídica fascista, e por outro, se esqueça da legislação progressista do pós-25 de Abril e da garantia da Constituição, não integrando os representantes das populações (municípios) e dos trabalhadores (Sindicatos), tanto a nível central como a nível distrital», afirma a C. G. T. P.-I. N., que salienta ainda o facto de este decreto regulamentar estipular que «o financiamento dos Serviços Sociais» será assegurado pelos fundos da Previdência até que se possa cumprir o art.º 64 da Constituição, ou seja o financiamento pelo Estado.

Patronato farmacêutico cria impasse

Os representantes das associações patronais da indústria farmacêutica criaram um impasse na negociação do protocolo regulamentador das futuras negociações do CCTV do sector, solicitando a intervenção do Ministério do Trabalho.

Esta atitude da Comissão Negociadora Patronal verificou-se após quatro reuniões, em que as partes chegaram a acordo nalguns pontos, nomeadamente quanto ao prazo de 45 dias para negociar o contrato e a obrigatoriedade de se elaborar e assinar as actas de cada reunião, o que implica que o patronato não poderá voltar atrás com as suas decisões.

A Comissão Negociadora Sindical alerta os trabalhadores para o facto de o patronato utilizar como manobra estratégica a inclusão no seu projecto de protocolo, matéria respeitante ao articulado no Contrato Colectivo de Trabalho que «como é evidente só nas respectivas negociações é que deve ser discutido.

10.900$
ITÁLIA
8 dias TUDO INCLUÍDO
PENTA
ROMA, Perugia, Assis, FLORENÇA,
Bolonha, Pádua, VENEZA, Verona e Milão.
Partidas a 4 de Abril, 2 de Maio, 9 de Maio,
6 de Junho e 13 de Junho.
agência de viagens da companhia nacional de navegação
Rua do Comércio, 85 - Lisboa Telefs. 323021-366315-365215
Em colaboração com a Alitalia

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

GRANDE MANIFESTAÇÃO EM DEFESA DA SEMANA INGLESA

Face à recente deliberação do Conselho de Ministros em **retirar aos Trabalhadores do Comércio a Semana Inglesa, a Direcção deste Sindicato declara paralisação total da actividade dos Trabalhadores do Comércio na próxima segunda-feira, dia 28 de Fevereiro, às 18 horas,** convocando todos os trabalhadores para uma grande manifestação de protesto.

— **CONCENTRAÇÃO ÀS 18 HORAS NO ROSSIO**
— **DESFILE ATÉ S. BENTO**
— **ENTREGA AO PRIMEIRO-MINISTRO DA TOMADA DE POSIÇÃO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO**

* **Pela defesa da Semana Inglesa**
* **Não ao avanço dos monopólios**
* **Contra o capitalismo pelo socialismo**
* **Em frente, pela defesa dos interesses da classe**

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1977

Pel'A Direcção

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES URBANOS DE LISBOA

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

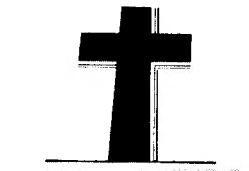
COMUNICADO

Tendo em conta que os sectores que representam (transportes) se interligam e que os probuemas que têm surgido afectam igualmente os associados de ambos os Sindicatos, as Direcções dos Sindicatos de Transportes Urbanos de Lisboa e Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa reuniram-se pela primeira vez no dia 21 de Fevereiro de 1977, a fim de analisarem em conjunto diversos probiemas e estudarem as formas de acção mais convenientes para encontrar uma solução para os mesmos.

Com o fim de se debruçarem sobre problemas e aspectos gerais da Verticalização, as Direcções acordaram em promover, brevemente, novas reuniões.

António Fernando Morais
SINDICATO DOS TRANSPORTES URBANOS DE LISBOA

António Nascimento Calado
SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA



MARIA DA PIEDADE DOMINGUES

FALECEU

Seu marido, filhos, mãe, irmão e restante família, participam a todas as pessoas de suas relações e amizade, que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença a sua querida esposa, mãe, filha, irmã e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10.30 horas, antecedido de missa de corpo presente na Igreja de St.º Condestável para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA ALTO PINA

Geral

SARA OCIDENTAL

A guerrilha incendiou o deserto no primeiro ano de independência

«O Conselho Nacional Provisório Saharui, em representação da vontade do povo da República Árabe Saharaui Democrática, proclama solenemente ante o mundo inteiro, com base na livre vontade popular e nos princípios e alternativas democráticas, a constituição de um Estado livre, independente e soberano regido por um sistema nacional democrático, árabe de tendência unionista, de religião islâmica progressista, que adquire como forma de regime o de República Árabe Saharaui Democrática».

É principalmente para as crianças e as mulheres dos campos de refugiados no Sara que vai ser canalizada a ajuda material recolhida no nosso País pelo Comité Português de Apoio à Frente Polisário.

Este foi o texto fundamental com o qual a Frente Polisário e o Conselho Nacional Provisório proclamaram a independência da RASD no dia 27 de Fevereiro do ano passado, na localidade de Bueir Lehlu, nas regiões libertadas do antigo Sahara Espanhol.

O primeiro aniversário dessa data festiva para os povos árabes progressistas e para toda a África combatente foi ontem comemorado em Lisboa. Na RAS as comemorações realizam-se amanhã à noite, com a presença de inúmeras delegações estrangeiras entre as quais duas portuguesas representando o Movimento de Unidade Popular e o Comité Português de Apoio à Frente Polisario.

A exemplaridade desta luta de um pequeno povo — a RASD terá um máximo de 750 mil pessoas, se tanto — contra as armas e o dinheiro dos imperialistas justifica que a opinião pública progressista a apoie incondicionalmente. Justifica também que a divulguemos em todas as circunstâncias até que o Exército de libertação do Sahara e com ela a Frente Polisario entrem em El-Aiun, para ficar e iniciar uma nova via de progresso e justiça para o povo saharaui.

«QUE TODOS OS PAÍSES DO MUNDO RECONHEÇAM A NOVA NAÇÃO»

Depois de afirmar a sua adesão aos tratados e compromissos internacionais, nomeadamente à Carta da ONU, à Carta da Organização de Unidade Africana, à Declaração Universal dos Direitos do Homem e à Carta da Liga Árabe, a proclamação da independência garantia ainda que «o povo árabe de RASD tendo decidido defender a sua independência e integridade territorial e exercer o controlo dos seus recursos e riquezas naturais, luta ao lado de todos os povos amantes da paz e da segurança internacionais».

A Declaração culmina pedindo «aos povos irmãos e a todos os países do mundo o reconhecimento desta nova nação», ao mesmo tempo que manifesta expressamente o desejo de estabelecer «relações recíprocas baseadas na amizade, a cooperação e a não ingerência nos assuntos internos».

Por ocasião da proclamação da independência já o território do Sahara Ocidental estava a ser invadido por forças agressoras de Marrocos e Mauritânia. A Espanha retirara sem entregar a soberania ao seu legítimo detentor, o povo do Sahara, através do seu representante directo, a F. Polisario. Daí que a independência tenha sido proclamada de modo a evitar o vazio jurídico do poder. Isto não obstante a luta que se iria agudizar e que torna hoje o Sahara Ocidental ingovernável para os ocupantes.

A situação a nível diplomático vai-se definindo, favorecendo a F. Polisario (a próxima cimeira extraordinária da OUA será determinante) e no terreno a situação — é a clássica de uma luta de guerrilhas bem sucedida contra um ocupante estrangeiro: cidades sitiadas, tropas bloqueadas sem mobilidade no exterior, caminho livre para os guerrilheiros em todo o território. Não interessa à F. Polisario a confrontação clássica e, por exemplo, tentar implantar-se numa cidade: os bombardeamentos marroquinos não se fariam esperar. Interessa sim desgastar o inimigo, fazer-lhe baixar o moral, destruí-lo economicamente e isolá-lo a nível diplomático. E isto está a ser perfeitamente conseguido.

As últimas notícias militares da região são extremamente animadoras para a F. Polisario: por um lado, e em meados de Janeiro, foi morto em combate o comandante Abdel-Krim El Jatabi, chefe das forças marroquinas de ocupação de Smara num violento choque com uma coluna da Polisario, sendo na mesma batalha postos fora de combate 200 homens; em segundo lugar, a F. Polisario fez duas recentes incursões, em profundidade, no solo mauritaniano, tendo numa delas ocupado a cidade por várias horas, realizado um «meeting» com a população e retirado com armas e algumas viaturas sem sofrer qualquer baixa.

Estas operações em Marrocos e na Mauritânia visam desmoralizar os respectivos regimes repressores, atacando-os pela retaguarda, e mostrar ao povo marroquino e mauritano que estão mesmo em guerra contrariamente ao que afirma a propaganda oficial.

PUB

COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL

OS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM LUTA

PORQUÊ?

A proposta do nosso CCTV — Construção Civil, foi apresentado em **15 de Maio de 1975.**

Até este momento, nunca o patronato apresentou qualquer contraproposta ou se sentou à mesa das negociações, fez sim, e habilidosamente, a transferência do problema para os diversos Governos que aquela equipa de longa data do Ministério da Habitação tão bem recheado de ex-colaboradores dos patrões têm sabido manter num impasse.

Em contrapartida, os trabalhadores sentem dia a dia o aumento do custo de vida, o aumento das contribuições, principalmente para a Previdência, sabendo por outro lado que aos patrões são perdoadas (pelo Governo) as dívidas para a mesma, ao mesmo tempo vêem aparecer legislação anti-operária (despedimentos, contratos a prazo, etc. etc.) o que muito prejudica os trabalhadores em geral e os da construção civil em particular.

Com todo este panorama era inevitável a movimentação dos trabalhadores, e, a sua mobilização em torno do contrato que apesar de desactualizado nalgumas partes, especialmente motivado pela modificação da situação política e social e também pela legislação que posteriormente entrou em vigor.

Podemos pois, concluir que, para sair desta situação, há necessidade de separar o processo em duas fases, tendo em atenção o seguinte:

Tabelas Salariais

Deverão ser imediatamente publicadas pelo Governo, que já as aprovou, em 2 de Setembro do ano passado

Clausulado

Deverá ser revisto de forma a actualizá-lo e forçar o início das negociações com as associações patronais

Para que esta posição seja respeitada e levada a cabo, por todos os órgãos de Poder e Associações Patronais, que já foram informados pela Comissão Negociadora a qual até este momento ainda não tem qualquer dado concreto.

Promõe-se a todos os trabalhadores da construção civil uma jornada de luta a efectuar no dia 3 de Março de 1977, durante toda a parte da tarde com paralisação do trabalho, pelos seguintes objectivos.

1 — Pela imediata entrada em vigor das tabelas salariais;
2 — Pela negociação do clausulado com o patronato;
3 — Contra a sabotagem patronal ao contrato;
4 — Contra os despedimentos;

Os trabalhadores manter-se-ão nos respectivos locais de trabalho durante a paralisação.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS
— A LUTA CONTINUA!

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL

Sindicato da Const. Civil Lisboa
Sindicato da Const. Civil do Alentejo
Sindicato dos Técnicos de Desenho
Sindicato dos Construtores Civis
Sindicato Const. Civil do Dist. Setúbal
Federação da Const. Civil do Norte
Federação dos Metalúrgicos
Federação dos Rodoviários
Federação dos Escritórios

Nacional

No 5.º Tribunal Militar Territorial

Lágrimas do tribuno Quental pela "pide" Maria do Carmo

Mais dois «pides» em liberdade: Torcato Augusto Correia, chefe de brigada na ex-PIDE/DGS e Maria do Carmo Monteiro, 36 anos, agente de primeira. Para o Torcato foram 10 anos de suspensão temporária de direitos políticos; para a Maria do Carmo «au point», sorridente e à vontade, foram dois anos de prisão maior. Com 180 dias de perdão e 22 meses de prisão já expiada, a «pide» Maria do Carmo teve o comevedor e solícito apoio da famigerada «pide» Albertina Gonçalves Dias e do advogado de defesa Quental de nome também ele famoso e agora, no 5.º Tribunal Militar, comovido e comovente. Trouxeram-lhe, à «pide» Maria do Carmo, durante o intervalo, bolinhos.

Na assistência gente e subgente afectas à ré. Como num palco, o tribuno Quental numa veemente defesa e num recordar nostálgico do Oriente.

Quental saudava a mesa do Tribunal. Chegada a vez do vogal, coronel Manuel Martins Pires, ensaiou a rábula. Para conhecimento de quem ainda se não esqueceu que o que está em julgamento são os executores de 50 anos de fascismo, da violência mais gratuita e brutal, da violação mais impune dos Direitos Humanos, para conhecimento de quem não desconhece os mortos, os torturados às mãos dos «criminosos inocentes» (cumpriam ordens e também escreviam à máquina), aqui fica a rábula do causídio Quental. Foi efectivamente declamada nas tábuas de um Tribunal Militar a propósito do julgamento de uma «pide», a despropósito de recordar a figura do vogal da mesa. Letra por letra: «Tudo o que eu puder dizer de V. Ex.ª pode entrar no domínio da suspeição. Mas não o deixarei de fazer. Vossa Excelência é dos oficiais que, longe de Lisboa, no Ultramar, em Dili e em Goa, eu tive a felicidade de conhecer, porque talvez por ser o que é, um dos oficiais mais puros, da melhor nata dos oficiais do Exército, eu consegui ter um ambiente lá longe da minha família, como se realmente fosse uma pessoa que superintendesse na minha educação. Efectivamente devo-lhe no que toca à minha orientação militar, aquilo que muitos filhos devem aos seus pais.

Não sendo brilhante a tirada, ela comoveu o próprio Quental. Uma lágrima furtiva esteve vai-não-vai para cair...

Belo final: «Emocionei-me e peço desculpa. Mas é com a maior alegria que eu sublinho a minha gratidão a Vossa Excelência».

Chegados aqui, mais um intervalo: mais dois «pides» saíram em liberdade.

INFORMADOR EM LIBERDADE

Entretanto, ontem no 1.º Tribunal Militar Territorial, mais três «pides» foram julgados, condenados todos com leves penas, o que, na prática, corresponde à liberdade. Os agentes de segunda Manuel dos Santos Barreto e José Teixeira da Silva sofreram uma condenação correspondente à pena expiada — 14 e 15 meses, respectivamente.

Quanto ao terceiro, o informador por 400 escudos mensais, Hermínio Ferreira Fernandes, foi condenado a dois anos e dois meses de prisão. Com o tempo da prisão já expiado e dois perdões de 90 dias, o bufo Fernandes, varredor da Câmara Municipal de Almada, saneado após o 25 de Abril, saiu em liberdade.

Do libelo acusatório constavam «denúncias e informações sobre actividades políticas» de militantes comunistas.

O promotor de Justiça, coronel Roberto da Silva Ferreira, no período das alegações salientou o «carácter indigno do trabalho repelente de indivíduos que, para ganhar a importância X, não se importavam de trair os próprios companheiros e a própria família», pedindo a seguir que lhe fosse «aplicada a pena da lei violada, com toda a severidade, para exemplo da sociedade».

Entretanto o Tribunal Militar de Coimbra absolveu Eduardo dos Santos Duarte, antigo funcionário da Faculdade de Letras, acusado de ser informador da ex-P. I. D. E. / D. G. S.

Na Madeira

Inquilino matou senhoria à machadada

FUNCHAL, 26 — Um prédio habitado por senhoria e um inquilino esteve na origem das desavenças entre ambos que se arrastaram por dez anos e ontem culminaram com a morte da dona da casa à machadada.

O caso ocorreu no lugar da Quinta, em S. Roque. O inquilino, o carpinteiro Daniel Pereira Santos, havia construído um telheiro sem autorização da senhoria, Maria do Carmo Abreu, que ameaçou levá-lo à Justiça. Ontem, o inquilino agarrou num machado e abateu-a com vários golpes. O crime foi presenciado por netos da vítima.

Ontem em Sacavém

Em menos de um minuto foram roubados setecentos contos

Umas sete centenas de contos foram ontem roubados na dependência de Sacavém do Banco Nacional Ultramarino por um grupo de quatro mascarados armados de pistolas de guerra.

O assalto ocorreu às 14 e 40, uma hora de grande movimento na dependência bancária, e foi praticado com toda a precisão e rapidez. Enquanto um dos elementos do quarteto ficava de atalaia, dentro do carro, com o motor a trabalhar, um segundo vigiava a entrada e cobria as operações dos companheiros enquanto dois saltavam sobre o balcão para arrancar, num ápice, todo o dinheiro encontrado na caixa. Tudo isto levou menos tempo a executar do que a descrever: coisa de um minuto.

Dos poucos indícios deixados pelos assaltantes destaca-se uma frase pronunciada por um deles em resposta a uma senhora que lhes pedia para não molestarem uma criancinha com quem tinham chocado, na fuga para o carro: «Não fazemos mal a ninguém pois apenas somos retornados que roubamos dinheiro a quem o tem».

O grupo assaltante deslocava-se num Toyota azul de matrícula falsa.

ATRELADOS-TENDA
ÚNICOS NO MERCADO
REVOLUÇÃO NO TEMPO DE MONTAGEM, ALTA QUALIDADE DE MATERIAL, SÓ COM O TRÓIA 2001 EM EXPOSIÇÃO NA
LUARCAMPO
Praça Gonçalo Trancoso, 2-B
(ao Bairro de S. Miguel) — Telefone 76 68 34

PUB
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA
AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL
CONVOCATÓRIA
Convocam-se todos os trabalhadores de escritório, do sector, para um Plenário, no dia 1 de Março de 1977, às 21 horas nos BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES, Rua Camilo Castelo Branco, n.º 33 – Lisboa, com a seguinte:
ORDEM DE TRABALHOS
1. Contratação
2. Análise acerca da futura evolução do processo.
NÃO FALTES!
Lisboa, 23 de Fevereiro de 1977
A DIRECÇÃO

PUB
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES
AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA
Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 27 (Domingo) das 8 às 13 horas, nas seguintes localidades.
Loures, Mealhada, Santo António dos Cavaleiros, Flamenga e Frielas.
Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 23 DE FEVEREIRO DE 1977.
O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

VIAGENS AVIBAR
MARAVILHOSO CRUZEIRO À MADEIRA
De 21 a 25 de Abril
Fretamento especial do N/M «FUNCHAL»
Aproveitando o Feriado de Abril, vá connosco numa viagem inesquecível. A preços excepcionais.
DESDE ..... 3.950$00
Abertos à hora do almoço
Consulte-nos e peça-nos programa detalhado
AGÊNCIA DE VIAGENS AVIBAR Av. Liberdade, 49 Barcelos Tel. 82923
TURALGARVE Praça da República, 98-100 Loulé Tels. 62143/4
EM LISBOA: TURALGARVE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 6-C T. 538240-40008

VIAGENS AVIBAR
CRUZEIRO DA PÁSCOA
MADEIRA
De 6 a 11 de Abril
Fretamento especial do N/M «FUNCHAL»
APROVEITANDO OS FERIADOS DA PÁSCOA
Vá connosco numa viagem inesquecível
A preços excepcionais
Desde ..... 4.480$00
Abertos à hora do almoço
Consulte-nos e peça-nos programa detalhado
AGÊNCIA DE VIAGENS AVIBAR Av. Liberdade, 49 Barcelos Tel. 82923
TURALGARVE Praça da República, 98-100 Loulé Tels. 62143/4
EM LISBOA: TURALGARVE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 6-C T. 538240-40008

ALFREDO A. MOREIRA, LDA.
(a Casa dos Berbequins)
Venha já ou peça pelo correio sede R. Ferreira Borges, 16-18 – Lisboa – Tel. 662146-668656
Loja Hobby no Drugstore Apolo 70 Av. Júlio Dinis, 10 – Tel. 774094 – Lisboa
Loja Hobby no Drugstore Alvalade Praça de Alvalade – Lisboa – Tel. 804913
Lojas Hobby abertas todos os dias até à meia-noite
Queiram enviar-me o trio HOBBY "ESPECIAL" ◯ 1.250$00 ◯ 1.650$00 mais portes
Nome _____
Morada _____
Vendas pelo correio Rua Tomás da Anunciação, n.º 68 B LISBOA-3

Estrangeiro

Forças navais americanas perto do Uganda

O presidente do Uganda, Idi Amin Dada, proibiu todos os norte-americanos que estão no Uganda de abandonarem o país antes da próxima segunda-feira, data para a qual marcou um encontro com todos. A notícia, procedente de Kampala, a capital ugandesa, foi captada ontem, em Londres. Imediatamente, uma equipa de emergência do Departamento de Estado dos Estados Unidos entrou em estado de alerta permanente e já estão a ser traçados planos para qualquer acção necessária para salvar os seus concidadãos. Ao todo, residem no Uganda, actualmente, 240 norte-americanos. Entretanto a rádio Uganda dizia que Idi Amin pretendia encontrar-se com os norte-americanos, simplesmente para manifestar os seus agradecimentos «pelo trabalho que fizeram no país» Jody Powell, porta-voz da Casa Branca, classificou esta emissão «útil para dissipar receios».

Com receios dissipados ou não, uma força naval dos EUA tendo à frente o grande porta-aviões «Enterprise», está no Oceano Índico. Nesta força estão ainda incorporados os cruzadores «Truxton» e «Longe Beach» e o submarino «Tautog», além de 200 fuzileiros. Porém, numa mensagem pessoal de Idi Amin a Carter, emitida ontem, o presidente ugandês dizia ao presidente norte-americano que 5.000 fuzileiros se preparavam para «salvar» os seus compatriotas no Uganda, o que foi desmentido por Jody Powell que, pelos vistos, ontem teve um dia de muito trabalho. Pelo seu lado, Amin declarou que baseava as suas palavras em informações procedentes de Nairobi, capital do Quénia. Entretanto, os chamados «observadores militares» disseram em Washington que, mesmo se desejassem, seria muito difícil para os norte-americanos realizar um ataque tipo Entebbe a fim de evacuar os seus concidadãos retidos no Uganda. Apesar da proximidade do «Enterprise», o número de helicópteros não é suficiente para o transporte de 240 pessoas. Outras unidades navais próximas estão na Sardenha, com um total de 1.700 homens. Além disso no Norte da Itália, estão estacionados mais 900 homens. Enviar estas tropas para o Uganda implicaria num longo voo que necessitaria de reabastecimento no ar além da obrigatoriedade de passagem pelo espaço aéreo do Egipto ou da Líbia e Sudão, com alternativa para o mar Negro e Etiópia.

O Governo de Carter preferiria não dar grande relevo ao caso e agir calmamente para garantir a segurança dos norte americanos. Os Estados Unidos têm planos de contingência para a evacuação dos seus cidadãos em várias parte do mundo, mas nem o Departamento de Estado nem a Casa Branca revelaram se algo estava a ser posto em prática neste caso do Uganda. Sabe-se que a equipa de emergência do Departamento de Estado tentará contactar com os norte-americanos no Uaganda por intermédio do Governo da RFA, que trata dos seus assuntos em Kampala, desde que os EUA encerrou a sua embaixada no Uganda, há quatro anos, devido ao que classificou como «violações dos Direitos Humanos neste Estado». (Os EUA não fecharam as embaixadas do Chile, Argentina, Brasil e outros países onde os Direitos Humanos nada valem).

De qualquer forma Idi Amin Dada negou que pretende manter os norte-americanos como reféns, como chegou a ser sugerido em Washington. Numa conferência de Imprensa realizada na capital americana, o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim disse que quer interceder pessoalmente junto de Amin em favor dos cidadãos norte-americanos. Disse ainda que telegrafara a Amin solicitando autorização para uma equipa da ONU estudar as circunstâncias em que morreram dois ministros e um arcebispo, acusados de «conspiração».

Generais brasileiros não aceitam desafios

Apenas 72 horas, dois altos chefes militares brasileiros atiraram baldes de água fria sobre anoposição, ao dizerem que não será tolerado qualquer desafio ao regime que os mantém no poder desde 1964. Ao que parece, essas posições foram motivadas por uma nota de protesto contra a suspensão do mandato e dos direitos políticos de dois vereadores opocicionistas do mandato e dos direitos políticos de dois vereadores oposicionistas em Porto Alegre, documento publicado pela direcção do MDB.

A primeira «advertência» veio do general Dilermando Gomes Monteiro, comandante do II Exército, com sede em São Paulo, que era considerado um dos chefes militares mais «moderados». Na passada terça feira, saindo fora do que é habitual, afirmou que «existe no país o direito de crítica e um partido de oposição legalmente construído, mas não podemos admitir uma oposição de desafio ao regime, ao princípio da revolução».

Por sua vez, o general Fernando Belfort Betheem, comandante do III Exército, com sede em Porto Alegre, declarou ontem que «o processo subversivo, praticado por minoritários, procura perturbar a vida nacional mediante actos de terrorismo, assaltos, sequestros e crescentes tentativas de alteração da ordem». Repetindo chavões e demonstrnado falta de imaginação ao invocar tão estafados e vazios argumentos, o mesmo general acrescentou que os Estados americanos estão a estreitar, cada vez mais, as suas gestões recíprocas com vista «à manutenção da segurança do continente contra o imperialismo vermelho». Realmente, Geisel, Videla, Pinochet, Banzer e Stroessner, procuram apoio mútuo entre o Brasil, Argentina, Chile, Bolívia e Paraguai para sustentar os seus regimes, que rebentam pelas costuras.

SAMORA E KAUNDA SOBRE A RODÉSIA
"Situação madura para a luta armada"

Culminando uma reunião de dois dias em Lusaka, os presidentes Kenneth Kaunda, da Zâmbia, e Samora Machel, de Moçambique, declararam hoje que «a situação na Rodésia está madura para uma intensificação da luta armada contra o Governo minoritário de Salisbúria».

Comentando a opinião dos dois chefes de Estado, o secretário do Governo zambiano, Sandi Kazunka, precisou:

. «Todas as acções de Ian Smith reflectem agora a pressão exercida pelo Exército do povo do Zimbabwe».

O U A: BENIN E MARROCOS

O secretário-geral-adjunto da Organização da Unidade Africana, Peter Onu, declarou ontem (sexta-feira), em Lome (Togo) que os acontecimentos recentemente registados no Benin eram «extremamente graves, não apenas para aquele país mas para a África no seu todo».

Onu levou a cabo, a pedido das autoridades do Benin, um relatório sobre o desembarque de mercenários no aeroporto de Cotonu, em 16 de Janeiro findo. O Governo do Benin não dera qualquer indicação precisa acerca da nacionalidade dos agressores, contentando-se em afirmar que estes tinham sido repelidos. Agora, porém, Peter Onu afirma «não restarem dúvidas da existência de mercenários brancos entre os atacantes».

O relatório do secretário-geral-adjunto da O. U. A. foi considerado como «grosseiramente difamatório» pelo Governo marroquino. Segundo Rabat, o relatório põe em causa dois Estados africanos membros da O. U. A. O documento encontra-se, em parte, como responsável pela decisão marroquina de suspender a sua participação nos trabalhos da O. U. A.

O relatório acusa o Marrocos e o Gabão de cumplicidade no ataque ao Benin.

Incêndio no Hotel Rossyia — 18 a 20 mortos

Entre 18 e 20 pessoas pereceram e 12 ficaram gravemente feridas em consequência do cincêndio que ontem à noite deflagrou no «Hotel Rossya» de Moscovo, considerado o maior hotel do mundo.

O número de vítimas apontado considera-se bastante baixo, havendo quem calcule que 60 pessoas terão morrido. Por enquanto, não há ainda dados oficiais sobre as vítimas.

Segundo a Tass, a causa do fogo foi uma avaria na maquinaria dos elevadores e as labaredas alastraram dos ascendores aos andares de cima. A ala norte do último andar do hotel de 12 pisos sofreu os ipores estragos e dois andares contiguos duma torre de 21 pisos foram devoradas pelas chamas.

Não se sabe a nacionalidade das vítimas. O Rossya, construido há dez anos, tem seis camas, 21 andares e 3 200 quartos. Fica junto ao Rio Moskva, frente ao Kremlin e a sua construção custou cerca de três milhões de contos.

"Surrealismo político" em Madrid

MADRID, 26 — (Especial para o «DL» por César Oliveira) — Com a recusa, pelo menos por agora, em o Governo reconhecer a existência legal do Partido Comunista de Espanha, o menos que se pode dizer é que se vive em Madrid uma situação que toca as raias do «surrealismo político». De facto à entrada da porta da sede do não oficial e não legal PCE encontram-se dois polícias da Polícia Armada, para protecção do local e dos dirigentes contra eventuais ataques que possam sofrer da parte de poderosas organizações da extrema-direita, uma das quais, a dos «guerrilheiros do Cristo Rei», foi há pouco formalmente desmantelada.

A grande questão do dia político de hoje na capital madrilena foi a decisão tomada pelo PT por intermédio de Mujica, um dos seus dirigentes em retirar da comissão de negociação com o Governo de Adolfo Suárez por o Governo espanhol haver reconhecido o pedido de legalização apresentado por o PSOE (Histórico). Esta organização política, minoritária a partir do Congresso de 74 realizado em Surennes, em França, não tem grande implantação em Espanha e conta, sobretudo, com os apoios que vieram do México de onde regressaram numerosos exilados espanhóis nos últimos meses. As razões pelas quais Adolfo Suárez e o seu Governo resolveram reconhecer o PSOE (H) são o motivo principal das especulações políticas que se fazem na capital de Espanha, especulações que têm tanta maior razão de ser quanto foram violentas as reacções de Felipe Gonzalez a esta atitude do Governo e do Ministério de «Gobernacion». Fala-se nos «mentideros» políticos de que haveria um pacto entre Gonzalez, do PSOE Renovado e o Governo, que foi quebrado unilateralmente. Diz-se ainda que o próprio Adolfo Suárez quer obter por este intermédio, um reforço das posições sociais democratas no partido de Felipe Gonzalez porque ele próprio, Adolfo Suárez, aspiraria a integrar-se num espectro político alargado com relevância de correntes sociais democratas.

Por outra parte há uma certa tomada de consciência daquilo que é na verdade o «realismo político». Referem-se muitos dirigentes políticos da esquerda espanhola, e não só do PCE ao facto de, após a não legalização do PCE, não se ter concretizado o que todas as forças anteriormente apregoavam. O PCE, caso venha a ser legalizado antes das eleições — o que muitos meios políticos consideram improvável — só o deverá ser nos finais de Março, o que da toda a vantagem política às forças que, por legalizadas, já começaram na prática a sua própria campanha eleitoral.

Nas próximas quarta e quinta-feira tera lugar em Madrid, caso não seja terminantemente proibida pelo Governo, a reunião entre o PCE, o PCI e o PCF que não deverá elaborar nenhum documento de Fundo. É, sobretudo, para propiciar, seja uma troca de opiniões entre Carrillo, Berlinguer e Marchais e para permitir que o PCE receba a solidariedade do PCI e do PCF.

Na Imprensa semanal e diária de ontem e de hoje, Portugal ocupa um lugar destacado, na maior parte dos casos referentes a análise da escalada da direita em Lisboa. A famosa entrevista de Melo Antunes aos cadernos para «El Diálogo» foi hoje transcrita em «El País» e nela pode ler-se, afinal, que foi o resultado de uma conversa informal em que o próprio jornalista salienta as opiniões proferidas por Melo Antunes das quais se não pode extrair, de modo nenhum, qualquer intenção manifestada de «criar os poderes paralelos» que a Imprensa da direita em Portugal parece com vontade de ver criados.

Regresso da "Soyuz 24"

A nave espacial soviética «Soyuz 24», que levou a bordo da estação orbital científica «Salyut 5» a sua segunda tripulação, regressou ontem à Terra.

O módulo de retorno da «Soyuz 24» aterrou suavemente na zona prevista, a 36 quilómetros a Nordeste da cidade de Arkalyk, apesar das difíceis condições atmosféricas nas estepes do Casaquistão (lugar tradicional de regresso das naves espaciais soviéticas) onde uma tempestade de neve obrigou a atrasar o regresso.

Missão dos E.U.A. vai a Hanói

Uma missão americana irá a Hanói em meados de Março a fim de obter das autoridades vietnamitas informações sobre os americanos desaparecidos durante a guerra do Vietname, anunciou o Departamento de Estado, ontem.

A missão (oficialmente baptizada de «Comissão Presidencial») tratará ainda de recolher os pontos de vista do Governo vietnamita sobre as relações bilaterais Washington-Hanói, precisa um comunicado do Departamento de Estado.

A delegação será chefiada por Leonard Woodcock, presidente cessante do Sindicato Americano da Indústria Automóvel. Os restantes quatro membros serão designados na próxima semana.

Woodcock está muito ligado, politicamente, a Carter, tendo apoiado a sua candidatura à Presidência.

O envio da «Comissão Presidencial» a Hanói foi organizado através das Embaixadas dos Estados Unidos e do Vietname em Paris, precisou ta porta-voz, Fred Brown.

Os Estados Unidos entraram ainda em contacto com o Laos, tendo em vista o envio a Vienciana de idêntica missão.

O Departamento de Estado descreveu a decisão de enviar Woodcock a Hanói como «um novo passo para o estabelecimento de relações mais normais entre os Estados Unidos e os países da região».

Entretanto Clark Clifford, enviado especial do presidente Carter ao Mediterrâneo Oriental, concluiu a sua missão de averiguação de factos declarando que uma solução para os problemas da ilha de Chipre pode ser conseguido este ano.

PUB

GASTECO

CENTRO TÉCNICO DE GAS, S.A.R.L.

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos dos estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade para reunir, na sede, no próximo dia 15 de Março de 1977 pelas 10 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1) Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício de 1976.
2) Eleição dos Corpos Gerentes.
3) Eleição da Comissão a que se refere o artigo 30.º dos estatutos.
4) Deliberação sobre qualquer assunto de interesse para a sociedade.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1977.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Dr. Serafim Silva Garcia

DÉCIMO CARTORIO NOTARIAL DE LISBOA
a cargo do notário licenciado
Manuel Rodrigues Mendes de Andrade

Certifico para fins de publicação que por escritura de 16 de Fevereiro de 1977, lavrada de folhas 64, a 66, verso, do Livro número C-107 de escrituras diversas deste Cartório, foi dissolvida e liquidada para todos os efeitos de direito a sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, com a denominação de «CONSERVIÇOS DE LAVANDARIA COZINHA, LIMPEZA E COBRANÇAS, LIMITADA», com sede em Lisboa, no Largo do Corpo Santo, número 13.

Por ser verdade e me ser requerido passo o presente extracto declarando-o conforme ao respectivo original na parte extractada, nada havendo nele em contrário ou além do que neste se certifica e transcreve.

Lisboa, aos 19 de Fevereiro de 1977.

O AJUDANTE

(Maria Luísa Galveias Andrade)

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Televisão

Canal da Crítica

Por MARIO CASTRIM

DESVALORIZAR E DESVALORIZAR-SE

— Dear, dear Banyon! — exclamava a loira cintilante com os braços de serviço à coleira no pescoço do detective — Dear, que surpresa.

O dear, embora procaz como sempre, estava ali para coisas mais práticas. Mas, enquanto ferrava um chocho na miúda, anuncia-se ao canto superior direito da minitela a comunicação oficial para a meia-noite e 20 minutos.

Já nem na Televisão, como no soneto camoniano, um breve engano se pode ter. O episódio do Banyon, já usado no segundo programa, vinha ao primeiro a fazer tempo e afugentar o sono com uns sopapos valentes.

Eram 11 e 30, aproximava-se a meia-noite, que é, como todos sabem, a hora trágica do crime.

Desculpem. Será melhor não dramatizarmos.

FALAR POR FALAR

Enquanto aguardo as notícias oficiais, rememoro cenas e palavras da programação do dia.

Aquele **momento desportivo**, por exemplo sobre a **aposta 77**. Aposto que não, os telespectadores não sabiam, antes, o que a **aposta 77** era. Aposto que, ao depois, nenhum ficou a saber o que vinha a ser a **aposta 77**.

Mistérios das acacianas bem-falantes, com especial relevo para os delegados de Leiria e de Viseu.

Galvão, o apresentador, felicíssimo da sua «promoção social», encerrou a emissão com desejos abertamente dentais «de um resto de dia muito feliz». Ah, os pequenos, satisfeitos, auto-suficientes provincianos!

A propósito: a que distância seria o José Galvão capaz de atirar uma câmara de televisão, com realizador, telespectador e crítico incorporados?

FREITAS: ESTÁ CERTO

Foi de repente que surgiu o rosto santantonesco de Freitas do Amaral entrevistado para o Telejornal.

Freitas está preocupado. Com quê? Com o movimento sindical, com que queriam que fosse! Está preocupado porque a «ofensiva» sindical visa coisas terríveis, hediondas, funestas: nada menos que destruir a recuperação económica.

Ninguém esperaria ver freitas preocupado com a acção destruidora do Ministério da Agricultura. Ninguém esperaria ouvir-lhe a denúncia das arrogâncias patronais, do regresso dos agrários, da falta de apoio aos rendeiros do Norte, do azedar das condições de vida da população, da vaga de despedimentos «new look».

Toda a gente esperava ouvir-lhe as diatribes, as acusações, a raiva contra os trabalhadores.

Está certo. O dirigente do C. D. S. foi coerente, bombasticamente coerente.

QUAL O PARTIDO QUAL É ELE?

Reacção à nora
a bolinha ao centro
Amaral por fora
Salazar por dentro...

QUEM?

O Presidente do Conselho vem falar-nos de um assunto importante. Assunto que será mais tarde desenvolvido por ele numa comunicação ao País. E que entretanto virá a ser objecto de uma comunicação pelo ministro das Finanças, pelas 22 horas.

Pano para mangas, pois. E que entretanto, o melhor é não dramatizarmos.

Não dramatizemos. Fiquemos, antes, muito tranquilos, a beber uns tragos daquelas bebidas publicitadas na Televisão (certamente com o fim de reduzir os consumos supérfluos, n'é, sor ministro?) e a admirar a publicidade ao livro de Adriano Moreira sobre o fascista, o assassino, o nunca demasiado maldito Salazar.

Isto numa Televisão após o 25 de Abril. Num jeito de provocação intolerável.

Quem assume as responsabilidades dela?

E quem as exige?

PÁTRIA?

A desvalorização do escudo aparece como uma tentativa de solucionar a crise. Não soluciona. Antes irá agravá-la.

Aliás, essa desvalorização já era efectiva, já existia na prática. Desde o VI Governo Provisório a desvalorização atingiu níveis elevadíssimos. Só no período de Janeiro a Julho de 1976 a desvalorização real atingiu cerca de 10 por cento...

Esta forma encoberta de desvalorização trazia graves prejuízos, pela especulação com a moeda portuguesa. Os exportadores por exemplo, ganhariam em retardar os pagamentos, o que enfraquecia a nossa disponibilidade de divisas. Tinham assim em vista as suas vantagens pessoais, pois quanto mais tempo passasse, maior seria o **bolo** em escudos...

O amor da pátria, por banda dos capitalistas, é uma treta. A única pátria dos capitalistas é o lucro.

CONTAS FÁCEIS DE FAZER

Quanto às facilidades provocadas pela desvalorização, não

Continua na pág. 14

UNIVERSAL

Mais de 500 mil espectadores em todo o país.

De novo em Lisboa!

UM FILME DE RUI SIMÕES

13ª SEMANA EM EXIBIÇÃO às 15, 19 e 21 horas

as 15h., 19h. e 21h

DEUS PÁTRIA AUTORIDADE

Às 17 e às 23 horas — O ANO 01

FESTA DA PINHATA NA
• F I L •
COM A
E. S. VAPORES DO REGO

SÁBADO DIA 26/2

PRÉMIOS: SURPRESAS Bilhetes: 80.00
Mesas: 500.00

NOTA — NÃO TEM RELAÇÃO COM PARTIDOS POLITICOS

4.ª SEMANA CINEBOLSO

GÉRARD DAMIANO, O MESMO REALIZADOR DE "GARGANTA FUNDA", NA SUA OBRA DE MAIS ALTO VALOR

AS MEMÓRIAS INTIMAS DE MISS AGGIE

COLOR

com DEBORAH ASHIRA
PATRICK FARRELLY

Vitoria Filmes

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

ESTE FILME CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

Diàriamente, às 21.30 h.

«O MURO»

Inspirado nas «AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO» de José Gomes Ferreira

— 3.º MÊS —
Só até DOMINGO

Domingo só «matinée» às 18 h.

4.ª FEIRA: DESCANSO

PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVÃ
Telef. 762624

Hoje

Ary dos Santos e Fernando Tordo autores da canção vencedora «Portugal no coração»

I PROGRAMA

15.50 **Ida e Volta** — Um programa de transportes.
16.20 **O Povo e a Música** — Orquestra Típica de Águeda.
16.45 **O Trouxa** — Intérpretes: Sammy Davis Jr., Pat Boone, Dorothy Malone e Ricardo Montalban. Realização de Earl Bellamy.
18.20 **Maravilhas do Mundo Submarino** — Documentário.
18.40 **Bota de 7 Léguas** — Noticiário para jovens.
19.10 **Animação** — Coordenação de Vasco Granja.
19.45 **Documentário**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição.
21.30 **Espaço 1999** — Série filmada.
22.30 **Concurso RTP da Canção 1977** — A actuação dos famosos Walker Brothers no Estúdio Um da RTP na proclamação dos vencedores do Festival «As Sete Canções». Realização de Luís Andrade.
23.30 Fecho.

II PROGRAMA

20.30 **Telejornal**
21.30 **Cinemateca** — O Cavalo de Ferro — Um filme de John Ford (1924) com George O'Brian, Madge Bellamy, Charles Edward Bull, Cyril Chadwick, etc. «A epopeia do caminho-de-ferro transcontinental na América. Apresentação de Lauro António.
23.30 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

12.30: Abertura e Missa de domingo; **13.15**: Woobinda — Série filmada. 8.º episódio; **13.40**: Desenhos animados; **14.00**: Telejornal — 1.ª edição; **14.10**: Eurovisão — Os Adoráveis Homens das Neves, 2.º de uma série de 4 programas à maneira dos Jogos Sem Fronteiras; **15.15**: Submarino Amarelo — Beatles (John Lennon, Paul McCarthy, George Harrisson, Ringo Star). Realização: George Dunning. Ano de Produção: 1968. (Procedência — Grã-Bretanha — Unitd Artists); **16.45**: Haja Saúde — Um programa apresentado pelo dr. José Tropa; **17.15**: Cabeça, Tronco e Membros — Colaboração dos Bombeiros Voluntários de Alcobaça; **18.00**: A Luta contra a Escravatura — 4.º Episódio com Dinsdale Landen, John Castle, Willie Jonah e Terry Scully. Produção de Christopher Ralli; **18.55**: TV Rural; **19.25**: Inventário musical; **19.55**: Telefutebol — Reportagens, comentários e resultados da jornada futebolista; **20.30**: Telejornal 2.ª edição; **21.35**: O Gesto é Tudo. Concurso; **22.35**: O Regresso da Família Bellamy — Intérpretes: Rachel Curney, Nicola Paget e David Laugton. Realização de Bill Bain; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Telejornal; **21.30**: Mesa Redonda - A Situação Actual da Cultura Portuguesa no Brasil; **23.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Geral

John Schlesinger fala de "Marathon Man"

Declínio do cinema inglês? Renascimento de Hollyood? Iohn Schlesinger, como vários cineastas britânicos da sua geração, atravessou o Atlântico. *Macadam Cow-Boy* dava uma primeira impressão dos Estados Unidos. Hoje, através de *Marathon Man*, trata-se também de Nova Iorque, da violência. Sociedade mista, «melting pot» onde se encontram todas as histórias — e aqui é a Segunda Guerra Mundial, judeus que não esquecem e nazis cuja impunidade se prolonga — essa América de 1976 é uma trama. Adivinha-se também, através do artifício do cenário, as sequelas do mccarthysmo e o império dos serviços secretos acima de toda a legalidade.

«É estranho um «thriller», um filme de suspense onde se enfrentam sombras cujas razões profundas se situam trinta, quarenta anos antes? A sensação de que se assiste a um duelo de fantasmas...».

— Houve nestes últimos anos, diz John Schlesinger, uma espécie de movimento, uma ideia no ar, como se nada tivesse acontecido, nem a guerra, nem os campos de concentração. Os jovens já não podem compreender o que significou um tal morticínio em massa. Por outro lado, hoje (e a Imprensa americana fala nisso), assiste-se a um ressurgimento de crimes ligados ao nazismo. Mas não é essa a intenção do filme.

A CIA E OS NAZIS ESTÃO EM NOVA IORQUE

«Como o primeiro objectivo de um *thriller* é fazer medo, pareceu-me interessante realizar um «thriller» judeu onde as ameaças se chamem o nazismo, ou McCarthy, e não só um filme que faz medo, mas um filme sobre o medo, porque todas as personagens, de uma maneira ou de outra, têm medo de qualquer coisa. O que me agrada é a ideia de que o cinema leve o espectador a sentir esses medos, essas paranóias, a ponto de já não acreditar em nada nem em ninguém porque tudo é ou pode ser perigoso.

— É uma visão da América. A visão de um estrangeiro?

— Efectivamente viver nos Estados Unidos dá essa sensação. Mas não julgue que se trata só de ficção. Repare no duelo dos automóveis nas ruas de Nova Iorque, logo no começo do filme. Fui testemunha de um caso de rua semelhante. Era um taxi amarelo, conduzido por um velho. De súbito ele tenta ultrapassar um carro com matrícula de Nova Jersey. Não o consegue. Põe-se então a insultar o motorista, depois pega uma matraca e desata a bater na carroçaria do outro carro, cujo condutor troçava dele.

— E como acabou isso?

— Não sei, estava com pressa. Paguei e continuei a pé. A violência está presente em toda a parte, e mais real do que eu imaginava. Decididamente não se trata de fantasmas: a CIA eos nazis estão em Nova Iorque.

— Metaforicamente?

— Na verdade não gosto de viver em Nova Iorque. Essa cidade tem em si a mesma espécie de paranóia que os personagens do filme. Logo que algo sai da ordem, da civilização que julgamos conhecer perde-se o «knack», já não se sabe o que fazer. Basta que as coisas não corram bem, o botão da televisão, o da máquina de lavar, e fica-se louco. Foca-se louco logo que um acidente nos confronta com o esforço real das coisas. É por isso que continuo estrangeiro. Para um nova-iorquino as coisas são inquietantes e pronto. Não consigo adapat-me a isso.

— Há nesse filme, extraído de um romance de William Goldman, temas que lhe são próprios, John Schlesinger, questões como o judaísmo, a tromosexualidade. Qual é a sua parte?

— Se na realidade eu quisesse fazer um filme sobre o nazismo, teria feito outra coisa. *Marathon Man* põe questões e eu não respondo a todas elas. Gosto de deixar o discurso em suspenso. O público, de resto, corre mais do que as respostas. Já não me parece necessário, para mostrar que uma acção se situa em Paris, escrever Paris no *écran* e mostrar a Torre Eiffel. Sai-se de um túnel, e dá-se com o Arco do Triunfo. Aí está.

De resto, pode dizer-se o que se quiser em qualquer filme, com maior ou menor ênfase. Aqui, num «thriller», tem-se menos ênfase e mais audiência. Claro que não é tudo, mas é melhor do que nada.

— Com os actores, você não respeita, na verdade, as regras do jogo. Por exemplo, há um momento em que Marthe Keller conta que é suíça e que vem de Verbier. É a realidade. Um piscar de olhos, um improviso? Aquilo não estava no romance...

— Marthe Keller não conseguia dar à réplica um ar de verdadeira mentira. Depois aquilo surgiu na conversa.

MEL BROOKS PODE FALAR DO QUE QUISER

«Filmo quase sempre assim. Duas semanas de ensaios em que os actores eventualmente improvisam. A ideia é levar os intérpretes a encontrar, eles próprios, soluções. Em todo o caso, a maior parte dos meus filmes baseiam-se em personagens, ao passo que neste a história é que comanda.

— Entre os agentes secretos Doc e Janey adivinha-se uma amizade mais complexa, mas, na verdade, é preciso adivinhar...

De facto filmámos cenas em que havia mais informações sobre eles, mas contámo-las a fim de conservar o mistério.

— É curioso esse regresso ao interesse pelo mistério, pelo filme negro, no cinema americano. Coppola, Altman, Pakula, Pollack. A que o atribui?

— Penso que se trata, antes de mais, de distrair: as pessoas gostam de ter medo, de se sentir intrigadas. Gosto de *Paralaxx view*, de Pakula, mas acho que o seu insucesso comercial está ligado a um carácter ambíguo de «thriller» metafórico.

Há temas que não podem ser tratados no cinema se os respeitarmos. Mel Brooks pode, falar de tudo o que quer. Eu tenho um projecto de filme sobre a África do Sul, mas queria que fosse uma comédia. As pessoas desconfiam dos discursos, dos documentários e eu também desconfio, parece-me.

— Não será antes um ponto de vista da indústria americana? Teria dito o mesmo quando trabalhava em Inglaterra?

— O mercado inglês é demasiado pequeno para permitir a sobrevivência de um cinema britânico. É preciso olhar para o mercado internacional e há muito que nenhum filme totalmente inglês tem audiência universal. Em contrapartida, os ingleses fazem coisas maravilhosas para a televisão. Foi ela a herdeira dos «jovens em cólera» a nossa «nova vaga» dos anos 50-60. Acho que o público inglês nunca gostou de cinema. Gostava, quando muito, de ir ao cinema, e, com a televisão, até deixou de gostar.

É a diferença entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Na América o mito é cinematográfico, o cinema faz parte da literatura. Resultado, temos bastantes cineastas que atravessam o Atlântico. A linguagem é internacional. O contexto, fertilizante. Não creio que se perca a identidade.

— Poderia fazer em Holywood algo como *Sunday bloody sunday*?

— Havia nesse filme algo de muito inglês, talvez até demasiado: o autodomínio dos personagens. O meu próximo filme tratará justamente da expansividade do americano e do autodomínio do britânico. Ainda durante a Segunda Guerra Mundial.

MARTIN EVEN
(Le Monde)

Esculturas de Avecilla em exposição na Grafil

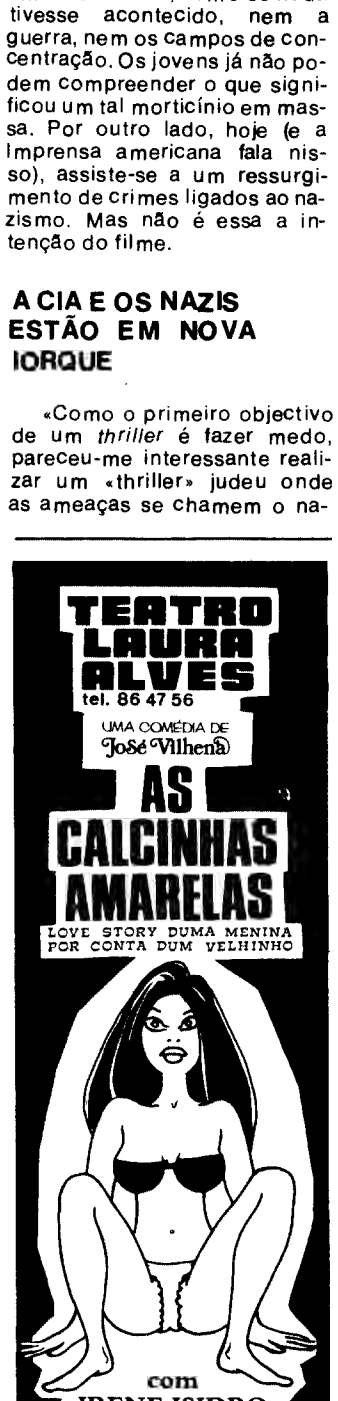
As esculturas de Jesus Avecilla e os desenhos de Marisa B. Miñambres continuam em exposição na galeria Grafil, correspondendo ao interesse do público que ali tem acorrido desde o inicio deste mês. A exposição dos dois conhecidos artistas espanhóis termina na segunda-feira, dia 28,

Quanto a Jesus Avecilla (na foto, com uma das esculturas que tem em exposição na Grafil — R. S. Filipe de Nery, 42), julgava-se que a sua obra fosse menos apreensível pelo público não especializado que tem visitado a Grafil: no entanto, a sua série bastante numerosa de esculturas de cabeças acabou por despertar uma atenção visível e interessada da generalidade dos visitantes.

Avecilla é advogado de profissão, natural de Santander e formado em escultura e gravura pela Escola de Artes Aplicadas de Madrid. A partir de 1970 tem participado em várias exposições colectivas. Realizou exposições individuais em Santander e Madrid (Galeria Karma) e existe obra sua no Museu Nacional de escultura espanhol, em Valladolid.

Ainda recentemente Jesus Avecilla recebeu o Prêmio Circulo 2, de pequena escultura, no salão internacional organizado no Museu de Arte Moderna de Madrid. No passado Avecilla promoveu a edição de 300 exemplares de uma escultura sua para a Associação de Artistas Plásticos de Madrid.

TEATRO LAURA ALVES
tel. 86 47 56
UMA COMÉDIA DE José Vilhena
AS CALCINHAS AMARELAS
LOVE STORY DUMA MENINA POR CONTA DUM VELHINHO



com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA MARIA
LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILOC
MARIA JOÃO
E
PAULA LIMÃO
Todas as NOITES às 21.30 (excepto às 3as feiras)
MATINEÉS sábados e domingos às 16 h.

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
VIVÓ PARQUE INFANTIL!

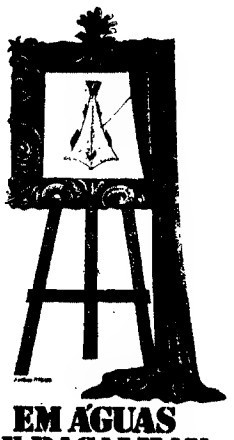
Versão de:
Luis de Sttau Monteiro
Encenação de:
Armando Caldas
UM ESPECTÁCULO PARA TODA A FAMÍLIA
Canções infantis por:
JOSÉ BARATA MOURA
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16 HORAS

BICOS DE PAPAGAIO
DORES LOMBARES, COSTAS OU PERNAS, HÉRNIA DISCAL, CIÁTICA, NEVRITE, DESVIOS E OUTRAS DOENÇAS DE COLUNA. Massagista diplomado no Brasil. Faz 2 a 4 aplicações com optimos resultados. Tels.: Lisboa 2233227, Porto 315765.

ADÓQUE teatro
O PÚBLICO IMPÕE LOTAÇÕES ESGOTADAS
A PATROUILLE
UMA REVISTA NUNCA VISTA!
• ANABELA
• NICHOLSON
• HENRIQUE VIANA
• MAGDA
• ERMELINDA

TODAS AS NOITES
Sessões às 20.30 e 22.30
«MATINÉE» AO DOMINGO As 16 horas
Folga às Quartas Feiras
(Não aconselhável a m/ 18 anos)
LIBERDADE SOB HIPOTECA
Uma proposta de Ermelinda Duarte
AOS SABADOS PARA AS CRIANCAS
«OS OPERÁRIOS DO NATAL»
«MATINEES» AS 16 HORAS

TEATRO/Tel. 366745
ABC
Não acons. a menores de 18 anos
DENTRO DE DIAS A SUPER REVISTA



EM ÁGUAS DE BACALHAU
COM
FLORBELA
NICOLAU
OCTÁVIO DE MATOS
VERA MÓNICA
SIMONE
VICTOR MENDES
NUNO EMANUEL
NINA FLORES
Ballet ABC Dancer's
50 FIGURAS EM CENA
UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTÍSTICO
Reserve ou adquira já o seu bilhete

Circo sobre gelo
POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
MAIS UMA SEMANA
ATÉ DOMINGO DIA 6
B. BERLIN ZIRKUS
SOBRE GELO
O MELHOR CIRCO DO MUNDO
PISTA DE CIRCO E PISTA DE GELO
UMA EXPLOSÃO DE LUZ E CÔR

Instalado no Parque de Jogos do HCP na Avenida do Brasil
Telef. 804545
HOJE 2 MATINÉES
Às 14.30 e 17.30
NOITE ÀS 21.30
HOJE E AMANHÃ
4 «Matinées» infantis
Às 14.30 e 17.30
BILHETEIRAS
ABEP — Praça dos Restauradores ou no Circo a partir das 10 horas da manhã

Desporto

"NACIONAIS" DE COURO

A grande atracção: Benfica em Coimbra

. Oito encontros do calendário oficial de futebol efectuam-se já hoje. Na 1.ª Divisão: Sporting-Leixões. Para o escalão secundário: Académico de Viseu-Sanjoanense, Feirense-Tomar, Estrela de Portalegre-Santarém e Cuf-Maritimo (todos pelas 15 horas). O Riopele-Régua (2.ª Divisão) inicia-se pelas 16 horas, enquanto os embates Vianense-Tadim e Ançã-Naval (3.ª Divisão) têm começo às 15.

Amanhã, o calendário de luxo é opíparo: Varzim-Boavista, V. Setúba-Belenenses Académico-Benfica, Estoril-V. Guimarães, Braga-Portimonense, Atlético-Beira-Mar e F.C. Porto-Montijo.

II DIVISÃO (Zona Norte): Lourosa-Salguiros, Espinho-Penafiel, Pacos Ferreira-Famalicão, Vila Real-Gil Vicente, Fafe-U. Lamas, Paredes-Vilanovense e Tirsense-Chaves. (Zona Centro): Torres Novas-Portalegrense, Torriense-Marinhense, Caldas-Alba, Covilha-U. Coimbra e U. Leiria-Peniche. (Zona Sul): Esp. Lagos-Lustano, Sesimbra-Barreirense, Alcochetense-Odivelas, U. Montemor-Olhanense, Farense-Sintrense, Oriental-Almada (em Sacavém, às 21 horas) e Juventude-Vasco da Gama.

III DIVISÃO, (Srie A): Mogadourense-Bragança, Aves-Joane, Mondinense-Maria Fonte, Cabeceirense-Mirandela. Monção-Bairro Latino, Esposende-Rio Ave e Forjães-Limianos. (Série B): Arrifanense-Leça, Vildemoinhos-Infesta, Trancoso-Leverense, Lamego-Oliveirense, Cucujães-Paços Brandão, Aliados-Viseu e Benfica, Freamunde-Valecambrense e Avintes-Penalva Castelo (Série C): Águeda-Marialvas, ngualde-Alla Arriba, Vilanovense-Covilhã e Benfica, Esperança-Oliv. Bairro, Anadia-Tondela, Tabuense-Gouveia e Febrs-Guarda (Série D): Matrena-Cartaxo, Almeirim-Batalha, Bombarralense-Marrazes, Lousanense-Alferrarede, Alcobaça-Alcanenense, Eléctrico-Benfica C. Branco, Pombal-Campomaiorense e Nisa Benfica-Vieirense (em Vieira de Leiria). (Série E): Elvas-Trafaria, Alhandra-Benavente (em Marinhais), Nacional-S. L. Olivais, Cova Piedade-Bucelenses, D. Olivais-Elvenses, Loures-Estrela, Casa Pia-Sacavenense e Vilafranquense-Alverca. (Série F): Amora-Reguengos, U. Santiago-Rosairense, Beja-Moura, Quarteirense-Lusit. V. Real, Paio Pires-Seixal, Silves-Torralta, Luso-Aljustrelense e Costa Caparica-Odemirense. Todos pelas 15 horas.

JÚNIORES, (ZONA A): Varzim-Viannse, Ermesinde-Gil Vicente, Chaves-Braga, Marco-Infesta, Amarante-Leixões e Mirandela-V. Guimarães (em Macedo de Cavaleiros). (ZONA B): Covilhã-Vilanovense, Boavista-NElas, Académmmico-Ac. Viseu, F.C. Porto-Sanjoanense, Feirense Guarda e Arrifanense-Lurosa. (ZONA C): porting-U. Leiria, Alter-Vilafranquense, Peniche-Estrela, Torriense-U. Coimbra, V. Lisboa-Unidos e Caldas-Mirandense. (ZONA): Sesimbra-V. Setúbal, Esp. ago-Atlético, Farense-Belenenses, Ferreirense-S. Luís, Cuf-Olhanense e Benfica-Almada (pelas 11 horas).

Keita não alinha, esta tarde, contra o Leixões. O mesmo acontece relativamente a José Mendes, que deverá ser substituído por Amândio. Entretanto, Manuel Fernandes, que não jogou, domingo, contra o União de Lamas (Taça de Portugal) estará esta tarde em campo, ao lado de Mário e Manoel. Daí que a foto «divulgue»: Keita que não joga (está parado) e Manuel Fernandes que regressa (o couro perto de si)

ATLETISMO EM VILAMOURA

Vedetas europeias no "meeting" de amanhã

. Com a participação de atletas de Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra, Suiça, Suécia, França e do País de Gales, realizam-se, na manhã de amanhã, os campeonatos de Portugal de corta-mato e «Cross Internacional das Amendoeiras, que se disputam nos terrenos de golfe de Vilamoura, (Algarve).

Além dos melhores atletas portugueses estarão também presentes estrangeiros convidados: Josse Hermens (Holanda), recordista mundial da hora; Anthony Simmons (Inglaterra), 4.º classificado dos 10.000 metros de Montreal e o seu compatriota John Wild, Johansson e Dan Clans, (Suécia), 4.º tempo mundial nos 3.000 metros-obstáculos, Bruno La Franchi e Blaise Schull, (Suiça); Lliardet, (França), Tick Evans, (País de Gales), Juan Perez e Juan Gonzalez, (da Federação Regional de Huelva, Espanha).

O programa começa às 10 horas, com provas dos 5.000 metros para juvenis masculinos que além dos portugueses, conta igualmente com cinco espanhóis (de Huelva), seguindo-se, às 10,30 a prova dos 8.000 metros para juniores, com outros quatro atletas espanhóis de Huelva, iniciando-se então (às 11 e 15) a corrida para seniores, cujo percurso tem a extensão de 12.000 metros, a prova organizada pela Federação de Atletismo, com a colaboração da Associação de Atletismo de Faro e apoio da Junta de Turismo do Algarve.

O NOSSO "SETE" NO MUNDIAL DE ANDEBOL

Derrota que não mata (36-18) contra os "dínamos" da R.D.A.

O «sete» do andebol português perdeu ontem, sem apelo nem agravo (e não só por menor gabarito físico, porque haverá que ter em conta a valorização da modalidade na R. D. A., o «barómetro» de um comportamento que nos últimos anos tem sido poderoso), com o da Alemanha Democrática, ficando a meio da subida no «placard», que quando o embate expirou acusava uma marca de certo modo impressionante: 36-18 a favor da R. D. A.

A marcha do marcador, que mais adiante publicamos pode dar-nos, todavia, uma ideia da forma como a nossa equipa reagiu, se obliterou ou equilibrou (e isso chegou a acontecer ante os possantes alemães), mas que, no termo da partida, era suficientemente «explícito» da diferença de valor, de facto, entre as duas formações, e contra a qual não se poderá argumentar com «falsos amadorismos» ou coisas quejandas. Claro que quando Carlos Silva, um dos nossos elementos, afirma não ter dinheiro «para ser amador» (ele que só hoje ou amanhã será informado, se o for, das medidas de austeridade» e da desvalorização do escudo) e invoca o «orgulho que temos» (em «A Bola» de hoje) tem carradas de razão. O adversário é que se não compadece com esse «subdesenvolvimento».

Pois bem: apesar do «fosso», os portugueses tiveram uma actuação que se pode considerar meritória, tendo até deixado no «exterior», como precaução táctica para hoje, contra a Islândia (encontro que não é de perder) homens como João Gonçalves e Nuno Montenegro.

Para que conste, o encontro disputou-se no Pavilhão de Klagenfurt (uma cidadezinha austríaca), e foi arbitrado por Koca e Trcka, ambos da Áustria. As equipas formaram:

R.D.A. — Schmidt; Bohme, Hildebrand, Gruner, Schutte, Dietmar Schmidt, Hoft (sete inicial), Paulik (guarda-redes suplente). Engel, Dreibrodt, Wahl e Smuch.

PORTUGAL — Carlos Silva; Adão, José Manuel Branco, Costa, Ferreira, Vasconcelos (sete inicial), Carrasco (guarda-redes suplente), Jorge, Hermâni, Morais e Sousa.

No primeiro tempo: 19-8.

Marcha do resultado: 1-0, 2-0, 2-1, 3-1, 4-1, 5-1, 6-1, 7-1, 8-1, 9-1, 10-1, 11-1, 11-2, 12-2, 13-2, 13-3, 14-3, 15-3, 15-4, 15-5, 16-5, 16-6, 17-6, 17-7, 17-8, 18-8, 19-8.

Na segunda parte: 17-10.

Marcha do resultado: 20-8, 21-8, 21-9, 22-9, 23-9, 24-9, 25-9, 26-9, 26-10, 26-11, 27-11, 28-11, 28-12, 28-13, 28-14, 29-14, 30-14, 30-15, 31-15, 31-16, 32-16, 33-16, 33-17, 33-18, 34-18, 35-18, 36-18.

Marcadores, pela R.D.P.: Gruner (7, e de «penalty»), Dreibrodt (7), Schmidt (7-1 de «penalty», Engel (5), Hoft (3), Hildebrand (2), Schutte (2) Smuch, Bohme e Wahl.

Marcadores, por Portugal: Hernâni (6, 2 de «penalty»), Jorge (4. 1 de «penalty»), José Manuel (3), Franco (2), Adão (2) e Costa.

PORTUGAL

ANDEBOL

Começou esta manhã, na sede da respectiva federação, o acto eleitoral que decidirá quais os corpos gerentes que vão «governar» a FPA nos próximos três anos. Ao acto concorrem, como já noticiámos, duas listas, apoiadas por diferentes associações.

A lista A apresenta como presidentes Oliveira Santos (Congresso), João Leão (Direcção), Avelino Baptista (Conselho Fiscal), Carlos Lisboa (Conselho Técnico) e José Delgado Martins (Conselho Jurisdicional). A lista B: José Fontes (Congresso), Francisco Louceiro e Campas (Direcção), Filipe Pereira (Conselho Fiscal), Fernando Albino (Conselho Técnico) e Joaquim Araújo e Sá (Conselho Jurisdicional). A lista A é subscrita pelas Associações de Lisboa, Porto, Leiria, Coimbra, Viseu e Vila Real e apoiada por Faro e Santarém e a lista B é subscrita por Braga e apoiada por Aveiro, Setúbal e Castelo Branco.

BASQUETEBOL

Conclui-se amanhã a primeira volta da fase final do Campeonato Nacional da I Divisão da modalidade, que é comandada pelo F.C. do Porto e pelo Sangalhos. Entretanto, hoje, efectua-se a penúltima jornada da prova.

Vejamos os jogos para hoje e amanhã:

. Hoje — Benfica-Barreirense, às 22 horas, no pavilhão da Luz; Ginásio Figueirense-Académico de Coimbra, às 20.30, no ginário do Liceu da Figueira da Foz. Amanhã — Queluz-Sporting, no pavilhão da Amadora; F.C. Porto-Sangalhos, no pavilhão das Antas. Ambos os jogos têm início às 17 e 30.

Curiosamente, o jogo mais importante deste fim-de-semana terá como palco o Pavilhão das Antas, e oporá os dois comandantes: Porto e Sangalhos. O vencedor do encontro entrará na segunda volta (primeiro jogo) na condição de isolado no comando. Por essa razão, e outras que será expletivo agora enunciar, o embate de amanhã à tarde é de considerada importância, mesmo para o futuro da prova.

BENFICA

Foram poucas as pessoas que compareceram, ontem (desvalorização do escudo terá influído nas presenças? Vida mais cara, anunciada ainda ontem, terá inibido o aparecimento dos interessados?), à assembleia do Benfica. Dos 62 pontos do projecto de reestruturação, pelo menos 4 foram aprovados. Martins Canaverde presidiu, e Miguel Magalhães e João Salgado secretariaram.

Entretanto, com eleições à vista no clube, pode dizer-se que José Ferreira Queimado foi escolhido para a presidência (lista oficial) por voto secreto. Outros nomes da lista de Queimado: Alberto Machado, Jorge Arrais, Fernando Caseiro, Romão Martins, Rui Guedes, Gaspar Ramos, José Capistano dos Santos, José Respício e Vaz Rodrigues.

CICLISMO

A Associação de Ciclismo do Sul promove amanhã duas provas para todas as categorias de seniores, «aprovadas» como «Provas José Coelho Pavoeir».

Os seniores de 1.ª e 2.ª percorrerão 105 quilómetros, com partida do Laranjeiro, às 9 e 30 e com o seguinte itinerário: Coina, Azeitão, Setúbal, Águas de Moura, Porceirão, Moita, Alhos Vedros, Baixa da Banheira (chegada na Estrada Nacional).

Para os seniores de 3.ª, a partida será dada às 9 horas (também do Laranjeiro), percorrendo os ciclistas 75 quilómetros, por Apostadiça, Alfarim, Santana, Vila Nova de Azeitão, Palmela, Moita, Alhos Vedros e Baixa da Banheira (chegada na Estrada Nacional).

CONSELHEIROS

Quatro membros do Conselho da Revolução e elementos dos serviços de apoio daquele órgão político-militar, e uma equipa da Região Militar Centro, participaram num encontro de futebol, que se disputou no Estádio Universitário de Coimbra.

Na equipa do Conselho da Revolução, equipada de negro, Costa Neves jogou à baliza, e Sousa e Castro, Marques Júnior e Pezarat Correia na linha avançada. Na equipa da Região Militar Centro, equipada de azul, jogaram o respectivo comandante, brigadeiro Hugo dos Santos, o seu Chefe de Estado-Maior, tenente-coronel Seco, e o comandante da Polícia do Exército de Coimbra, Santos Silva.

O encontro terminou com a vitória dos conselheiros da Revolução por 6-2.

LÁ FORA

YAZALDE

O futebolista argentino Yazalde, que em Portugal jogou pela equipa do Sporting e presentemente está vinculado ao Olympique de Marselha, foi oferecido ao F.C. Porto por um empresário espanhol, em carta recentemente recebida pela direcção do clube nortenho — revela o «Jornal Notícias» do Porto.

O mesmo matutino acrescenta que o empresário espanhol aguarda a decisão da direcção do Futebol Clube do Porto. Entretanto, contactado pela ANOP, o departamento de futebol do clube nortenho não confirmou nem desmentiu a notícia.

PARAGUAI

O Paraguai venceu a colômbia (1-0), num jogo de eliminação disputado ontem (à noite), em Bogotá, no Grupo 1 sul-americano para o Campeonato Mundial de Futebol de 1978. O único golo do desafio foi marcado por Jara, do Paraguai, aos 26 minutos.

Entretanto, a vitória do Paraguai sobre a Colômbia (por 1-0), no jogo de Bogotá — a contar para as eliminatórias do «Mundial de Futebol de 1978 —, aumentou os receios sobre o malogro do Brasil se qualificar para a fase final, e acentuou a crise interna na selecção brasileira de futebol. Não é novidade dizer-se que o esquema táctico aplicado pelo treinador Osvaldo Brandão, é constantemente criticado havendo a possibilidade de que seja substituído no comando do seleccionado brasileiro.

RECORDES

A jornada de ontem dos campeonatos de atletismo em pista coverta dos Estados Unidos viu serem batidos quatro recordes mundiais. Jane Frederick, de 24 anos, estabeleceu nova melhor marca mundial das 60 jardas com barreiras, com , 7,3 segundos (enos um décimo de segundo que o anterior recorde, pertencente à atleta da República Democrática Alemã, Karin Balzer e à norte-americana Patty Van Wolverlaere); Rosalyn Briant estabeleceu o seu quarto recorde desta época, desta feita nas 220 jardas, pbrcorrendo a distância em 23,4 segundos) e Susan Brodock venceu pelo quarto ano consecutivo a prova de uma milha (marcha), estabelecendo também um recorde mundial, com 7.05,9.

O único recorde obtido pelos atletas masculinos pertenceu a Todd Scully, ue nas duas milhas (marcha), fez o esplêndido tempo de 13.02,5 (enos 21,5 segundos que a anteiror marca).

Geral

Bolsa reabre segunda-feira

A partir de 28 de Fevereiro de 1977 passarão a poder ser transaccionados na Bolsa de Valores de Lisboa todos os valores nela admissíveis à cotação, desde que esta não haja sido suspensa — determina, através da portaria n.º 98/77, a Secretaria de Estado do Tesouro do Ministério das Finanças.

Assim, «até quatro de Abril de 1977 as ordens de venda de acções ficam limitadas aos particulares, não podendo ser dadas por quaisquer instituições ou sociedades».

E prossegue a portaria: «A determinação dos preços iniciais sobre os quais deverão começar a fazer-se transacções sobre acções obedecerá ao seguinte: as primeiras ofertas de compra e de venda de cada valor poderão ser feitas a qualquer preço; até quatro de Abril de 1977 não haverá ordens ao melhor nem ao melhor sem forçar, nem qualquer limite de variação na cotação.

Finalmente, é fixada em 20 por cento a percentagem de ordens a que se refere o artigo 32.º do regulamento interno da Bolsa de Valores de Lisboa.

Segundo a portaria, deu-se assim, «mais um passo no sentido da normalização do mercado financeiro, que progressivamente se tem reconhecido dever ser incentivado».

ESTA NOITE ÀS ZERO HORAS

Novo sistema de multas para infracções ao Código da Estrada

Entra em vigor às zero horas de amanhã o novo sistema de pagamento de multas por infracção ao Código da Estrada, de acordo com as últimas disposições legais.

Assim, a partir de amanhã deixa de ser possível o pagamento em dinheiro aos próprios agentes da autoridade no acto da verificação da transgressão, abrindo-se excepção para peões e para estrangeiros ou emigrantes. Fica ainda abolida a cobranca da multa por vale do correio ou cheque, já que só podem ser utilizados selos fiscais colados em impresso próprio, enviado pela entidade autuante. Os postais deverão ser entregues em qualquer esquadra ou posto da P.S.P. ou da G.N.R. no prazo de 15 dias, findo o qual, não havendo pagamento, o processo transitará para Tribunal.

Fraude na lota de Vila do Conde

PORTO, 26 — Um comunicado divulgado pelo Sindicato dos Pescadores de Vila do Conde alerta as autoridades competentes para o «escandaloso funcionamento das lotas», nomeadamente a daquele centro piscatório onde diariamente certos indivíduos canalizam «o pescado para fora das vedações da lota, ante a passividade de quem devia impedir o desvio da mercadoria».

O documento denuncia ainda que «responsáveis por uma das maiores motoras de Vila do Conde venderam na semana de 10 a 15 de Janeiro, uma quantidade de peixe superior ao valor de 600 mil escudos», e sublinha que «da folha de férias enviada à Caixa de Previdência dos Profissionais de Pesca, somente constava, como valor total do mês, uma verba correspondente a 14 mil escudos». Assim, diz o comunicado «os prejuízos que advêm desta situação são de gravidade extrema para os pescadores» já que «não são feitos os correspondentes descontos para a Previdência e para a mútua dos pescadores».

SÁ COUTINHO À ANOP

Com Angola "interessa arrumar o passado e preparar o futuro"

Em vésperas de ir ocupar o seu novo posto, o primeiro embaixador de Portugal em Angola, dr. António de Sá Coutinho, concedeu uma entrevista à ANOP em que evidenciou a «vontade política» e o «espírito de abertura e disponibilidade» do Governo português, com vista a resolverem-se os problemas que caracterizam as relações bilaterais.

«Estamos inteiramente abertos e disponíveis para estudar e resolver todos os problemas, num espírito de amplo respeito pelas opções de Angola, tal como Angola tem respeito pelas nossas.

«Nós temos fé, como, aliás, os dirigentes angolanos, no futuro das nossas relações. O que há a fazer é arrumar o passado e preparar o futuro».

Descrevendo as actuais relações entre Portugal e Angola como normais, uma vez que temos em Luanda uma Embaixada funcionando normalmente e à frente da qual está um encarregado de Negócios», o dr. Sá Coutinho acrescentou que a «normalização perfeita» seria agora alcançada com a sua acreditação na capital angolana como embaixador de Portugal.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 11

passam de miragem.

Diz-se que impulsionam as exportações — mas a verdade é que o volume das importações é o dobro do das exportações. Quer dizer que pagaremos mais caro aquilo que compramos ao estrangeiro — e que nem por sombras lhe venderemos o bastante para se poder falar em vantagem, ou em reduzir significativamente a diferença.

O que a desvalorização pode, isso sim, é baixar o preço real da mão-de-obra ao serviço das multinacionais.

Suponhamos que uma multinacional, cuja moeda nacional se cotava antes de ontem a 30 escudos, pagava em salários 60 000 unidades dessa moeda. Com a actual desvalorização de 15 por cento, a unidade dessa moeda passa a valer não 30, mas 34$50. Pelo que, em lugar de despender 60 000, a multinacional paga apenas 52 173...

Aumentem significativamente os números e ficam com uma ideia do incentivo que isto representa para o investimento do capital estrangeiro, no jogo global da recuperação capitalista.

Não. Por muito amigo que seja, o capital não dorme. O capitalismo não conhece amizades. O capitalismo nunca viu «o toma sem deita cá». O capitalismo não é positivamente uma sociedade de beneficência...

Desta desvalorização do escudo não temos senão de esperar maior sujeição ao imperialismo.

Tudo o mais é fogo de vista.

TRIBUNAL CIVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º Juízo Cível

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

ACÇÃO SUMÁRIA N.º 905/2.ª SECÇÃO

AUTORA: — DECORMUNDI-CENTRO INTERNACIONAL DE DECORAÇÕES LD.ª, Sociedade Comercial com sede na Rua Aquiles Monteverde, 24-A em Lisboa,

SANTOS e mulher MARIA PERES GUERREIRO MATINHO DOS SANTOS, comerciantes, com última residência conhecida na Rua Rebelo da Silva, n.º » A I EM Faro.

Citam-se os réus para, no prazo de dez dias, decorridos trinta a contar da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem o pedido formulado pela A. de condenação no pagamento de 48.404$40 e juros.

Lisboa, 3.1.1977

O Juiz de Direito,
(Jaime Octávio Cardona Ferreira)

O Escrivão de Direito,
(Aquiles de Almeida Freire)

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado o vento era fraco ou moderado dos quadrantes Sul e chovia na Faixa Costeira a norte do Mondego.

TEMPERATURAS EXTREMAS

LISBOA
Máxima 14,2º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0,3º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de Sudoeste; períodos de chuva ou chuvisco a norte do Mondego; a partir da noite também no Sul

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	11º
FARO	12º
FUNCHAL	17º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.25	3,1 m	1.40	1,8 m
21.04	3,1 m	14.11	1,9 m
DIA 27			
9.50	3,0 m	3.01	1,9 m
22.36	3,1 m	15.36	1,9 m
DIA 28			
11.19	3,0 m	4.32	1,9 m
23.53	3,2 m	16.56	1,8 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.12
OCASO AS 18.28

DIA 26 — DIA 5 — DIA 12 — DIA 19

Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

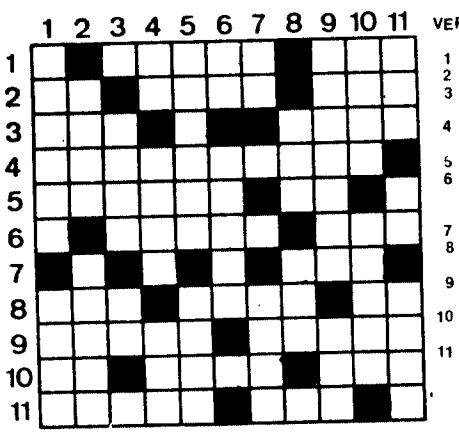
PROBLEMA N.º 11684

HORIZONTAIS:

1 Esfregar as unhas em qualquer parte do corpo onde se sente comichão. Ave pernalta
2 Ósmio (s.q.). Rales. Filiro
3 Pronome pessoal. Portanto.
4 Desmaiarias.
5 Logravam. Atmosfera
6 Dispar. Suspiros
7 Pega
8 Pronome relativo. Deus do vinho. Tálio (s.q.)
9 Dar urros. Endurecido
10 Érbio (s.q.). Apelido. Sufixo que designa abundância.
11 Rola cinzenta de carne saborosa. Prefixo que designa ar

VERTICAIS:

1 Início. Deseja
2 Juízo. Soco.
3 Três mil e cem em romano. Mulher criminosa (inv)
4 Sufixo que designa estado. Escudeiros. Árara
5 Cosmuravam. Garbo.
6 Em partes iguais. Planta ornamental também chamada lírio-do-campo
7 Reis. Costure
8 Rainha de Portugal. Preposição e artigo definido (pl).
9 Bradaras. Ribeira de Portugal
10 Trituras. Pequenos barcos de recreio
11 Ecoa (inv). Vossa Senhoria. Cânticos em honra da Virgem ou dos Santos



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

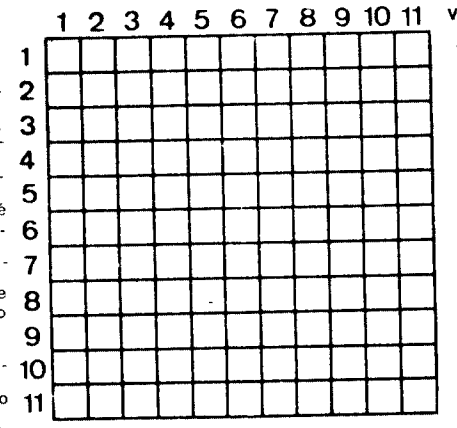
PROBLEMA N.º 7744

HORIZONTAIS:

1 Mágica. Malia.
2 Encolerizas. Voejar
3 Quinhentos e um em romano. Africano.
4 Monarca. Ilha no rio Negro, afluente do Amazonas. Passai
5 Cidade de França. Desfiladeiros.
6 Árvore indiana cuja casca é empregada como adstringente. Pronome pessoal.
7 Dá mios. Grande quantidade
8 Batráquio. Mil cento e dize em romano. Prasiodímio (s.q.).
9 Sufixo que designa estado. Preposição e artigo definido. Fisga.
10 Moeda de prata em Dio (ant.). Nesse lugar
11 Penteio. Nome de fruto.

VERTICAIS:

1 Aparelho de ginástica. Pincel grande e grosso para caiar ou para pintura ordinária.
2 Medida itinerária do Japão. Época. No Malabar, chefe de pescadores, piloto ou capitão do porto.
3 Tramaram. Zomba.
4 Moeda da Pérsia. Seres vivos irracionais.
5 Carta de jogar. Impulo aleivosamente.
6 Samário (s.q.).
7 Centiare. Estava fortemente unido
8 Olé. Tronam. Iotra.
9 Recalcitrar (fig). Nome de vários papas.
10 Charnecas. Deus dos pastores.
11 Freguesia do concelho de Fafe. Lábia.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11683

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 V. A. ANDA. Mas.	1 VINHO. Alceu.
2 Ilha. O. Goza.	2 Aldonã. Vaca.
3 Nd. Peres.	3 Na. COM.
4 Honrar. Maia.	4 Aa. Ra. Rei.
5 Nó. Isto.	5 Na. Arga.
6 An. Ana. Sé.	6 Dó. Renal. O.
7 Arraste.	7 Asar.
8 LV. Eglão. N.E.	8 Gemi. Toiro.
9 Cacia. Rimar.	9 Morasse. Mói.
10 Eco. Ro.	10 Azeite. Na.
11 Uambé. Moita.	11 Sasão. Serra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7743

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Garoa. Porto.	1 Aba. Horas.
2 Repicarias.	2 Ária. Marota.
3 Ais. Ras. Mit.	3 Res. MIV. Lás.
4 Ba. Cossa. Si.	4 Op. Caira. Ca.
5 Mal. Aia.	5 Airol. Estão.
6 MII. Roa.	6 Cás. Tu.
7 Havre. Casca.	7 Passa. Crime.
8 Or. Astro. Al.	8 Or. Airão. Iú.
9 Rol. Tui. ANI.	9 Rim. Aos. Al.
10 Ataca. MILHO.	10 Tais. Acanha.
11 Sasão. Ei. Au.	11 Óstia. Aliou.

PROVERBIO **ANDA O VINHO COM O AZEITE**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 32
Até às 22 horas

ALMEIDA DIAS — Largo da Graça, 38-A, Tel. 862909.
ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B Tel. 666971.
ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação). Tel. 311216-310172
BELO — Av. de Roma, 53-A. Tel. 776314
CURIE — Av. Madame Curie, 15-A Tel. 778439
DOURO — Alam. Linhas de Torres, 93-A-B Tel. 791131
ESTÁCIO — P.ª D. Pedro IV, 60-63 (Rossio). Tel. 327067-324224.
FÉNIX — R. Cruz dos Poiais, 52. Tel. 608531.
GARANTIA — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A Tel. 727300.
IMPARCIAL — R. General Taborda, 28. Tel. 680931
LINAIDA — Rua Ferreira Borges, 30 Tel. 660955.
MACEDO — Estr. Poço do Chão, 69-C. Tel. 703697
MAGALHÃES — Av. Almirante Reis, 4-D-F. Tel. 549479
MANUEL VICENTE JESUS — Largo do Rato, 3-C-D Tel. 681947.
MARBEL — Av. de Roma, 131-A. Tel. 776235.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395.
PEREIRA SUCR — Rua do Paraíso, 98-100 Tel. 863224.
SALDANHA — Av. Praia da Vitória, 53-55 Tel. 43938.
S. BARTOLOMEU — V. Paulo Jorge, 1. Tel. 790969.
S. JOÃO — Estr. da Luz, 124-A Tel. 783179.
S. SEBASTIÃO — L.º S. Sebastião da Pedreira, 1-9 Tel. 548642.
TANARA — R. Rodrigo Reinel, 3-A Tel. 611814.
TELES — Rua João de Barros, 2-Frente. Tel. 638176.
VALE — Av. Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043.
VITALIS — R. Morais Soares, 69 Tel. 841779.

Permanente

ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B Tel. 666971.
BELO — Av. de Roma, 53-A. Tel. 776314.
FÉNIX — Rua Cruz dos Poiais, 52. Tel. 608531.
MAGALHÃES — Av. Almirante Reis, 4-D-F. Tel. 549479.
S. JOÃO — Estrada da Luz, 124-A Tel. 783179
TANARA — Rua Rodrigo Reinel, 3-A Tel. 611814.
VITALIS — Rua Morais Soares, 69 Tel. 841779.
MANUEL VICENTE JESUS — Largo do Rato, 3-C-D. Tel. 681947.
ESTÁCIO — Pr. D. Pedro IV, 60-63 (Rossio). Tel. 327067-324224.
VALE — Av. Marquês de Tomar, 45-49 Tel. 773043.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Cabrita, Miraflores
ALCABIDECHE
Carvalho
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839), até às 24 e das 0 às 9 horas
CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, lote 10 (Tel. 2430691) até às 22 horas
PAREDE
Grincho, Av. da Republica, 87 (Tel. 2771204), até às 24 e das 0 às 9 horas
S. PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro R. 9 de Abril, 24 (T. 263052)
MURTAL
Primavera
AMOREIRA
Amoreira (T 262313/267314) Até às 22 horas horas
CASCAIS
Cordeiro, Av. dos C. G. Guerra, 40 (T 280170/281419) Até às 24 e das 9 às 9 horas das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149); **Cavaca**, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) até às 22 horas; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485), até às 22 horas
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
MERCÊS
Claro Russo
QUELUZ
Zeller, R. da Republica, 83 (Tel. 950045)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA
Marrazes, Vila (T 2930155) 2930155)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)
ALMADA
Silva Junior Av. Frederico Ulrich, 9 - 2 Piso F (Tel. 2768030)
BAIXA DA BANHEIRA
Teixeira, B. Moçambique 84-B (Tel. 2040946)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes 1 (Tel. 2764466)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207) até às 19 horas, **Mascarenhas Neto**, R. Almeida Garrett (Tel. 2072454) serviço permanente
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (Tel. 231032), **Leão**, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Tel. 22484) **Nova**, R. General Gomes Freire (Tel. 22052)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

NACIONAL — Rua Senhora da Luz, 156 — Foz — Tel. 680833; **BOAVISTA** — Rua da Boavista, 601 Tel. 25443; **COSME** — Rua de Costa Cabral, 584. Tel. 481511; **ALBERTO FERREIRA** — Rua da Estação, 100. Tel. 51302; **ANTERO DE QUENTAL** — Rua Antero de Quental, 520 Tel. 485048; **ANTUNES** — Rua do Bonjardim, 485. Tel. 27936; **PEREIRO** — Rua da Preciosa, 35 Tel. 681027; **HERCULANO** — R. Alexandre Herculano, 384 Tel. 27943.

(De dia e toda a noite)

S. DINIS — Rua de S. Dinis, 428 Tel. 482281; **SOEIRO** — Rua de Santos Pousada, 71 Tel. 51370; **VITÁLIA** — Pr. da Liberdade, 34. Tel. 24133.

COIMBRA

SANTA ISABEL — Av. Sá da Bandeira, 28 Tel. 24916

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Uma Estranha Forma de Amar»
CASA DA COMÉDIA
21.45 (13 anos)
«O Equívoco»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«As Calcinhas Amarelas»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Paródia»
CIRCO SOBRE O GELO
21.30 (6 anos)
Campo do H.C.P.
Av. Brasil
VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Isto é que me Dói»
COMUNA
21.30 (13 anos)
«O Muro»

LISBOA/Cinemas

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«O Último Tango em Acapulco»
EUROPA
21.15 (13 anos)
«Onde está o Óscar»
VOX
21.15 (10 anos)
«Cantinflas Pepe»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Voando Sobre um Ninho de Cucos»
OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«O Maluquinho do Sexo»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Os 4 Malucos Mosqueteiros»
CINEARTE
21.15 (13 anos)
«Doze Indomáveis Patifes»
SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Lucky Lady»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«As Memórias Intimas de Miss Aggie»
JARDIM
21.00 (13 anos)
«O Leão e o Vento»
RESTELO
21.15 (18 anos)
«Voando sobre um Ninho de Cucos»
CALEIDOSCÓPIO
21.30 (18 anos)
«Os Homens do Presidente»
CINE AUDITÓRIO
21.15 (10 anos)
«Rio Lobo»
MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Grizzy, o Monstro da Floresta»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Os Heróis de Kung-Fu»
ROYAL
21.15 (6 anos)
«O Soldado Aventureiro»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Obrigado... Avó»
AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Flic Story»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Lições Privadas»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (14 anos)
«Dois Irmãos num Lugar Chamado Trinitá»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
ALMADA
Academia
20.30, 22.45 (13 anos)
Teatro «A Grande Jogada»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (10 anos)
«Os Boinas Verdes»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (13 anos)
«Zorro»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«O Monstro no Pantano»
ESTORIL
Palácio
21.15 (6 anos)
«O Ministro e Eu»
CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«Os Homens do Presidente»

PORTO/Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
«O Circo de Moscovo»

PORTO/Cinemas

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (13 anos)
«Os Mágicos»
JÚLIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
«Kamasutra»
ESTÚDIO 400
21.15 (13 anos)
«Jerry, o Primeiro Amor»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«3 Biliões Sem Ascensor»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«O Lutador da Rua»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Vou Fazer Um Filho e Volto Já»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Perfume de Mulher»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Afeição»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Flic Story»
OLÍMPIA
21.15 (18 anosz0
«Justine e Juliette»
TRINDADE
21.30 (6 anos)
«O Peito ou a Perna»
RÍVOLI
21.15 (4 anos)
«Os Trabalhos D'Astérix»
S. João
21.00 (18 anos)
«As Aventuras de um Motorista de Táxi»
SALÃO BEBÉ
21.15 (13 anos)
«A Flauta Mágica»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Gata em Telhado de Zinco Quente»
AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Ela tinha o Direito de Viver»
S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«Vida Dupla»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Mandingo»

cinemas

ALVALADE
Tel. 897 480 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Laura Antonelli, Terence Stamp, Marcello Mastroianni
DIVINA CRIATURA
Um filme de Giuseppe P. Griffi
Nao acons. a men. de 18 anos

APOLO 70
Tel. 763319 — 14.15, 17.45 e 21.15
Ryan O'Neal, Marisa Berenson em
BARRY LYNDON
um filme de Stanley Kubrick
Não acons. men. 11 anos
Hoje às ...30 Grupo D (18 anos)
AS MAOS DO ESTRIPADOR
Amanha às 11 h Manhã inf. P/todos
DUMBO
Amanhã as 00.30 Grupo D (18 anos
A CONSPIRAÇAO

AVIS
Tel. 47163 — 15.30, 18.30 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
NO CALOR DE JÚLIA
3.ª semana
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

BERNA
Tel. 7760.. — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Primitivo! Poderoso! Selvagem!
AS MELHORES MARAVILHAS DA NATUREZA
De Walt Disney Productions
Para todos
Falado em português

CASINO ESTORIL
Tel. 264521 — 18.15 e 21.15
Sessões da meia-noite
A BELA CASTA SUSANA
Sábado, 26 às 15.30
HERBIE, UM CAROCHA DOS DIABOS

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 — 14, 16.30, 19, 21.15
A partir de hoje sessoes Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Robert Redford, Dustin Hoffman em
OS HOMENS DO PRESIDENTE
Um filme de Alan J. Pakula
Não acons. a men. de 13 anos

CASTIL
Tel. 630194 — 15, 17, 19 e 21.15
(Int. m/18 ...)
TRIÂNGULO ERÓTICO
Uma Mulher volúvel entre o amor e o prazer
Hoje às 24 horas em Ante-estreia
A LEI DO SEXO

CONDES
Tel. 322523 — 14, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. menores de 13 anos
A missão impossível
O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS
Com Charles Bronson

EDEN
Te. 320766 — 14, 16.30, 19 e 21.15
Alberto Sordi, Adriano Celentano, Mariangela Melato
DE QUE SIGNO É?
Não acons. a men. 18 anos

ESTÚDIO
Tel. 535134 — 15, 17, 19 e 21.15
Marina Vlady/Jacques Charrier
VENTO DE INVERNO
Não acons. a menores de 18 anos
15.30 18.30
1943. UM ENCONTRO

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
CASAMENTO MODERNO
Hoje às 24 h. Int. men. 18 a.
A MINHA MULHER AGRADA-TE... ADORO A TUA

IMPÉRIO
T. 555134/5 — 15.15, 18.30 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Catherine Deneuve e Jean-Louis Trintingant
3.ª semana
A AGRESSÃO (L'Agression)
Real. de Gerard Pires

LONDRES
Tel. 801313 — 14.00, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
OH! MEUS AMIGOS
9.ª Semana
Pietro Germi
Hoje às 24 h. N/ ac. men. 18
EM NOME DO PAI

MUNDIAL
Tel. 538743 — 15.00, 18.15, 21.30
Não acons. men. 18 anos
A obra prima de Bernardo Bertolucci
1900 2.ª parte

STADIUM
Algés — Tel. 2112544
Às 18 e 21.30 M/ 14 anos
OS CLOWNS
00.15 M/ 18 anos
A PRIMEIRA NOITE

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIARIO DE LISBOA vende-se no CAFE NISA

NIMAS
... 14.15 ...
Não acons. ...
[illegible]

[illegible]
Tel. ...26...
ADOLESCÊNCIA ...
Contém cenas ...

PARIS
Tel. 821933 — 14.15, 16 ... 18.45 21.45
Nao acons. a menores de 18 anos
A PROFESSORA DE CIÊNCIAS NATURAIS
c/ Hilli Casati, Michele Gemmino

POLITEAMA
Tel. 32380514 — 15.30, 18.30 e 21.30
Int. a men. 18 anos
AS DESCARADAS
2.ª semana

RESTELO
Tel. 610375 — ... 21.15
Nao acons. a men. 18 anos
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ROMA
T. 727778 — 14.30, 16.45 ... 21.15
CRIADO DE CONFIANÇA
Nao acons. a menores de ... anos
[illegible]
3.ª Semana

ROXY
Tel. 48560 — 14 ... 15
[illegible]
LIBERDADE PARA AMAR
Um filme de Harold ...
Não acons. a menores de 18 anos

S. JORGE
Tel. 554153/4 — 15, 18.15 e 21.30
Em 3.ª semana
Nao acons. a men. de 18 anos
«1900» 1.ª PARTE
Atenção: A 2.ª parte de «1900» Está em exibição no Cinema Mundial

TIVOLI
Tel. 570 595 — 15.15, 18.30 e 21.15
Laura Antonelli Terence Stamp, Marcello Mastroiann
DIVINA CRIATURA
Um filme de Giuseppe P. Griffi
Não acons. a men. de 18 anos

UNIVERSAL
Te. 774402 — 15.00, 19.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
DEUS, PÁTRIA, AUTORIDADE
Um filme de Rui Simoes
Às 17 e 23 h **O ANO 01** um filme de Jacques Doillon, Alain Resnais e Jean Rouch

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — Às 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
OURO

rádio

1.º Programa

16.00 Noticiário informações, em cadeia dos jogos Sporting-Leixões e Académico-Sanjoanense **17.00** Conjuntos **17.30** Avaliação Escolar **18.30** Repetição da 1.ª parte de um programa de variedades realizado no teatro S. Luís e organizado pela Radiofusão portuguesa **18.45** Um solista **19.00** Cantorias **19.30** «O que eu tenho para dizer» **19.40** Música variada **20.00** «Jornal da Noite» **20.30** Orquestras **21.00** 2.ª introdução do folhetim «Mário», de Silva Gaio numa adaptação de Ema Paul
2132 Contraponto **00.00** «Último Jornal» **00.15** «Jazz» **00.30** Conjuntos **01.00** «Música da Noite»

2.º Programa

16.10 Cravistas Sonata em dó maior, de Carlos Seixas, Sonata em ré menor, de Doménico Scarlatti, sonata em dó n. 1, de Haydn. **16.30** Um poema sinfónico «D. Quixote», de Richard Strauss. **17.15** Efeméride musical — Giuseppe Tartini: sonata em sol menor «Trilo do Diabo» **17.35** Solos de instrumentos — a hora das crianças de Marcel Grandjany, Prelúdio e Fuga em mi menor BWV 548 de Bach — três romances op. 94 de Schumann. **18.00** Transmissão directa do Teatro S. Luís de um concerto em que colaboram o pianista François-Joel Thiollier e a orquestra sinfónica da Radiodifusão portuguesa, sob a direcção do maestro Silva Pereira 1.ª parte Abertura da ópera «Euryanthe», de Weber (orquestra). Concerto n. 2, p/piano e orquestra, em si bemol maior, op. 83, de Brahms Intervalo. Música Vocal. Obras de César Geoffrey 2.ª parte — Ribatejo, de Frederico de Freitas e suite do bailado «o passaro de fogo», de Stravinsky No Final — O violinista Ruggiero Ricci **20.30** Quarteto em mi bemol maior, K. 428, de Mozart **21.00** Um ciclo de melodias — cinco poemas de Baudelaire, de Debussy, Herzog **21.27** Solos de piano — canções rusticas húngaras, de Bela Bartók. — Rapsódia espanhola de Liszt **21.55** Efeméride musical — Antónin Reicha — quinteto em sol maior, op. 88 n. 1 **22.15** Uma cantata profana de Bach «Eolo Apaziguado» **23.00** Festival de Arte Contemporânea em Royan, 1976 — gravações cedidas pela Radio França. Recital pelo clarinetista espanhol Jesus Villa-Rojo **23.42** Concerto n. 2, de Liszt **00.05** Obras de Haendel, sonata op. 1 n. 2, Wenzinger (viola de gamba) **00.33** Musica sinfónica de Richard Strauss **01.00** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

19.00 Em orbita. **20.00** Programa da noite **22.00** Auditorio **24.00** Prisma **02.00** Fecho

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 371154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

ONTEM EM BELÉM

Cunhal e Freitas reunidos com Eanes

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal teve ontem à tarde uma audiência de duas horas no Palácio de Belém com o general Ramalho Eanes. «Tratou-se de uma troca de impressões muito ampla acerca dos vários problemas que inquietam o nosso país, o nosso povo, problemas de carácter económico, financeiro, social e político. Foi uma troca de impressões sobre todos os problemas que vivemos neste momento no nosso país» — disse Cunhal à saída.

Entre outros assuntos para que foi solicitado pelos jornalistas e pronunciar-se, sublinhemos as palavras de Cunhal acerca do documento sobre as actividades bombistas publicado ontem pelo nosso jornal.

«Este auto é esclarecedor e há ali muitos factos que mostram comprometimento em acções terroristas que será muito difícil desmentir — disse. — Queremos, entretanto, no que respeita aos actos terroristas, afirmar que era tempo de pôr fim a essas organizações e actividades que provocam tanto desgaste e inquietação do nosso país».

Entretanto, de manhã, Freitas do Amaral e uma delegação do CDS tinham-se encontrado com o general Ramalho Eanes. A audiência demorou cerca de duas horas e meia.

Falando aos jornalistas no final da reunião o presidente do Partido do Centro disse que a audiência serviria para o CDS expor ao PR os seus pontos de vista acerca da situação política actual.

A assinalar, aspectos positivos e aspectos negativos — segundo Freitas do Amaral Aspecto, positivo, por exemplo, «o bom êxito que estão a ter as diligências portuguesas no sentido da nossa integração no Mercado Comum». Aspecto negativo, por exemplo, «as tentativas que estão a ser feitas para desestabilização da vida política e social portuguesa».

Freitas do Amaral disse que o seu partido está «preocupado» com a «ofensiva sindical que está a ser feita nos últimos tempos».

PSD EM BELÉM

Uma delegação do C.D.S. será recebida esta tarde pelo general Ramalho Eanes. A audiência, no Palácio Belém, segue-se a outras idênticas que ontem foram concedidas pelo P.R. a delegações do C.D.S. e do P.C.P.

Entretanto, o P.R. recebeu esta manhã os presidentes dos Governos Regionais dos Açores e da Madeira, respectivamente Mota Amaral e Ornelas Camacho, que foram chamados a Lisboa de emergência para tratarem de problemas relativos à desvalorização do escudo, ontem decidida pelo Governo Central.

Governo reunido com a C.I.P.

. . Uma delegação da C. I. P. (Confederação da Indústria Portuguesa) foi chamada a S. Bento para reunir com membros do Governo na sequência da anunciada desvalorização do escudo.

«Não há Conselho de Ministros», disseram-nos. Há apenas uma reunião de membros do Governo», repetia-se para os jornalistas à medida que iam sendo proibidos de entrar nos anexos da residência do Primeiro-Ministro, onde habitualmente o Governo e a Imprensa estabelecem contactos prévios às reuniões do Conselho. Anotámos, no entanto, as entradas de Manuel Alegre, Almeida Santos, Rui Vilar, Sousa Gomes, Jorge Campinos, Henrique de Barros.

Às 11 e 45 dava entrada na residência oficial uma delegação da C. I. P., constituída pelo eng.º Vasco de Melo e pelo dr. Morais Cabral. As únicas declarações que foi possível obter deles, depois de se anunciarem através do postigo do portão e enquanto aguardavam ordens para seguir, foi que tinham sido convocados, ontem à noite, pelo Primeiro-Ministro.

Posteriormente foi-nos informado que depois da reunião da C. I. P. com o Primeiro-Ministro se iniciaria a aprazada reunião do Conselho.

O Conselho da Revolução, por seu turno, reúne amanhã, às nove horas, em sessão extraordinária.

A desvalorização do escudo

Continuação da pág. 1

tários-gerais dos três grandes partidos.

Palavras de Mário Soares aos jornalistas — «Sobre essa medida que, naturalmente, interessa a todos os portugueses, o sr. ministro das Finanças, que continua neste momento reunido em S. Bento com o resto do Gabinete, vai fazer uma comunicação ao País. Além desta medida, que as circunstâncias aconselham e que não deve ser dramatizada, visto que muitos países tiveram que desvalorizar a sua moeda, quando entenderam necessário, esta medida destina-se, dizia, a evitar todas as especulações que se faziam com o escudo e a favorecer as nossas exportações, a defender os nossos emigrantes e incrementar, indirectamente, a produção nacional. Mas além desta, outras medidas de natureza económica serão tomadas. Sobre estas medidas e o seu enquadramento político farei em breve uma comunicação ao País.»

A DESVALORIZAÇÃO E OS JORNAIS DIÁRIOS

A desvalorização agora anunciada vai afectar de uma forma importante e directa os custos de produção dos jornais diários. Com efeito, para além das inúmeras matérias-primas e acessórias, e outros componentes utilizados na confecção de jornais e que são de origem estrangeira, a matéria principal — o papel — é praticamente todo importado e o seu preço aumentará automaticamente portanto e desde já em 15 por cento.

Prevê-se assim que não haja hipótese, para corresponder a este agravamento de custos, que não seja o de ser brevemente anunciado novo preço de venda dos jornais diários, que passará provavelmente para 7$50.

Angola nacionaliza sector petrolífero

A companhia petrolífera «ANGOL», filial do grupo português «SACOR», foi ontem nacionalizada pelo Conselho da Revolução de Angola, a mais alta instância do Governo da RPA.

O comunicado do Conselho da Revolução angolano, transcrito hoje pelo «jornal de Angola», não adianta qualquer esclarecimento quanto a esta medida.

A companhia «ANGOL» estava associada, sob a designação de «PETRANGOL» à companhia belga «PETROFINA», para a exploração dos jazigos de petróleo do Norte de Angola. A sua produção é da ordem dos 60 mil barris diários.

A decisão de nacionalizar a companhia «ANGOL», cujo capital é essencialmente português, entra no âmbito das nacionalizações já efectuadas após a independência da RPA. Segue-se também à justa vontade, numerosas vezes expressa pelos dirigentes angolanos de controlarem as suas próprias riquezas naturais.

Alegre anula inquérito de Rosa

O secretário de Estado da Comunicação Social exarou um despacho a anular e a considerar sem nenhum efeito o inquérito mandado instaurar ao Departamento de Informação da RTP pelo presidente do respectivo Conselho de Administração, capitão Tomás Rosa, no passado dia 18.

Esta atitude de Manuel Alegre, que sem dúvida alguma põe em causa a competência do responsável pela gestão da TV, parece assentar num recurso que lhe apresentara o director da Informação, tenente Parente, a pedir o cancelamento da decisão de Tomás Rosa.

Uma coisa é certa: o despacho de Manuel Alegre encontrava-se hoje afixado no interior do edifício da RTP, bem como a ordem de serviço do tenente Parente que nomeara diversos subchefes, subchefes esses que tinham sido demitidos pelo capitão Tomás Rosa, como oportunamente noticiámos.

Caso o capitão Tomás Rosa se demita, talvez o venha a substituir o jornalista Álvaro Guerra, nome há já algum tempo falado para o exercício dessas funções.

Angola e Moçambique atentos

As autoridades angolanas e moçambicanas seguiam esta manhã atentamente as eventuais consequências da desvalorização do escudo português, nomeadamente nas consequências que poderá ter nas respectivas moedas nacionais e nas relações económicas entre os países. Esta manhã o Banco de Moçambique encontrava-se já em contacto com Lisboa, tentando conhecer o teor exacto do comunicado do Conselho de Ministros português.

"Ultras" com pólvora negra

Continuação da pág. 1

que tinha saído havia pouco tempo.

A Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Lisboa, ocupa um edifício de 14 pisos. No momento em que a bomba explodiu, encontravam-se a trabalhar no 10.º piso cinco funcionários. No piso superior, mora o porteiro, Manuel Duarte Rodrigues Costa, que estava em casa quando rebentou o engenho. Contudo não houve feridos.

Entretanto, são também neste caso muito elevados os prejuízos materiais causados no edifício, especialmente no rés-do-chão e no primeiro andar cuja fachada foi destruída.

O lar universitário feminino alberga cerca de nove dezenas de estudantes. No total, vivem 130 pessoas naquele edifício, de oito pisos. O engenho, que rebentou à porta do lar, viria a destruir quase todos os vidros da primeira metade do prédio, causando ainda grandes danos em quatro automóveis ali estacionados.

A directora da «Domus Nostra» afirma-nos que nunca ali receberam qualquer ameaça ou indício que fizesse supor a probabilidade de um atentado deste tipo.

Muito embora não se tenham registado feridos, no momento da explosão encontrava-se no interior do lar cerca de uma centena de pessoas, entre pensionistas e empregadas.

A Associação de Estudantes do IST, o Secretariado Estudantil do M.E.S. e a SIP do P.C.P. divulgaram comunicados de protesto e condenação dos atentados fascistas.

BOMBA NÃO INTIMIDOU JORNADA PRÓ-POLISÁRIO

O rebentamento da bomba a curta distância do Salão Nobre do Técnico não intimidou os cidadãos que ali se reuniram ontem à noite para uma sessão anticolonialista: a comemoração do primeiro aniversário da proclamação da independência da República Árabe Saraui Democrática, pela Frente Polisário.

Na reunião participaram vários membros do Comité Português de Apoio à Frente Polisário (entre eles o director-adjunto do «DL», dr. Fernando Piteira Santos), um representante do MPLA e Nasser Ibrahim da F. Polisário que nesta foto se vê a conversar com a assistência.

P.J. prendeu assassinos do taxista

Foram detidos pela P.J. na madrugada de ontem, na Amadora, os assassinos do motorista de táxi Francisco dos Santos Fernandes, morto no passado dia 18 de Janeiro e cujo corpo foi encontrado por dois operários no sítio da Senhora da Rocha, num terreno marginal à estrada. São os autores do crime, Manuel, Arnaldo e Toni, de 18, 21 e 17 anos respectivamente. O objectivo era o roubo. Sabe-se já que quem empunhou a arma da morte, um revolver de calibre 32, foi o Manuel. Consumado o crime, os assassinos arrastaram o corpo da vítima para o referido sítio da Senhora da Rocha, levando o veículo de matrícula FH-39-48, que viria a ser encontrado mais tarde, na Buraca.

Clube Militar Naval

Realizaram-se ontem as eleições para os corpos gerentes do Clube Militar Naval.

Apenas concorreu uma lista, de unidade, escolhida entre os sócios «que oferecem garantias de real dinamização da vida associativa, dentro do cumprimento dos Estatutos.

Nas eleições ontem efectuadas votaram 419 sócios e registaram-se 393 votos válidos.

O elenco dos novos corpos gerentes é constituído por: Assembleia Geral — Presidente Alfredo de Oliveira; vice-presidente João Humberto Bougarth Loureiro Barbosa; 1.º secretário João António Colaço Cancela; 2.º secretário Manuel José Paulo.

Direcção — Presidente José Pedro Garrido Borges; vogais efectivos: Álvaro Sabino Guerreiro, Guerreiro, Humberto Ramos Costa Roque Ramiro António Soares Rodrigues e Vasco António Leitão Rodrigues.

Nota

QUE CONFIANÇA?

Quando um arguido militar não nomeia um **defensor oficial**, a Justiça Militar prevê o recurso a um **defensor oficioso**, desde que este mereça a confiança do arguido.

Alguns dos militares arguidos em processos relacionados com o 25 de Novembro, têm visto ser designados como seus defensores oficiosos, outros militares que estiveram sujeitos a processos e mesmo presos em virtude dos acontecimentos do 11 de Março.

Será que lhes merecem confiança?

DESPEDIDA

Ao despedir-se dos funcionários da Secretaria de Estado da Comunicação Social e depois de lhes comunicar que ia ser substituído por pessoa de toda a sua confiança, o ex-subsecretário da Comunicação Social, Soares Louro, comentou:

«Quanto à Televisão, não vos posso adiantar nada. Está lá um capitãozeco que qualquer dia se autonomeia Presidente da República.»

A PROPÓSITO DE CONOTAÇÕES

A propósito das notícias sobre a situação militar que têm vindo a ser publicadas em certos jornais, particularmente no «Jornal de Notícias» do Porto, muitas pessoas se têm recordado da campanha existente antes do «25 de Novembro».

No que respeita ao «J.N.» manifestámos ontem a nossa estranheza, salientando que na origem de tais notícias estaria um centro de contra-informação. De acordo com as notícias, em que o «futuro hipotético» é a forma verbal mais utilizada, os responsáveis pela situação criada «terão sido» «melantunistas», «otelistas», «gonçalvistas», P. R. P. e P. C. P.

Para melhor compreendermos os objectivos de tais «conotações» é altura de dizer que o articulista daquele matutino, e encarregado do tema, tem sido conotado com o ex-general Spínola e meios a este ligados.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM JANEIRO: 45.122

As novíssimas
receitas
do PantaCruel

26 DE FEVEREIRO
DE 1977

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete PONTO sete

cinema
jorge leitão ramos
CINE/PONTO ____ 3

livros
luís de miranda rocha
a PONTO e vírgula ____ 5

Teatro
carlos porto
Caixa do PONTO ____ 8

música
mário vieira de carvalho ____ 9

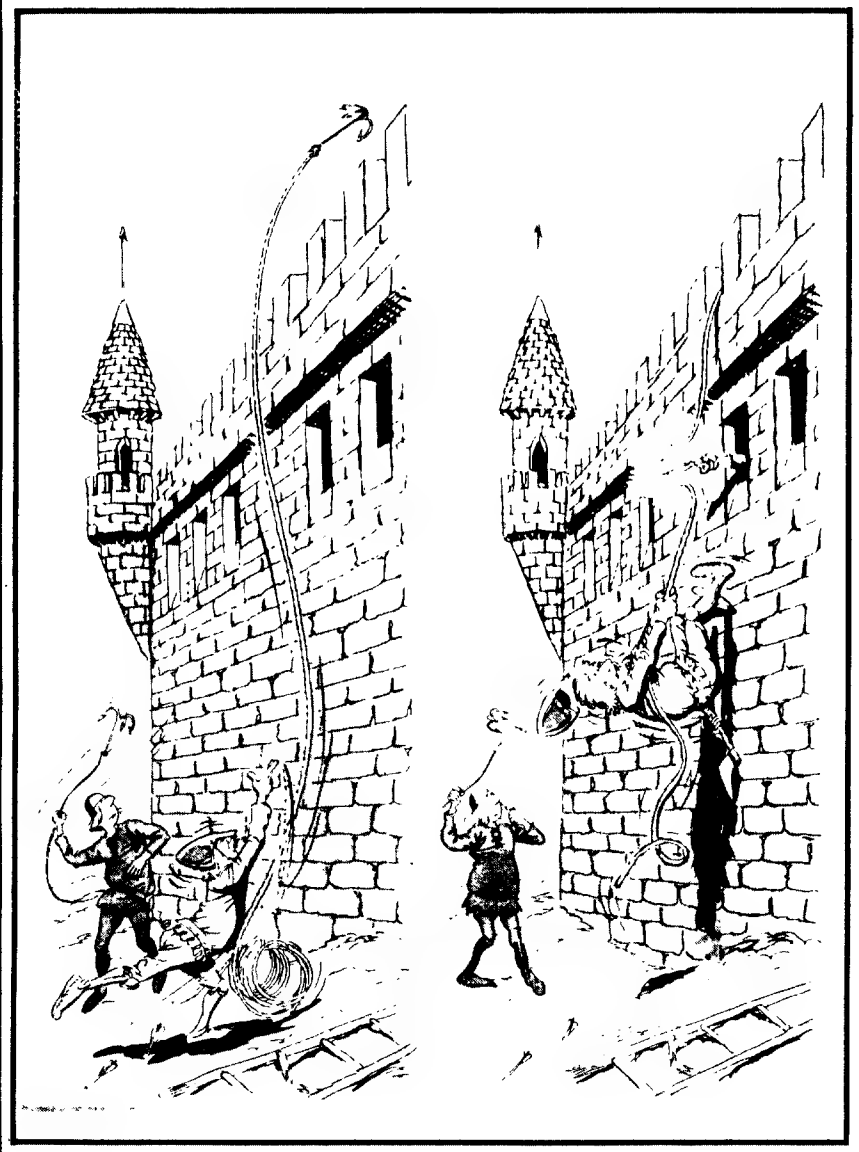
televisão
TV/PONTO ____ 11

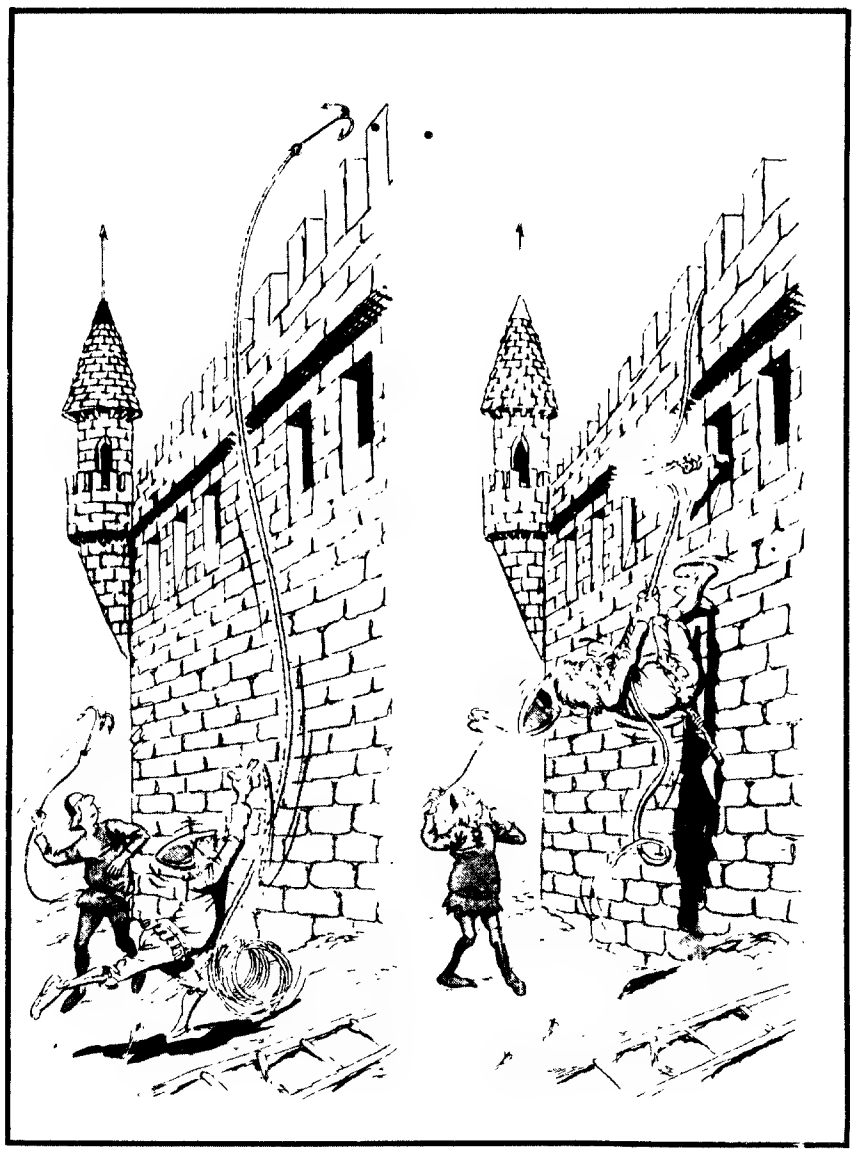
Coordenação de Mário Lindolfo

Orientação gráfica de Rodil Garcia

sete PONTO sete

Lisboa, 26-2 a 4-3 de 1977





As Sete Diferenças

Entre os dois desenhos, há sete pequenas diferenças.
As soluções vêm na página 11

palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

1/5/13 Princesa e actriz cinematográfica encontra-se com o ex-marido, em Madrid, onde roda algumas cenas do programa televisivo, «Tudo é possível ao Domingo». 7 Espécie de andorinha. 17 Caminhar. 18 Espécie de palmeira africana. 19 Laço. 20 Preposição e artigo. 21 Post-scriptum. 22 Cálcio (s. q.). 24/27 Foi casada com Frank Sinatra e para muitos, foi a mais bela mulher do cinema. 30 Novecentos e um em romano. 31 Nesse lugar. 32 Clarão (fig.). 33/41 Foi a intérprete de «Canção Solidão» do Grande Prémio TV da Canção de 74. 34 Guarnecer de asas. 35 Camareira. 36 Comparecer. 37 Primeiro nome da rainha do Egipto cujo túmulo foi descoberto por Mariette em 1859. 39 Invulgares. 45 Príncipe ou comandante mongol ou persa. 46 Ramo grande (pl). 48 Bário (s.q.). 49 Prepara. 51 Ramo delgado de árvore (bras.). 53 O mesmo que almofariz. 54 Transpirai. 57 Adeja. 58 Espécie de formiga (bras.). 59 Chefe da casa Grimaldi, foi o primeiro a dar sangue à Cruz Vermelha monegasca. 61 Avançaria. 63 Basta. 64 Aparência. 65 Avançavas. 66 Ouro (s. q.). 67/74 É o popular detective Colombo, e o homem mais rico da TV mundial. 71 Povo antropófago que atingiu o Gabão ido do Nordeste, pelo meado do século I«I, e que chegou até ao Congo. 72 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 78 Carimbaram. 79 Erra. 80 Concede.

VERTICAIS:

1 Caminharias. 2 Estrépito de desmoronamento. 3 Certo vinho francês espumoso do Marna, muito apreciado. 4 Aperfeiçoa (fig.). 5 Doutor. 6 Catafalcos. 7 Tomaras notas. 8 Bismuto (s.q.). 9 Ilha francesa do oceano Atlântico. 10 Brisa. 11 Autoridade honorária no Candomblé, para as despesas do qual concorre, tomando-as, não raro, totalmente para si (bras.). 14 Boi selvagem. 15 Tanto. 16 Érbio (s. q.). 21 Nome de letra. 22 Nome também dado ao mar das Antilhas. 23 Malha de rede. 24 Abertura dos fornos de cozer louça. 25 Freguesia do concelho de Boticas. 26 Dar pios. 28 Claridade que o Sol dá à Terra. 29 Cidade da Sardenha. 30 Província de Marrocos setentrional à beira do Atlântico e limitada pelo estreito de Gibraltar e as montanhas do Rif. 31 Preparar com anis. 38 Conduzir. 40 Verbal. 41 Hospedaria oficial, na China. 42 Bandeira militar (ant.). 23 Aragem. 44 Tempo do verbo ser. 47 Mastigar sem engolir. 48 Uma das ilhas de Sunda. 49 Fluido elástico que respiramos. 50 Deus dos rebanhos. 51 Ilha inglesa no mar da Irlanda. 52 Cidade da Suíça. 53 Peça de metal que segura e liga duas pedras numa construção (pl.). 55 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! 56 Caminharias. 57 Letra grega. 58 Empregar. 60 Duna na Suécia. 62 Esteiros. 68 Nome de letra 69 Bigorna de ourives. 70 Época. 73 Neste momento. 74 Crença. 75 Actínio (s q.). 76 Nota musical. 77 Pronome pessoal.

CINE/PONTO

O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS
de Irwin Kershner
(USA-1976)

O sr. António de Spínola foi ver este filme. Terá gostado? (eu se fosse o exibidor utilizava este facto para publicidade). Como não sou, só possa informar da minha reacção física: entre o espasmo e o vómito, uma espécie de nojo visceral, eis apenas o que a violência sionista, posta em cena, em mim provoca.

Cinema Condes
(não acons. men. 13 anos)

MONSIEUR VERDOUX
de Charles Chaplin
(USA-1947)

O reverso de Charlot na pele do seu antitético irmão Verdoux, assassino artístico de mulheres. Um filme sublime de amor negro, ironia e crueldade onde Chaplin se vinga definitivamente de todas as mulheres matriarcas americanas que ele elimina qual anjo exterminador em operação de saneamento básico.
Um clássico que é preciso não deixar fugir no pântano que é a maioria da exibição cinematográfica lisboeta.

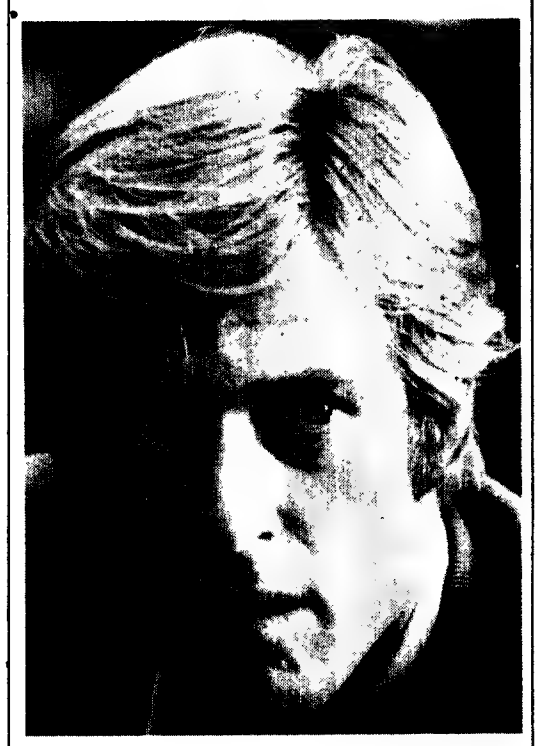
Cinemas Quarteto e Stadium — Algés
(a partir do dia 25)
(Não acons. men. 13 anos)

LUCKY LADY
de Stanley Donen
(USA)-1975)

Quando um realizador faz um filme como **Singing in the rain** ganhou direito que se siga com atenção a sua carreira. Quando porém ele despeja sobre nós esse prodígio de inabilidade, insegurança e até mau-gosto, que é este **Lucky lady** leva-nos a pensar que está a beira senão em plena fuição, da senilidade.

Cinema Satélite
(não cons. men. 18 anos)

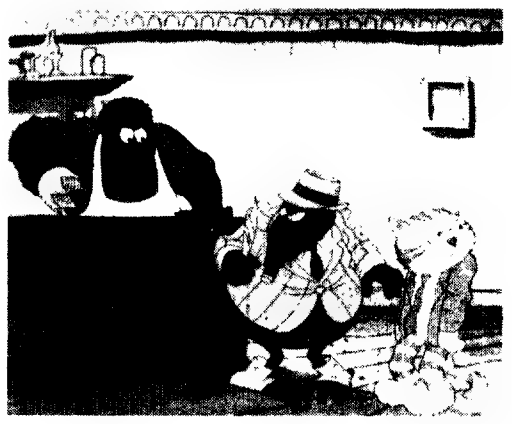
OS HOMENS DO PRESIDENTE
de Alan J. Pakula
(USA-1975)



A consciência liberal americana a jogar os seus (não poucos nem magros) trunfos. O tema é o espectador por entre um clima de filme policial jornalismo brilhante. Um filme onde os limites são nítidos mas a força bastante para conduzir o espctador por entre um clime de filme policia para-real.
Quanto aos limites, eles são evidentes: o ponto de vista é o do sistema em estado puro e destina-se, no fundo, a provar que as instituições afinal funcionam o que, sabemos, é o mesmo de quem deu luz verde à revelação do Watergate.

Cinema Caleidoscópio.
(não acons. men. 13 anos.)

FRITZ O GATO
de Ralph Bakshi
(USA-1972)



O regresso (breve) de um dos melhores filmes de animação jamais feitos. O **feeling** de uma cultura americana guardado com humor e precisão. Um filme não só para ver mas ainda para ouvir: a banda de som, do diálogo a música ao sabor material das palavras (um certo som, uma certa entoação, um certo calão) é um dos pilares que sustentam esta obra.

Cinema Stadium (Algés) dias 27/28/1
(interdito a men. 18 anos)

OH! AMIGOS MEUS
de Pietro Germi e Mario Monicceli
(Itália-1975)

Pelos vistos, um sucesso. Vai em nove semanas de exibição o que, convenhamos, é bem bom. É curioso verificar que, num filme onde a subtileza è rara onde todas as sequências têm uma leitura evidente, quase a um primeiro grau, os espectadores acorrem. Tem isto a ver, porventura, com uma certa preguiça do público cinematográfico que prefere algo que se lhe meta pelos olhos adentro que uma reflexão de onde o humor se destile saborosamente. Para mais, **Oh! Amigos meus** é uma comédia onde, à falta de melhor o(s) realizador (es) jogam no forçado; no esgar; numa espécie de cinema a martelo; muito pouco feliz.

Cinema Londres
(não acons. men. 13 anos)

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
de Milos Forman
(USA-1975)

Sucesso confirmado e, valha a verdade, amplamente merecido. A consolidação de um autor instável e desigual, agora em sintonia com o seu estilo e com uma forma de fazer cinema muito particular, a americana.
Jack Nicholson a fazer o seu número e a ganhar com isso um óscar. É bom não esquecer que ele o merecia pelo menos desde o **Chinatown**

Cinema Quarteto-Sala 2
(não acons. men. 18 anos)

OS CLOWNS
de Frederico Fellini
(Itália-1970)

Fellini no palco do circo, no palco da vida, quer dizer, no seu próprio palco: o da representação interior, fantasmática. Um filme de televisão que muitos olham como uma simples homenagem ao mundo dos palhaços que começa a não haver mas onde finalmente, é ainda e sempre Fellini o objecto da encenação.
É, às vezes, nos pequenos filmes que a condensação de um universo atinge prodígios de economia e de rigor. Este filme é um desses casos.

Cinema Stadium (Algés) - dia 26
(não acons. men. 13 anos)

1900
de Bernardo Bertolucci
(Itália-1975/76)

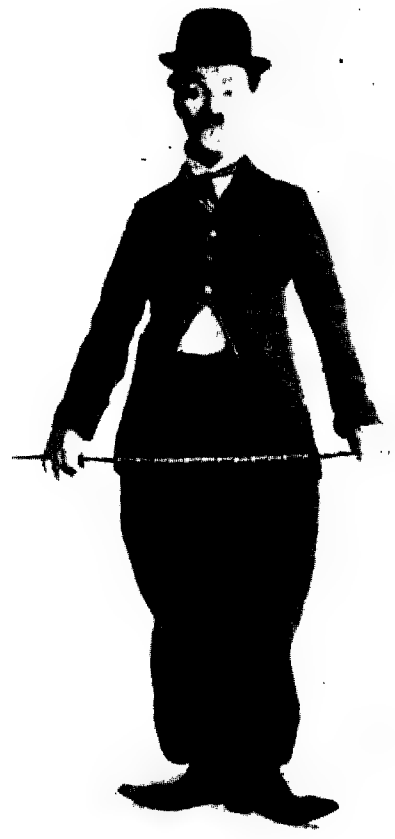
Olhar a vastidão e a magnificência deste filme por dentro é dizer que ele guarda o fôlego da epopeia e a solidez do monumento; mas é dizer também que um tão alto nível de cinema exigia, aqui ou ali, uma mais disponível atenção para o pormenor. É o caso da figura de Attila, fascista mcbethiano, ambicioso e carregado de taras, espécie de monstro que remete o fascismo pequeno-burguês para um espaço pouco sólido e, talvez, pouco eficaz: o da **anormalidade**.

Cinemas S. Jorge (1.ª parte) e Mundial (2.ª parte)
(não acons. men. 18 anos)

A VELHA SENHORA INDIGNA
de René Allio
(França-1964)

Olhar fraternalmente uma pequena, breve e derradeira libertação, pautada pelos limites de uma sociedade e de um horizonte, lúcida e discretamente feliz, se bem que um breve traço de finíssima amargura se desenhe à superfície. É um filme perto das pessoas, dos olhares e dos sentimentos, quente mas calmo, início da carreira de Allio e apoteóse inesperada de uma actriz de quase oitenta anos: Sylvi.

Cinema Quarteto-Sala 3
(não acons. men. 13 anos)



Chaplin sempre

Topei, por acaso, esta semana com o prefácio português à «Autobiografia» de Charles Chaplin (prefácio da autoria de António Lopes Ribeiro) onde o multifacetado ex animador do «Museu do Cinema» (que juntava numa só pessoa uma indiscutível erudição com a face repelente de cineasta oficial do fascismo português) procurava demonstrar uma sua muito pessoal tese sobre Charlot: que o seu ideal «era um ideal **burguês** e não, de nenhum modo, **proletário**». E dei comigo a pensar que **Tempos Modernos era, finalmente, um hino à exploração** capitalista, que **O Grande Ditador** era uma ode aos fascismos, que **Um Rei em Nova Iorque** era, afinal, um ataque aos perseguidos pelo maccarthysmo e que **Luzes da Cidade** defendia os poderosos e os ricos. Ou seja, reparei que temos andado todos enganados e que Charlot é uma marioneta antiproletária e antipopular, que Eisenstein também se enganou ao julgá-lo «um irmão de armas no combate contra o inimigo comum da humanidade» (em «Charlot, o Garoto» incluso nas «reflexões de um cineasta») e que, no fundo, Charlot é mas é um tipo sinistro. Deixemo-los de ironia negra, enterremos este prefácio de doze anos de idade, e vamos ao que importa: esta semana que ora começa traz-nos um ciclo de Charlie Chaplin no Palácio Foz. E o programa é como segue
Dia 28 — **A Quimera do Ouro** e **Charlot e as Salsichas**
Dia 2 — **Tempos Modernos e Charlot Marinheiro**
Dia 3 — **O Grande Ditador**
Dia 4 — **Um Rei em Nova Iorque**
O regresso (sempre oportuno) de Charles Chaplin e do seu personagem, nosso próximo. Uma semana para revermos uma parte do seu incomensurável trabalho. Onde o riso e uma arma. Nós sabemos.

Sessões da meia-noite

APOLO 70
Sábado — «As mãos do estripador» (M/18)
Domingo — «A conspiração» (M/18)

CASTIL
Sábado «A lei do sexo» (M/18)

CINEARTE
Sábado «As escarpas do medo» (M/18)

CINEBOLSO
Sábado — «O justiceiro amarelo» (M/18)
Domingo «Mulher felina» (M/10)

D. JOÃO V
Sábado «A fúria do dragão» (M/18)

ESTORIL-CASINO
Sábado — «A bela Casta Suzana» M/18)
Sexta — «Contos imorais» (M/18)

ESTÚDIO 444
Sábado — «A minha mulher agrada-te... adoro a tua» (M/18)

EUROPA
Sábado «Medo sobre a cidade» (M/18)

LONDRES
Sábado «Em nome do pai» (M/18)

PARIS
Sábado — «Os sinos da morte» (M/18)

"A última mulher"
de Marco Ferreri

FICHA:

Título original: L'Ultima donna
Realização: Marco Ferreri
(Itália-França-1975/76)
Argumento: Marco Ferreri, Rafael Azcona e Dante Matelli, «segundo uma ideia original de» M. Ferreri.
Fotografia (eastmancolor): Luciano Tovoli
Cenários: Michel de Broin
Música: Philippe Sarde
Interpretação: Gérard Depardiu (Gérard), Ornella Muti (Valéri), Michel Piccoli (Michel), Renato Salvatori (René), Zouzo (Gabrielle), David Biffani (Pierrot), etc.
Distribuição em Portugal: Columbia/Warner
Cinemas: Quarteto-Sala 4 e Satélite
Classificação: Interdito a men. 18 anos.
Duração: 110 minutos

Um dos aspectos mais importantes do cinema de Ferreri é essa onda de provocação que consigo carrega no sucessivo demolir das estruturas clássicas que tornam (internamente) coerente e deslizante o discurso dominante. Com Ferreri trata-se de destruir, de fazer cortes a fresco sobre a realidade (uma prática estética de ruptura a exigir uma linguagem de (em) ruptura) e de os lançar, em pleno desequilíbrio, ante os nossos olhos. Ou seja o contrário do naturalismo e da transparência. Fugindo, ainda, ao esquema limitado do positivismo com que muita «esquerda» envolve uma nova e omnisciente panaceia universal, Ferreri consegue evitar reduzir o universo a uma outra coerência teórica improdutiva e bloqueante e situar-se, em pleno risco, no coração da crise.
Crise do olhar: a uma harmonia repousante, prefere Ferreri uma violência assumida. Destruição, por isso, de **décor** (quer **física** como em **Não toques na mulher branca** quer psicológica **moral**, como neste filme); irrupção frequente do espaço **off** (ao nível clássico — «margens do **écran** — ou a um nível, diria, «temático» — o social no sentimental, o sexual no platónico); rejeição do psicologismo para dar lugar a um cinema centrado no gestual, nos objectos, no material.

Crise institucional: a fábrica, a creche, o lar, a transgressão, o feminismo. A ordem e a «libertação» nas normas que essa ordem balizou. Os canais e os escapes.

Crise final, primeira e última: a de um quotidiano de que se herdaram hábitos, gestos e símbolos que já não servem. Este filme, é primordialmente, um filme de passagem. Porque não é do princípio da consciência ou do desembocar das contradições que nele (aqui) se fala: é do exacto momento em que se transita de um a outro desse pólos. Em que tudo se desmorona, se sabe porquê e como, mas se ignora a via e a direcção.

A última mulher: filme de homem. Porque, muito embora seja de uma civilização que nele se fala, é dos seus reflexos ao nível particular do homem-macho que se trata. Homem «leader» secular da sociedade, privilegiado condutor da História de súbito face aos seus limites e à sua impotência para resolvê-los. Não, sequer, em seu favor mas de resolvê-los para constituição de uma nova plataforma de vida. Homem que vê morrer a era falocrática e estrebucha. Homem (que Gérard Depardieu encarna com rara e inesperada coragem e rigor) feito de amálgama de muitos (ou quase diria de todos) os homens quotidianos que somos; **alter ego**, portanto, do humano masculino, nosso irmão, nosso próximo. Filme de homem, ainda, porque ao nível do feminino o olhar de **A última mulher** não é acutilante, analítico, ou sequer descritivo; a mulher é, aqui, contraponto, elemento de perturbação, factor de ruptura, mas nunca fulcro. Questão de falar do que se conhece. Inteligente, da parte de Ferreri, é o facto de ele não dar nunca a entender que a mulher já resolveu a crise, já encontrou o caminho, já detém a chave do futuro. Inteligente porque isso seria fazer um filme feminista e portanto embarcar em nau alheia e, para mais, incerta. Inteligente, por outro lado, porque isso iria, fatalmente, positivar num sentido ambíguo, a linha deste filme.
E o que se trata não é dar a palavra, e a lei, a verdade, a alguém. Trata-se de testemunhar esta hora de difícil corte num passado, de testemunhar a morte do homem falocrático, de o deixar nesse beco (de que não compete a Ferreri, mas a nós, encontrar a saída), face a um futuro a desbravar.

GRANDE EMPRESA INDUSTRIAL DO RAMO METALOMECÂNICA PESADA DA REGIÃO DE SETÚBAL

ADMITE:

LICENCIADO EM DIREITO

(para reforço do seu contencioso de pessoal)

EXIGE:

— Experiência em Empresa e/ou organismo oficial (tribunais de trabalho inclusive)
— Conhecimentos de legislação do trabalho.

OFERECE:

1 — Remuneração de acordo com curriculum
2 — Horário de trabalho 40 horas semanais (5 dias)
3 — Refeições e transportes subsidiados pela Empresa
4 — Regalias sociais para além das determinadas pela legislação em vigor.

As respostas com curriculum vitae deverão ser enviadas até ao dia 4 de Março ao número 1905 deste Jornal.

GRANDE EMPRESA INDUSTRIAL DO RAMO METALOMECÂNICA PESADA DA REGIÃO DE SETÚBAL

ADMITE:

ESPECIALISTA DE ASSUNTOS DE PESSOAL

EXIGE:

— 2 anos de experiência em definição de métodos e realização de descrição, análise e qualificação de funções.

CONDIÇÃO PREFERENCIAL:

— Diplomado em ciências do trabalho

OFERECE:

1 — Remuneração de acordo com curriculum
2 — Horário de trabalho 40 horas semanais (5 dias)
3 — Refeições e transportes subsidiados pela Empresa
4 — Regalias sociais para além das determinadas pela legislação em vigor.

As respostas com curriculum vitae deverão ser enviadas até ao dia 4 de Março ao número 1904 deste Jornal.

INGLÊS - FRANCÊS - ALEMÃO

O ENSINO PROGRAMADO aplica-se a todas as matérias do conhecimento humano.
Foi concebido para suprir as carências do ensino clássico e é já uma constante em quase todo o mundo.
ESTAMOS A INTRODUZI-LO EM PORTUGAL.
Escolhemos o ensino de línguas por se tratar de uma matéria que interessa a toda a gente.
INTERESSA-LHE SOBRETUDO A SI QUE É UMA PESSOA MUITO OCUPADA COM FALTA DE TEMPO.
Estamos prontos e aptos a demonstrar-lhe as vantagens do ENSINO PROGRAMADO.
Basta remeter-nos o cupão através do D. L., Rua Luz Soriano, 44, indicando a Ref.ª 1892.

NOME ..... IDADE .....
MORADA ..... TELEF. .....
LOCAL ONDE TRABALHA .....

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.
MICROSOM — Organização especializada em prótese auditiva.
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — **FARO:** Rua Ivens, 24-26

a PONTO e virgula

MUITOS LIVROS DE VERSOS

Não pareça estranho que muitos ou mesmo os mais dos livros que aqui se referem semanalmente sejam livros de poesia. São de poesia as mais das edições literárias que se fazem hoje em dia entre nós. Mais, os melhores livros que hoje em dia vamos lendo são livros de poesia. «De poesia», ou «de versos», se assim entenderem que é falar mais correcto. Referimo-nos a novas produções de autores portugueses. Há quem sustente (estudiosos estrangeiros, por exemplo, sustentam) que a poesia portuguesa é, hoje ou ainda hoje, uma das melhores do Mundo. É talvez um excesso sobre que não teremos grande coisa a dizer. A verdade é que — diga-se isso suponhamos que com alguma ironia —, ele há tantos poetas a publicarem que, naturalmente, dentre tantos... Até certo ponto, ou a partir de certo ponto, a qualidade é uma função da quantidade. Digamos: quanto mais versos se fazem mais probabilidades há de haver boa poesia. Em Portugal, há: continua a haver. Sabe-o certamente o leitor prevenido que costuma frequentar as livrarias. Quase não há um dia em que não apareça nos escaparates um original. E há originais que saem e não chegam sequer às livrarias. De facto, estão a sair com frequência bons livros de poesia. Quando se chega ao fim do ano e se fazem os estafados balanços, este facto é uma evidência. Os demais livros novos de autores portugueses que vão saindo são poucos e pouco em relação não só (ou não tanto) à quantidade mas também (como) à qualidade dos livros de poesia. Não temos ouvido dizer mas por certo ainda se diz: que Portugal é um País de poetas: nem devemos entender isto à letra, nem atribuir a isso um sentido somente pejorativo. A verdade é que há em Portugal não só muitos fazedores de versos mas também muitos poetas, e continuam a publicar-se regularmente muito bons livros de poesia. Haverá, para este ascendente da poesia sobre outros «tipos» de trabalho e criação literária, uma plausível explicação: fazer poesia é uma tarefa mais fácil do que fazer um romance, elaborar um estudo, escrever uma novela, uma peça de teatro, por exemplo. E publicá-la também: pelo menos, a edição fica sempre mais barata. Referimo-nos à generalidade das coisas que se fazem em versos. É evidente que a confecção de um bom poema não é uma tarefa fácil. Mas naturalmente só os poetas dotados de um razoável sentido crítico é que se apercebem facilmente disso. Porque os demais (poetas? — chamemos-lhe assim) não o sabem nem suspeitam. Devemos então pelo menos suspeitá-lo nós. A maior parte dos livros de versos que entre nós se publicam não prestam para nada, além de servirem para o autor responsável ofertar à família, aos amigos, e às redacções dos jornais onde geralmente não se lhes presta atenção nenhuma. Trata-se de coisas sem importância de maior. Em princípio devemos esquecê-los. Quando isso não for possível, torna-se então pertinente reflectir sobre as condições em que e o modo como tudo isto se processa. E, no fundo, talvez a grande quantidade de maus livros de poesia não seja uma boa razão para entrarmos em pânico. Não é que a qualidade seja uma função directa da quantidade, mas, se a maior parte dos livros de versos que entre nós se publicam são maus, é preciso ter em conta que se publicam entre nós muitos livros de versos, e é isso que de certo modo permite o aparecimento regular de livros de poeia de alta qualidade, Se é ridiculamente excessivo ou um pouco ridículo dizer-se que Portugal é um País de poetas porque entre nós não há praticamente português da classe média (pelo menos) que não faça ou tenha feito alguma vez a sua alegre elegia ou a sua triste loa à amada do amor da sua fruste perdição, e é muito elevado o número daqueles vetustos vates que publicam o seu soneto nas gazetas da terra — não deixa de ser correcto dizer-se que, em parte, e por menos que seja, pelas condições que tornam isso possível, existem entre nós inúmeros poetas de primeira — se para isto se pode pensar em termos de classificação, como se isso dos poetas que há fosse para dependurar nos galhos da hierarquia.

ANTÓNIO RAMOS ROSA

Oito dias depois voltamos ao seu último livro: «Boca Incompleta» (na Licorne, da Arcádia). Sem tempo para mais, desta vez ainda: é um conjunto de poemas de um dos maiores portugueses de hoje (e se disséssemos o maior

não seria tão excessivo como os superlativos são sempre, nem tão precário como sempre as redundâncias se tornam; só que há outros, é claro, e nós estamos sempre a cometer o erro de distinguir de mais — quase para fraseando Rainer Maria Rilke. O leitor já estava avisado desde há oito dias. Fica o aviso outra vez nestas colunas.

DAVID GUERREIRO: DE PONTE DE LIMA

De Ponte de Lima chega-nos um livro: «Vibração de nervos», de David Guerreiro, A copiador, que os orçamentos das tipografias são muitas vezes mais do que difíceis. Poesia, ou o que queiram chamar a isso, que a certa altura saturamo-nos das palavras e elas aparecem-nos desprovidas de qualquer significado. Uma breve indicação na abertura diz-nos que o autor tem 27 anos é licenciado em filosofia, professor, e publicou em 71 o seu primeiro livro: «Grãos de Poesia». Seguem-se opiniões por certo muito doutas, e destas destacam-se a de Pinharanda Gomes e João Gaspar Simões. A deste, por exempo: «A perplexidade daqueles que nos nossos dias se abeiram do planeta poético nacional é bem clara nos versos deste jovem». Era a propósito do livro de estreia. Quanto a este segundo, «Vibração de Nervos», abre-se ao acaso, e lê-se um poema como «Sobre um Rosto», por exemplo: «Como são diferentes/os olhos/desta rosa/quando/ os lábios/são uma borboleta/como estão ausentes/os braços/das searas/quando/me esqueço/que também sou poeta». Vai-se depois à procura de melhor, e talvez não haja. Esta «Vibração de Nervos» é dedicada «a todos quantos na vida lutaram° e lutam/por um ideal sem nunca o atraiçoarem/a todos quantos/lutam na vida/pela justiça/mesmo quando são proibidos/por leis/a todos quantos se ergueram/para dar vida vermelha/a uma flor». Louvam-se, do autor, as preocupações dedicatórias. Mas — já eram palavras de Gaspar Simões — «a perplexidade daqueles que nos nossos dias se abeiram do planeta poético nacional é bem clara nos versos deste jovem». Também Pinharanda Gomes dizia, quando dos «Grãos» que, «dominando já, apesar da sua pouca idade literária, certos efeitos seguros da palavra, David Guerreiro (tangia) uma lira de vibrações para-metafísicas». Já agora, e a propósito da «flor» do final da dedicatória — «Imenso trabalho nos custa a flor», escreveu um dia Carlos Drummond de Andrade.

«BASALTO»

Começou a publicar-se aqui há meses no diário «Correio dos Açores», de Ponta Delgada, um suplemento literário. «Basalto», chama-se assim, nome retirado de predominante pedra açoriana. Trabalho de coordenação de Carlos Faria e Laurindo Cabral, vai o suplemento no seu número 5 em Fevereiro. Temo-lo aqui presente, traz poemas de José Gomes Ferreira, Cristóvão Aguiar e Carlos Faria, um escrito de J. H. Santos Barros sobre o pintor açoriano Tomás Vieira, outro sobre uma exposição de pintura que esteve no Museu Carlos Machado, em Ponta, reproduz uma pintura do pintor a que Santos Barros no seu escrito — crónica (desde Lisboa) se refere. Dizem-nos que por trás da iniciativa que é este suplemento está a nova geração de escritores e artistas do arquipélago (relativamente numerosa e já com um certo peso global, embora este se deva mais a certos nomes de destaque), com Carlos Faria, mais «dos Açores» do que tantos naturais de lá, e não propriamente um veterano. Esta mesma geração, lembra-se, já esteve ligada a iniciativas de relevante interesse, em Angra; por exemplo: uma galeria de arte, um suplemento cultural, que chegou a sair semanalmente. Dizem-nos ainda: é provável que dentro em breve «Basalto» afaste das suas perspectivas de sobrevivência algumas dificuldades que actualmente se lhe levantam e passe a publicação autónoma, a sair regularmente, tipo revista, ou tipo jornal. «Basalto»: é uma notícia de trabalho que chega dos Açores. Aqui está.

DOS AÇORES: J H BORGES MARTINS

Mas há outras notícias dos Açores. Trata-se de um livro: «Galope em 4 Esporas», poemas de J.H. Borges Martins. Já não é um livro de estreia, mas um terceiro livro. Antes, tinha o autor publicado «Silêncio Vertical» (e 70) e «Por Dentro das Viagens» (e m73). Não conhecemos o primeiro, tinhamos lido o segundo. Reportando-nos a este (e confrontando-os um pouco), o que ora nos chega (dúvidas sobre se virá para venda pelo menos no mercado livreiro de Lisboa) parece-nos sem dúvida muito melhor. Fez o poeta progressos sensíveis. Há nos poemas de «Galope em 4 Esporas» não só uma maior (já muito notável) inventividade, mas também um major (já muito notável) cuidado posto na confecção do poema: na elaboração do discurso, na organização metafórica, na fabricação textual. Só que, talvez, não adquiriu ainda o poeta essa noção intuitiva do ritmo próprio, do equilíbrio, da densidade e do peso específicos de cada palavra, de cada metáfora, de cada componente do texto, do discurso, — e da importância fundamental de cada elemento de articulação. São pormenores de ordem, digamos, técnica, que exigem uma demorada aprendizagem a custa de uma paciência sem limites no trabalho a fazer com a linguagem. Não fique isto aqui dito para pôr muito em questão o conjunto de poemas que o livro de J.H. Borges Martins nos oferece. Fique aqui é um poema para a o leitor ver como é a poesia já de qualidade que Borges Martins faz. «Sítio de Aves», por exemplo: «país de sol brando/com palavras húmidas de sal/pregadas na ruína dos/casacos. manhã concebida no espanto/das bombas metidas no/sonho das cápsulas/de naftalina./arados de amor ensina/a instrução urgente/dos campos/o povo serve sem ser/servido, já/não pode adiar a fome para o outro dia./dói-lhe na carne a/ferida das traições./um olhar intensivo vestido/de sangue repousa/na maca das vítimas./é tempo de convocar as/aves para um novo plenário».

GAUGUIN NA ESCRITA

Fresco e tintas, um livro que é inevitavelmente notícia: «Noa Noa», de Gaugin. É uma edição E Etc. Ao mesmo tempo que o livro, sai um folheto de propaganda: «Noa Noa» — «Odorífero, como cheira o Tahiti» — retiramos. — «A fascinante vagabundagem de Gauguim

&etc

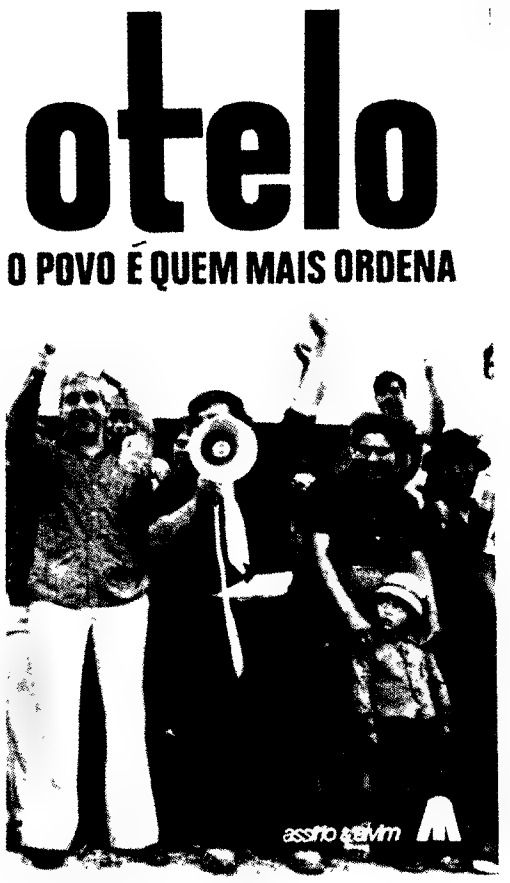
vivida no Pacífico. Também um discurso de amor e anarquia surpreendente e inovador, na ruptura dos processos literários, incisivo como raros na tecla anticolonialista e antiburguesa». Ao leitor, um aviso: voltaremos a falhar-lhe deste livro um destes dias.

«COLÓQUIO-Letras»

À venda, mais um número de «Colóquio-Letras»: o 35, datado de Janeiro. Não havendo ao longo das suas 104 páginas nenhum texto que nos pareça de mais premente interesse para o público comum destas coisas, passe-se um relance pelo sumário, sobretudo pelo corpo de ensaios que o abre. Vêm aí trabalhos de Ana Haterly, «Visualidade do texto: uma tendência universalista da poesia portuguesa»; de Bernard Emery, «O Homem e o Diabo nas «Obras do Fradinho da Mão Furada»; de Ana Cristina César, «O Bobo e o Poder em Poe e Herculano»; de Gregory McNab, «Sobre duas «intervenções» de Almada Negreiros»; de Yvete Kace Centeno, «Ciclo do Cavalo», de António Ramos Rosa: uma leitura». há ainda um texto de ficção de Carlos Wallenstein, poemas de Vitorino Nemésio, Mário António e António Pinheiro Guimarães, notas e comentários diversos, críticas assinadas por diversos autores sobre livros mais ou menos recentemente publicados em Portugal e no Brasil, e informações. Faz-se aqui esta notícia, a pensar: está a tornar-se rotina referência, de dois em dois meses, à revista da Gulbenkian. Não pareça isto muito excessivo: é esta a única publicação periódica que se publica em Portugal sobre a vida e os problemas da literatura.

OTELO

Na Assírio e Alvim: «Otelo — O povo é quem mais ordena». Lançado na quinta-feira foi acontecimento a que o nosso jornal se reportava na sua edição de ontem. O livro são mais de trezentas páginas, e estão aí os principais documentos da campanha eleitoral de Junho de 76 para a Presidência da República:
declarações, discursos, entrevistas. Custa o livro 120$00. A altura do preço desce quando

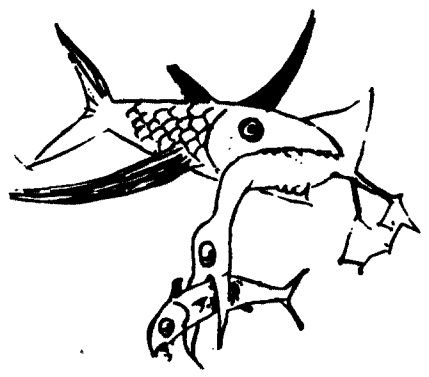


se pensa no que um livro é: um volumoso dossier para a história não só do processo político português desencadeado em 25 de Abril de 74 mas ainda (convicção nossa, naturalmente partilhada por tantos) para a história das ideias políticas em Portugal.

APRENDER A LER

Talvez para leitores acima da média: o terceiro volume da colecção «Práticas de Leitura», que a Arcádia lançou o ano passado com Maria Alzira Seixo, a responsabilizar-se. Já aqui referimos oportunamente os dois primeiros volumes. Aí está agora o terceiro: «Categorias da Narrativa» — título genérico para cinco trabalhos: «Ponto de Vista ou Perspectiva Narrativa», de Françoise Van Rossum-Guyon, «O que é uma Descrição?», de Philippe Hamon, «Para um Estatuto Semiológico da Personagem», do mesmo, «Sobre o «Monólogo Interior»; Leitura de uma Teoria», de Danièle Sallenave, e «Le Horla, de Guy de Maupassant: Ensaio de Descrição Estrutural», ainda de Philippe Hamon. Isto para não referirmos o trabalho indrodutório de Maria Alzira Seixo: «Romance, Narrativa e Texto (Notas para a Definição de Percurso)», a ler antes do mais, uma iniciação mínima aos problemas de que a seguir se trata (não exaustivamente, é claro: são apenas subsídios para a compreensão de uma problemática muito mais larga e complexa). Mas tudo isto excede-nos, ó leitor médio que no
somos também: já não dizemos esta problemática mas pelo menos alguns dos problemas de que estes cinco trabalhos tratam cientemente. Por isso, já o dissémos, é para o leitor acima da média, este livro, requer já talvez uma minimamente especializada preparação, De qualquer modo, trata-se não de questões transcendentes; e vão sendo cada vez em maior número as pessoas a versarem-se nestas matérias. Questão é que as consideremos tanto ao alcance de todos como do interesse mais comum. «Este volume de «Práticas de Leitura» pretende fornecer operações metodológicas que possibilitem a análise geral da narrativa, conceitos definidos que permitam o entendimento dos textos descritivos e das personagens como agentes ou pacientes do relato e uma perspectivação geral sobre o problema do autor/narrador e suas relações com os factos que narra (o que implica até certo ponto a questão da temporalidade» — palavras de Maria Alzira Seixo, sobre os textos que escolheu.

as rece novíssim Fanta



PESCADINHAS À DESESPERO

Trata-se dum prato muito antigo, também conhecido por «pescadinhas de rabo na boca». Isto, evidentemente, no tempo em que as pescadinhas abundavam eram acessíveis.
Dado que isso já não se verifica, deve o cozinheiro aproveitar o facto de abundar o outro ingrediente do petisco, isto é o desespero.
Desesperado, o cozinheiro deve colocar-se de frente para o fogão e observar atentamente a frigideira em que, no antigamente, fritava as pescadinhas. Se, apesar da concentração do cozinheiro, não aparecerem pescadinhas na frigideira, ele ficará a perceber porque é que, nos últimos tempos, a expressão «Pescadinhas à desespero» adquiriu um significado novo.

COZIDO À PORTUGUESA

Este era o prato mais apeteçido da velha cozinha portuguesa, uma espécie de sopa de pedra sem pedra. Alguns antigos que conhecemos ainda se lembravam dos ingredientes, que nos descreveram, alguns dos quais (como a carne de porco e de vaca, as couves, as batatas, o feijão, os enchidos) ilustrados através de fotos da época. Como já nada disso se encontra hoje à venda (e se se encontra, é preciso ser milionário para se lhes «chegar»), temos uma alternativa do cozido à portuguesa, cuja receita prodigamente cedemos aos nossos muitos leitores. Ingredientes: um disco com o hino nacional, um gira-discos, uma panela com água. Põe-se a água ao lume e ouve-se «A Portuguesa». Está pronto a servir.

SOPA DA PEDRA

Sopa tradicional da cozinha portuguesa, a mais do que célebre sopinha «de pedra» foi muito deturpada pelos tecnocratas que detiveram as rédeas do poder antes da revolução de Abril.
O facto do País, logo após a revolução, ter entrado num período de prosperidade e de abundância permite-nos, finalmente, restituir esta receita à tradição.
PARA SEIS PESSOAS:
1 Pedra (pode usar-se mais do que uma pedra, mas é perdulário fazê-lo)
1 Panela de água.
A pedra deve ser cuidadosamente escolhida conforme o «gosto» que se pretende imprimir à sopa. Este petisco, quando confeccionado à base de granito, fica com um inesquecível sabor a quartzo, e feldspato e a mica.
Escolhida a pedra coloca-se a dita dentro da panela de água e deixa-se estar de molho durante seis dias, agitando a panela de quando em quando.
Seis dias depois, come-se.

«COQ AU VIN»

Este prato é muito controverso e tem pelo menos duas versões distintas, consoante a bolsa de cada um. Quer dizer, há pessoas abastadas que levam a receita a sério, e comem mesmo, e outras que não tendo dinheiro para isso, e não sabendo rien de francês, interpretam o «Coq au Vin» à sua maneira: esperançadas no milagre do frango, põem-se à coca do vinho...

LULAS SUADAS

Para que este prato tenha realmente sucesso, você precisa de ter um conviva. Assim, agarra-se no eleito esfomeado num dia qualquer à hora de almoço e fala-se-lhe de coisas de que o coitado já nem se lembra: lulas recheadas, chocos com tinta, arroz, de polvo, etc. etc.. Quando o conviva já estiver a pingar baba e ranho, limpa-se-lhe o suor com o guardanapo e diz-se-lhe: O que tu queres é lulas.

BARRIGAS DE FREIRAS

Esta receita da antiga cozinha portuguesa vem dos tempos em que se comia à tripa-forra nos conventos e daí tanto abades como freiras terem a sua respeitável barriguinha. Depois uns pagãos deram em chamar «barrigas de freiras» a umas delícias de ovos-moles com açucar, receita que vem também dos tempos em que as galinhas punham ovos (alguns até eram de ouro). Hoje, sem galinhas, sem ovos e sem açucar (experimente ir a um supermercado nas manhãs de sábado), as «barrigas de freiras» passaram a ser feitas de imaginação. Se ao fim de alguns meses sair bebé é com a madre Igreja: Como Pilatos, daí lavamos as nossas mãos.

PASTÉIS DE BELÉM

Se o leitor está ao corrente das novas disposições, sabe que a divulgação de uma receita assim pode dar multa e cadeia. É possível que o pasteleiro seja um homem com humor mas, na dúvida, descubra você mesmo o segredo de enrolar as massas.

BACALHAU FINGIDO

Esta receita é muito antiga e provém do tempo em que havia ingredientes, a receita é mais simples. Hoje já não há bacalhau nem ingredientes. Pega-se num prato vazio, num garfo e numa colher e finge-se que se está a comer bacalhau.

EMPADÃO DE NADA

O bom cozinheiro faz uso do que há no mercado aproveitando as estações, já que o tomate, por exemplo, é melhor e mais abundante durante a estação do fora da estação, podendo dizer-se o mesmo do feijão verde, dos bróculos, etc.
Como actualmente o que abunda é o nada, o bom cozinheiro deve fazer uso deste ingrediente que, ainda por cima, tem a vantagem de agradar a todos os paladares.
Pega-se numa colher bem cheia de nada e deita-se numa panela em que não haja nada.
Para que o tempero fique correcto, deve deitar-se também, na panela, uma pitada de nada, tomando o maior cuidado na escolha deste nada para que seja tão puro quanto possível.
Colocada a panela em cima de nada, deixa-se a dita durante meia hora, terminada a qual se come o petisco que, a estar bem feito, não saberá a nada.
Trata-se de uma receita destinada a grande popularidade num futuro próximo.

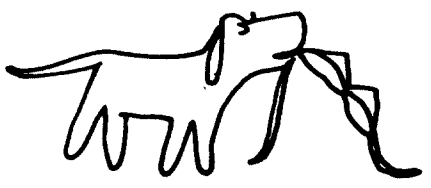
Passava o século de graça de um homem, Francisco Vatel d tar as pessoas que já na época se alimentarem.

Vatel, que nunca admitiu estava então ao serviço do princip está farto de saber. Não consegu co na mesa do seu amo, ele pôs t

Ora, nós pensamos que o queimar o guisado (se arranjar de não se enforcar só por qu bancas ou por que lhe querem ve

Aliás, é justamente para das pessoas que insistem em c coisas supérfluas, que aqui deixa

Em consciência, pensamo Sete» tivesse saído em 1671, V tão estupidamente e estaria hoj Alto a comer bacalhau fingido ca



CADELINHAS AO NATURAL

Em tempos que já lá vão, qualquer bicho-careta comia cadelinhas ao natural na primeira tasca do quarteirão. Mas o País foi evoluindo... Hoje, para comer cadelinhas, o cidadão deve debruçar-se no portão residencial de um capitalista da nossa praça, e aguardar uns momentos. Se não sair cadelinha, sai-lhe pelo menos um pastor alemão...

CALDO DE CAMARÃO

PARA SEIS PESSOAS:
1 camarão (mesmo já usado)
1 copo de água.
1 pitada de sal (facultativo).
Dado o preço do gás, não é necessário ferver o camarão dentro da água. O segredo desta receita é precisamente a sua extrema

eitas as do Grave

ça de XVII, quando o suicídio de seu nome todo, veio aler- oca alimentavam o hábito de

u que o tratassem por Xico, cipe de Condé — como o leitor guindo apresentar peixe fres- termo à vida.
leitor tem o direito de deixar arne para isso) e a obrigação a xaputa não aparece nas vender chicharro congelado.
a evitar o suicídio colectivo comer carne, peixe e outras xamos algumas receitas.
nos que se este «Sete-Ponto- Vatel não se teria suicidado oje numa tasquinha do Bairro cagente.

economia. Pega-se no camarão com cuidado, a fim de que possa ser usado outra vez e põe-se entre as palmas das mãos. Colocam-se em seguida as mãos num local quente à escolha do cozinheiro e aguarda-se que o camarão aqueça. Posto isto cheira-se as palmas das mãos e, a verificar-se que elas cheiram ao camarão, passam-se por água várias vezes. Esta água, cuidadosamente recolhida, é servida depois aos convivas em chávenas ou em pratos de porcelana de preferência que ainda conservem um aroma de refeição anteriores.

ARROZ MALANDRO

Como é sabido, o chamado arroz malandro era feito de restos que o cozinheiro desfiava para dentro do arroz e vendia a trinta e tal escudos a dose. Como actualmente não há arroz e ninguém tem restos senão de fome, trata-se dum prato que muitos desistiram de confeccionar sem, porém, terem qualquer razão para tal desistência.
No agoramente, convida-se alguém para almoçar e diz-se que o almoço será composto por «arroz malandro». Estando o conviva sentado à mesa, coloca-se à sua frente um prato vazio e quando ele olhar para cima, com uma expressão de espanto, o cozinheiro explica: — Seu malandro...

MEIA DESFEITA

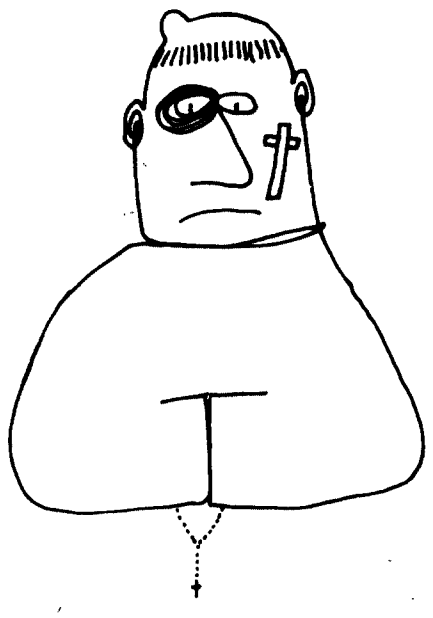
No tempo do grão e do bacalhau, comia-se muitas vezes este prato que ainda faz crescer água na boca aos amadores da boa cozinha portuguesa. Não há qualquer motivo para que se desista de o comer agora — e quem sabe, até, se com mais propriedade — só por não haver bacalhau e por o grão estar a 28$00 o quilo.
Qualquer estudioso da língua portuguesa sabe que a expressão «meia desfeita» é susceptível de outras interpretações.
A receita que damos baseia-se numa interpretação que torna o prato economicamente possível no momemto que o País atravessa.
PARA SEIS PESSOAS:
1 Meia velha
1 Cão (ou um ralador de queijo)
Dá-se a meia ao cão ou passa-se pelo ralador e quando ela estiver desfeita, serve-se.

TOMATES RECHEADOS

Finalmente eis um prato que você pode preparar à boa moda do antigamente. Os ditos são o que mais abunda neste País, a ponto de os exportarmos (em concentrado) para países de leste e oeste. Se você não tem a receita, pergunte à sua avó que ela ainda deve lembrar-se. O inconveniente deste prato é que é sobretudo apreciado pela população (feminina) dos países nórdicos e não chega para as encomendas. Por isso, além de tomate, estamos já a exportar cortiça, para não ser tudo fiasco.

ARROZ SHOW-SHOW

Trata-se de um prato frustrante, muito ao gosto dos masoquistas. É indispensável a colaboração de uma jovem e bonita, corista do Parque Mayer, que passe muito bem por italiana.
A receita: convida-se a italiana para jantar e vai-se com ela a um restaurante chinês, dos mais caros. Ali, pede-se arroz para dois. Terminada a refeição, o cavalheiro paga a conta e a italiana desaparece com um sorriso enigmático. À despedida, ela ainda lhe diz «showzinho, estou com muita pressa...»



BATATAS A MURRO (OU DE MURRO)

Trata-se duma velha receita da Bairrada a que os habitantes do Centro do País recorriam quando comiam leitão. Em Lisboa e nos arredores, era tido por castigo comer batatas a «murro» com bacalhau.
No antigamente, as batatas íam ao forno com sal, alho e azeite mas, no agoramente, o problema consiste em encontrar quem tenha batatas. Quando isso acontece, vai-se ao proprietário das batatas e esmurra-se o dito até se conseguir que ele largue uma batata que, depois, se come, às escondidas, como mais apetecer a quem a tiver obtido.

JAQUINZINHOS DA HORTA

Esta receita foi inventada há séculos por donas de casa que anteviam já o dia em que o peixe desapareceria das mesas, as que ainda tinham acesso às hortas. Nas ditas (hortas), além de se cantar o fado, cultivava-se feijão verde, que, passado por ovo e pão ralado e depois frito, imitava bem o jaquinzinho que não havia. Como hoje não há peixe nem feijão verde, aqui vai a nossa sugestão: Procura-se na lista telefónica alguém que se chame Joaquim, e pergunta-se-lhe se acaso é natural da Horta. Açores. Quando encontrar dois (para fazer plural) está pronto a servir.

ESPARGUETE À PORTUGUESA

À falta de esparguete, qualquer massa serve. Sendo assim, agarra-se nas massas populares, lê-se-lhes um dos trechos de Mao, e temos assim um bom recheio encarnado a que só falta juntar um pouco de queijo ralado. Como também não há queijo, mas você naturalmente já está ralado com os rumos que leva esta revolução, meta-se a si próprio no caldeirão e aproveite para lavar as teias de aranha. Serve-se no auge da indignação.

CALDO VERDE

A grande característica desta sopa tradicional é a sua cor e não o seu conteúdo. Reconhecendo este facto, o bom cozinheiro deve aproveitá-lo produzindo uma «caldo verde» sem couve (que está a 50$00 o molho, antes de migada), sem batata (que está — quando está, o que é cada vez menos frequente — a 9$70 o quilo) e sem azeite (que está a 55$00 o litro). Para o efeito coloca-se dentro duma panela de água qualquer peça de vestuário nacional (para desbotar) que se deixa de molho durante umas horas. Havendo gás, o petisco pode servir-se quente.

caixa do PONTO

O planeta cinzento

«O PLANETA AZUL», de Jean-Claude Giraudon. Encenação: Benjamim Marques. Cenários: João Vieira. Marionetas: José Carlos Barros. Guarda-roupa: Lisa Chaves Ferreira. Canções: José Barata Moura. Interpretação: Alexandre Sousa, António Assunção, António Rama, Fernanda Esmeralda, José Água-Doce, Paula Guedes e Valdemar de Sousa. Casa da Cultura da Margem Sul. Sede dos Penicheiros. (Barreiro) Fevereiro 1977.

História para crianças? História para adultos? Para aqueles e para estes, talvez; se calhar nem para uns nem para outros. História bonita, sem dúvida, que procura falar de coisas graves e importantes (trata-se de uma parábola sobre o Ser e o Ter) sem que o autor, contudo, tenha conseguido encontrar a linguagem adequada. Num planeta onde há só uma cor, o cinzento, um sábio muito sábio inventa uma máquina voadora na qual será possível ir buscar o verbo Ser que um dia partiu para o Planeta Azul deixando o Planeta Cinzento reduzido a um só verbo, o verbo Parecer. No Planeta Azul os reis fatigam-se a comer, e vêem televisão. Não fazem mais nada enquanto os súbditos (sujeitos transformados em objectos) se limitam a trabalhar para os senhores, aos quais tudo pertence. No Planeta Azul ignora-se, logicamente, o verbo Ser: lá é o reino do verbo Ter. No entanto, alguns habitantes lutam, subterraneamente, para que esse estado de coisas se altere. E por isso são presos. São ajudados pelos visitantes do Planeta Cinzento que se apercebem das causas das injustiças que dominam aquele mundo. Escapados da prisão, onde o rei os metera, os viajantes regressam ao Planeta Cinzento levando um pedaço de pano que tem as cores do arco-iris — que lhes dera uma combatente da liberdade. Quando chegam à sua terra, verificam que afinal tinham descoberto a maneira de a transformar e dispõem-se, juntamente com os outros habitantes, a fazer do Planeta Azul um país maravilhoso onde tudo é possível mesmo a felicidade que, como sabem os que são puros de coração, é vermelha.

O espectáculo é muito prejudicado por um cenário inadequado, desnecessariamente complicado (e feio) que o impede de adquirir o indispensável ritmo. O encenador (Benjamim Marques) e o cenógrafo (João Vieira) não se aperceberam que com uma simples cortina tinham resolvido o problema de uma forma muito mais operacional e simpática. Os figurinos (de Lisa Chaves Ferreira) são, pelo contrário, excelentes. E excelentes também as marionetas, à maneira das marionetas asiáticas, de José Carlos Barros. Uma equipa de gente nova, pouco rodada (na sua maioria) teve dificuldade em encher aquele imenso vazio que é a sala dos Penicheiros. A comunicação em teatro depende muitas vezes do espaço em que se realiza.

AMADORES COM MOLIÈRE

«O AVARENTO», de Molière. Versão: António Feliciano de Castilho. Encenação: Pedro Lemos. Interpretação: Fernando Rijo, Ana Maria Cortez, Jorge Godinho, João Godinho, Reis Leite, Mário Cardoso, Cão Afonso, Duarte Gonçalves, Alice Pires, Tina Monteiro, José Capela, José Monteiro, Proscenium — Grupo de Teatro do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculo do Distrito de Lisboa. Teatro da Trindade. Fevereiro 1977.

O Proscenium é um velho grupo que parece incapaz de se renovar, incapacidade que reflecte talvez a do próprio orientador, Pedro Lemos. Quase nos apetece dizer que o Proscenium é uma espécie de «Teatro Nacional dos escritórios», o que está longe de ser um elogio. E, no entanto, há no grupo gente capaz de representar, capaz de dominar a técnica da interpretação, embora de acordo com determinados clichés. É aí, com o que tem de ultrapassado, que é mais evidente o trabalho de Pedro Lemos. Basta ver na peça de Molière o incrível cenário (aquelas cores a empastar as cores dos fatos, além do mau gosto) e a marcação «sem tom nem som», para verificar a ausência de um plano de encenação capaz, sem o qual um espectáculo não pode interessar minimamente.

Acresce ainda que a leitura académica, não inovadora nem sequer renovadora, de um clássico, parece-nos ser tempo perdido para além da satisfação do trabalho individual bem feito por parte de alguns actores.

A tradução utilizada de Castilho, acaba afinal, e curiosamente, por ser o elemento novo no espectáculo. Embora sem atingir nem dar o equivalente dos valores linguísticos do texto, a tradução apresenta soluções surpreendentes e aproxima o texto de um público mais habituado ao **boulevard** do que ao clássico.

Os principais actores aguentam bastante bem uma peça difícil. Tina Monteiro faz uma boa casamenteira e Fernando Rijo um Harpagão razoável, naquele estilo.

MEDALHAS EMITIDAS PELO GRUPO DE TRABALHO DO

ATELIER BELO MARQUES

SÉRIE «NACIONALIZAÇÕES» DA BANCA

ANVERSO

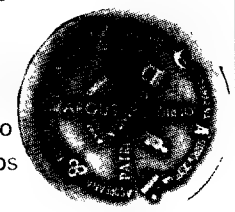
MÓDULO 80 mm
BRONZE
NUMERADA
PREÇO AO PÚBLICO
300$00
TRAB. DA BANCA
250$00

REVERSO

DOS SEGUROS

ANVERSO

MÓDULO 80 mm
BRONZE
NUMERADA
PREÇO AO PÚBLICO
300$00
TRAB. DOS SEGUROS
250$00



REVERSO

DOS TRANSPORTES

NUMERADA

BRONZE 70 mm
PREÇO AO PÚBLICO
250$00
TRAB. DOS TRANSP.
200$00

PEDIDOS AO
ATELIER BELO MARQUES

RUA DA TRINDADE, 5-2.º DTO LISBOA
TELEF: 371254 — ENVIOS À COBRANÇA S/ENCARGOS

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

SINDICATO DOS CAPITÃES, OFICIAIS PILOTOS, COMISSÁRIOS E RADIOTÉCNICOS DA MARINHA MERCANTE

CONVOCATÓRIA

REUNIÕES GERAIS DE SÓCIOS

Efectuar-se-ão nos próximos dias abaixo designados, com início às 21.00 horas, na sede do Sindicato – Praça de D. Luís, n.º 91.º Dt.º em Lisboa – reuniões gerais de sócios, com as seguintes ordens de trabalho:

Dia 7 de Março, segunda-feira:
- Cobrança de quotização sindical: Projecto de Lei n.º 39/I
- Ratificação da Convenção n.º 87 da OIT: Proposta de Lei n.º 41/I
- Ratificação da Convenção n.º 11 da OIT: Proposta de Lei n.º 42/I

Dia 11 de Março, sexta-feira:
- Regulamentação de horário de trabalho: Proposta de Lei n.º 20/I
- Semana de trabalho na função pública. Proposta de Lei n.º 29/I

Dia 16 de Março, quarta-feira:
- Controlo operário: Projecto de Lei n.º 8/I
- Comissões de trabalhadores e respectivos direitos Proposta de Lei n.º 43/I
- Revogação do Decreto-Lei n.º 864/76, de 23 de Dezembro: projecto de Lei n.º 37/I

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1977
A DIRECÇÃO

PUB

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

UM TRABALHO COLECTIVO E MILITANTE
PORTUGAL/ REVOLUÇÃO: UNIDADE SOCIALISTA
BALANÇO DUMA EXPERIÊNCIA E PERSPECTIVAS
UM LIVRO IMPORTANTE
pedidos ao apartado 363 — porto

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TEXTEIS, LANIFICIOS E VESTUARIO DO SUL

A LUTA CONTINUA

COMUNICADO N.º 139

CAMARADAS: A LUTA CONTINUA

Nos Têxteis a Luta Contínua! Esta é a palavra de ordem da Comissão Negociadora Sindical.

Temos que obrigar o patronato a negociar custe o que custar.

Para nós, trabalhadores têxteis, não chega o Ministro do Trabalho dizer-nos:

— Que fará todos os esforços, além de serem aplicadas as sanções legais para que o patronato se sente à Mesa das Negociações.

— Que os princípios defendidos pelos Sindicatos, em matéria contratual são perfeitamente justos e correctos.

Também não chega aos trabalhadores têxteis que o 1.º Ministro tenha dito:

— Que defende que o Contrato deve ser negociado pelas partes, ou seja, entre trabalhadores e patrões.

Aos trabalhadores têxteis não chega TEORIA NEM RAZÕES ORAIS: O QUE É NECESSÁRIO É QUE SE PASSE À PRÁTICA E A JUSTIÇA APAREÇA NESTE PAÍS; POIS SÃO INADMISSÍVEIS AS ATITUDES PROVOCATÓRIAS DO PATRONATO REACCIONÁRIO, QUE TUDO FAZ PARA INTIMIDAR OS TRABALHADORES EM LUTA UTILIZANDO VÁRIAS «ARMAS REPRESSIVAS».

Pois nas fábricas os trabalhadores têxteis estão a sofrer, pois têm sido atacados e intimidados pela GNR, como aconteceu na Riopele, Maivest, e tantas outras.

Enfim, esta é a liberdade e a democracia que se oferece ao Povo Português.

— No entanto a luta continuará até à vitória total.

— Com o seu sacrifício, os trabalhadores nas fábricas, têm demonstrado bem a sua firmeza, e continuarão a demonstrá-la.

CONVOCATÓRIA

CAMARADAS: para se fazer o ponto da situação ao nosso CCTUV e para se tomar medidas adequadas, realiza-se uma REUNIÃO GERAL DE TRABALHADORES, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, em Lisboa no próximo **domingo, dia 27, pelas 15 horas.**

Esta Reunião terá a presença da Comissão Negociadora Sindical.

— TODOS AO TÉCNICO! QUE NINGUÉM FALTE! A LUTA CONTINUA!

— MOSTREMOS AO PATRONATO QUE ESTAMOS DISPOSTOS A LUTAR ATÉ À VITORIA!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!
Lisboa, 25 de Fevereiro de 1977
P'LA DIRECÇÃO

PONTO, contra PONTO

Teatro S.Luiz
Dia 26, às 18.00

CONCERTO SINFÓNICO

Weber:
«Euryanthe» (abertura)
Brahms:
«Concerto n.º 2 para piano e orquestra»
Frederico de Freitas:
«Ribatejo»
Stravinsky:
«O Pássaro de Fogo»

Piano: F. Thiolxier
Orquestra da RDP
Direcção: Silva Pereira

Romantismo alemão na primeira parte, música contemporânea na segunda, com o traço comum a ambas as obras de uma ligação forte a raízes nacionais. Stravinsky, em «O Pássaro de Fogo», é ainda o compositor russo Frederico de Freitas, em «Ribatejo» o compositor directamente interessado em elementos do folclore do seu País, trazendo-os para outro plano e reelaborando-os.

Sé Catedral
Juventude Musical Portuguesa
Dia 27, às 15.00

MÚSICA PARA ÓRGÃO E METAIS

Organista: António Duarte
Quinteto de Metais de Lisboa

Integrado numa série dedicada à música de órgão, este concerto da Juventude Musical Portuguesa compreenderá obras dos séculos XVI a XVIII. De salientar, a primeira audição de uma instrumentação para 2 trompetes e 3 trombones da «Fantasia do 1.º Tom», de António Carreira — porventura o mais notável compositor português de Quinhentos recentemente realizada por Álvaro Salazar. Esta adaptação não constitui, de resto, um trabalho isolado, pois Álvaro Salazar já instrumentou posteriormente outras obras do mesmo compositor, dedicando a quase totalidade desses trabalhos ao Grupo de Metais de Lisboa.

Igor Stravinsky

Teatro S.Carlos
Dia 27, às 16.00

VERDI: «D.CARLOS»

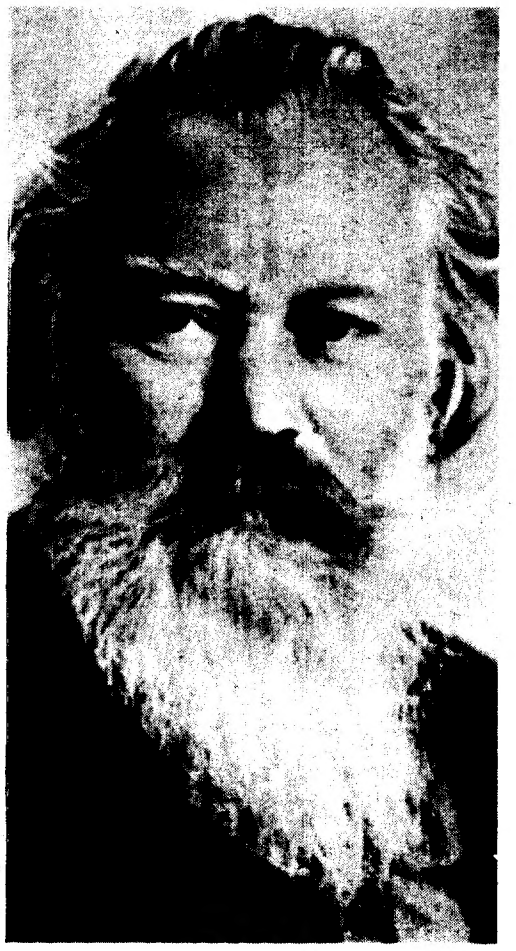
Ópera em cinco actos
(versão original)

Cantores: Mara Zampieri, Viorica Cortez, Elsa Saque, Cesare Siepe, Giuliano Gianella, Elisette Bayan, António Saraiva.
Direcção musical: Nino Verchi
Encenação: Giuseppe Tomasi
Cenografia: Ferrucio Vilagrossi

Anuncia-se no programa do S.Carlos que se trata da estreia da versão original. Não sabemos se por «versão original» se entende a reposição em cinco actos operada pelo próprio Verdi, após a experiência de uma segunda versão em quatro actos que entretanto se generalizou, e se, somada a esta opção de estrutura dramático-musical (aliás, considerada a única verdadeiramente digna da substância da obra), vamos ouvi-la também na língua original: o francês. Embora, na realidade o libreto sobre o qual Verdi trabalhou seja francês (tendo como fonte o drama alemão de Schiller), para satisfazer uma encomenda da Ópera de Paris, certo é que em breve ele foi traduzido para italiano, acabando esta versão por sobrepor-se inteiramente à outra, com aplauso geral do público (exceptuando o francês, como é natural), da crítica e, ao que parece, do próprio Verdi. Para não cairmos num exercício arqueológico, esperamos que o S.Carlos nos dê a ouvir o «Don Carlo» italiano, isto é, na versão original apenas quanto à estrutura dos actos.
A encenação de Tomasi constitui um ponto de interrogação: será ele capaz de revelar em cena toda a profundidade do conflito político, religioso, ideológico, moral, que se contém no texto e na música? Como resolverá a questão estética fundamental: opção pelo realismo ou opção por um simbolismo que ponha realmente em evidência as abundantes referências culturais da obra, até mesmo, por exemplo, as suas relações com o iluminismo (com a «Aufklarung»), por via de Schiller?

Coliseu dos Recreios
Dia 1, às 20.30

VERDI «D.CARLOS»
(mesmo elenco)



Brahms

Fundação Gulbenkian
Dia 4, às 18.30

CANÇÕES DE SCHUBERT E SCHUMANN

Canto: Alcino Soares
Piano: Fernando Jorge Azevedo

Expectativa quanto a um artista que poderá talvez vir a revelar-se neste recital um novo valor a considerar no nosso panorama de intérpretes do «Lied».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS DO DISTRITO DO PORTO

Abrangendo o Distrito de Aveiro

COMUNICADO N.º 16

CONFLITO NA EMPRESA «SOCIEDADE INDUSTRIAL TÊXTIL A. LARANJO, LDA»

Comunicado n.º 1

Camaradas trabalhadores têxteis, e a todos os trabalhadores deste País:

A reacção que se vem verificando na generalidade contra os trabalhadores portugueses tem como testa de ponte muitas empresas de vários ramos de actividade entre as quais a do sector têxtil.

O conflito de trabalho que se verifica na Empresa Têxtil A. Laranjo teve o seu início em 15-2-77 por imposição da Entidade Patronal que coagida pelo seu consultor jurídico e através de um comunicado feito pelo departamento do pessoal da referida firma, tenta por todos os meios mais fraudulentos, retirar as regalias consignadas no Contrato Colectivo de Trabalho bem como na Constituição da República Portuguesa.

Pretende a Administração, orientada pelo seu advogado, militante declarado da FNLA-UNITA, organização esta ao serviço do imperialismo NAZI, que em Portugal, com a ajuda e colaboração da CIP, tenta por todos os meios, e através dos seus agentes mais directos e activos, como o mencionado advogado CARLOS FERNANDES DOS SANTOS CARVALHO a desestabilização das empresas.

O referido advogado, ultra-direita, através do seu sistema de interpretação jurídica, A SUA MANEIRA, repudia o CCT actual, as Leis deste País e a Constituição da República, e, consequentemente, retira aos trabalhadores parte substancial das regalias adquiridas, como por exemplo, o prémio de assiduidade ou seja, de presença na firma.

Camaradas, a empresa encontra-se actualmente na situação de impasse, não pelos trabalhadores ou o Sindicato, mas porque a Administração da firma se tem recusado sistematicamente ao diálogo na Secretaria de Estado do Ministério do Trabalho do Porto para o qual tem sido convocada.

Porém, em 23 e 24 de Fevereiro do corrente ano a Administração enviou ao Ministério do Trabalho o famigerado advogado que mais não sabe dizer que a posição dele é a que toma e que não muda de atitude, mesmo que para tal, os órgãos do Poder deste País relacionados com questões de trabalho, tomem em conta a execução das realidades da Lei.

Camaradas, a luta dos trabalhadores da A. Laranjo é legal e justa, assim considera o Ministério do Trabalho do Porto, o Sindicato, e os seus advogados. Mas, o advogado CARVALHO-FNLA é que não está na disposição de aceitar a Lei, afirmando até, que a luta dos trabalhadores é uma questão de tempo para acabar, basta pôr em funcionamento o Decreto-Lei n.º 841-C/76 a 50 ou a 100 trabalhadores.

NÃO ESQUEÇAMOS QUE O REACCIONÁRIO DECRETO JÁ LANÇOU NO DESPEDIMENTO ABUSIVO MAIS DE 14 MIL TRABALHADORES.

Camaradas, os trabalhadores da empresa A. Laranjo estão firmes e decididos a ir até às últimas consequências. A luta dos trabalhadores é em defesa dos direitos do CCT e da Constituição da República, garante das conquistas alcançadas pelos trabalhadores.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

Porto, 25 de Fevereiro de 1977

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS MAQUINISTAS PRÁTICOS AJUDANTES E ARTÍFICES DA MARINHA MERCANTE DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 31.º, alínea *b)* e Artigo 32.º dos Estatutos, convoco para o dia 25 de Março de 1977 pelas 20 horas, a Assembleia Geral Ordinária deste Sindicato, que se realizará na Casa do Marinheiro Mercante, sita na Calçada Salvador Correia de Sá, n.º 42 — 2.º, em Lisboa com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Apreciação, discussão e eventual aprovação do relatório de contas de 1976.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1977

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Joaquim Jorge Mateus

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

COMUNICADO

Comunica-se a todos os interessados que, por votação directa e secreta, efectuada em 18 do corrente mês, os trabalhadores metalúrgicos deste Distrito, do sector da fabricação de papel e transformação do cartão canelado em conexão com a fabricação de papel, decidiram a sua verticalização no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins — Zona Sul, por uma percentagem de 87 %.

Barreiro, em 24 de Fevereiro de 1977

A DIRECÇÃO

INSTITUTO DE FORMAÇÃO SOCIAL E DO TRABALHO

Uma iniciativa pedagógica ao serviço dos trabalhadores

SEMINÁRIOS A EFECTUAR EM MARÇO

ECONOMIA DA EMPRESA, orientado pelo dr. Mata Antunes, nos dias 1, 3, 8, 10, 15, 17, 22 e 24, das 21 às 23 horas.

PSICOLOGIA DAS RELAÇÕES HUMANAS, orientado pelo dr. Artur Parreira, nos dias 8, 10, 15, 17, 22, 24, 29 e 31, das 21 às 23 horas.

INICIAÇÃO À LINGUAGEM AUDIOVISUAL, orientado pelo dr. Carlos Capucho — Março, dias 7, 14, 21 e 28; Abril, dias 4 e 18; Maio, dias 2, 9, 16, 23 e 30; Junho, dias 6, 20 e 27 — das 21 às 23 horas.

Condições de inscrição acessíveis a todos os trabalhadores

RUA DUQUE DE PALMELA, 2, 5.º — LISBOA
Telefones: 57 30 15 - 57 33 41 - 57 59 46

EXTERNATO CICLO PREPARATÓRIO CURSO LICEAL NOCTURNO

—— ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

CURSOS INTENSIVOS — TRABALHADORES ESTUDANTES
(das 18 às 23 horas)

Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/40 831, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Travanca, concelho da Feira, de uma linha aérea a 15 kV, com 147 metros, do apoio n.º 48 da linha de ligação Escapães-Arada, ao posto de transformação de Travanca-Igreja, da Câmara Municipal da Feira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Fevereiro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Maia em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP) e a que se refere o processo 8/31 197, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Nogueira, concelho da Maia de uma linha aérea a 15 kV, com 760 metros, do apoio n.º 20 da linha para o posto de transformação de Nogueira ao posto de transformação de «Ajacto-Indústria de Pulverizadores, Lda.».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Fevereiro de 1977.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP e a que se refere o processo 8/56 851, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Arada, concelho de Ovar, de uma linha aérea a 15 kV, com 15 772 metros, da subestação de Mogofores à subestação de Cantanhede.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 16 de Fevereiro de 1977.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/47 068, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Arada, concelho de Ovar, de uma linha aérea a 15 kV, com 21 metros, do apoio n.º 61 da linha de ligação Escapães-Arada, ao posto de transformação de Arada, da Câmara Municipal de Ovar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Fevereiro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Seixal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP) e a que se refere o processo 8/53 017, arquivo 45, para o estabelecimento na freguesia de Amora, concelho do Seixal de uma modificação da linha aérea a 15 kV, para o posto de transformação 3-014 Amora, (RA 15-23-9 Amora, que passa a linha mista, com um troço aéreo entre os apoios 1 e 4, e entre os apoios 5 e o posto de transformação e um troço subterrâneo entre os apoios 4 e 5, com um comprimento total de 2402 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Fevereiro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/40 831, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Arada, concelho de Ovar, de uma linha aérea a 15 kV, com 200 metros, do apoio n.º 56 da linha Escapães-Arada, ao posto de transformação de Arada-Murteira, da Câmara Municipal de Ovar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Fevereiro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Maia em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP Norte), a que se refere o processo 8/57 547, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Águas Santas, concelho de Maia, da linha aérea a 15 kV, com 660 metros, do apoio n.º 25 da linha de ligação de Recarei-S. Gemil ao posto de transformação da Sociedade de Préconstrição de Materiais, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Fevereiro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/59 025, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Campelo, concelho de Baião, de uma linha aérea a 15 kV, com 175 metros, do poste n.º 2 da linha para o posto de transformação da Santa Casa da Misericórdia de Baião ao posto de transformação de António Ferreira, situado no lugar de Soutulho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Fevereiro de 1977.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP) e a que se refere o processo 8/57 330, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Souto, concelho da Feira, de uma linha aérea a 15 kV, com 1449 metros, do apoio n.º 32 da linha de ligação Escapães-Arada ao posto de transformação de Souto I, da Câmara Municipal da Feira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Fevereiro de 1977.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Viaje com o seu carro de comboio

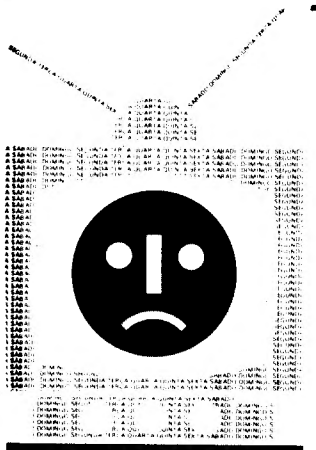
Lisboa Paris Lisboa Paris Lisboa Paris Lisboa Paris Lisboa Paris Lisboa Paris Lisboa Paris Lisboa

AutoExpresso

Caminhos de Ferro Portugueses

Em tempo de chuva assegure-se do bom funcionamento do sistema de limpeza do pára-brisas e não deixe embaciar os vidros.

Circular é viver



TV/PONTO

Sábado, 26

I PROGRAMA

14.02 Telejornal
14.30 Bailado
(«A Gata Borralheira em Viena», com os bailarinos Lilly Schevermann e Michael Birkmeyer da Ópera de Viena. Música de Johann Strauss. Coreografia de Sándor Barkovzy da Ópera de Budapeste. Direcção musical de Miroslav Svoboda)
15.30 Depois da tempestade
(4.º episódio)
16.00 Ida e volta
(sobre transportes)
16.30 O povo e a música
(Orquestra típica de Águeda)
17.00 Diagnosi
(série filmada)
17.50 Maravilhas do mundo submarino
(o narrador fala mais uma vez dos segredos e mistérios que o mar encerra, de ciclones e furacões, das espécies animais que povoam as longínquas paragens da Flórida, das Antilhas, do Lago Nicarágua e do Cabo San Lucas)
18.15 Botas das 7 léguas
(sem o menor interesse)
18.50 Animação
(coordenação de Vasco Granja. Veja)
19.20 Documentário
20.30 Telejornal
21.30 Espaço 1999
(vamos a isso)
22.30 Concurso RTP da Canção
(actuação dos Walker Brothers no estúdio 1 da RTP na proclamação dos vencedores do festival «As sete canções». O festival foi uma pepineira, como se sabe)

II PROGRAMA

20.30 Telejornal
21.30 Animação
(ainda Vasco Granja a coordenar)
22.00 Cinemateca

Domingo, 27

I PROGRAMA

12.32 Missa de domingo
13.10 Woobinda
13.40 Desenhos animados
14.00 Telejornal
14.10 Os abomináveis homens das neves
(o segundo de uma série de quatro programas)
15.15 Submarino amarelo
(são intérpretes os Beatles)
16.40 Haja saúde
(para si também, ó doutor)
17.05 Cabeça tronco e membros
(um concurso que já cansa)
17.55 Desenhos animados
18.15 A luta contra a escravatura

(veja!)
19.00 TV Rural
19.30 Inventário musical
20.00 Telefutebol
20.30 Telejornal
21.35 O gesto é tudo
(outro concurso já com barbas)
22.30 O regresso da família Bellamy

II PROGRAMA

20.30 Telejornal
21.30 Mesa-redonda
(!?)

Segunda, 28

I PROGRAMA

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Janela Grande
19.00 Abre-te Sésamo
19.30 Um lugar para ouvir música
(«A Bela Moleira», com o barítono José de Oliveira Lopes e o pianista Armando Vidal)
19.55 Teledesporto
20.30 Telejornal
21.00 Aproximação à pintura
21.35 Roberta
(peça de Romeu Correia, realizada por Adriano Nazareth. Cenários de Albino Baganha. Intérpretes: Delfina Cruz, Jaime Valverde, Luís Alves, Ligia Ribeiro, Júlia Cardoso, Estrela Novais, João Paulo Castro Gomes, Castro Guedes, Domingos Cerqueira, Júlio Couto, Monte Empina, Mário Rodrigues e Raul Dique)
23.00 Telejornal

II PROGRAMA

20.30 Telejornal
21.00 TV Jazz
(Sonny Rollins no Cascais/76)

Terça, 1

I PROGRAMA

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Bonecos
18.55 Peço a palavra
19.25 Inglês a sorrir
19.55 Telecinema
(magazine de actualidades cinematográficas)
20.30 Telejornal
21.05 Momento político
(curta metragem)
21.25 Ellery Queen

(desta vez: «A aventura da faca desaparecida»)
22.15 A Europa do século XX
(5.º episódio: «Esta geração não tem futuro». Raio de pessimismo...)
23.15 Telejornal

II PROGRAMA

20.30 Telejornal
21.00 Em busca do movimento
(que é feito dele!?)
21.25 As investigações do major Zeman

Quarta, 2

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 O Jardim secreto
18.55 Futebol — Taças dos Clubes Campeões Europeus
(via Eurovisão: Bayern de Munique-Dínamo de Kiev)
20.45 Vamos jogar no Totobola
(há quem prefira a vermelhinha)
21.00 Telejornal
21.35 O destino bate à porta
(aí vêm a Lana Turner, o John Garfield e outros avozinhos do cinema. A realização é de Tay Garnett)
23.30 Telejornal

II PROGRAMA

20.30 Casamentos nos confins do mundo
21.00 Telejornal
21.35 Campeonatos do mundo
(de patinagem artística)

Quinta, 3

I PROGRAMA

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Bonecos
19.00 Faz de conta

(tenta-se ao jeito de «faz de conta» uma experiência teatral)
19.30 As viagens de Gulliver
20.00 Cientificamente
20.30 Telejornal
21.05 O homem e a terra
(desta vez, «As Lagoas de Dainiel»)
21.30 Ligeiríssimo
(o nome do programa assenta-lhe como uma luva)
22.00 Campeonato do mundo
(de patinagem artística)
23.15 Telejornal

II PROGRAMA

20.30 Telejornal
21.00 Cinema — «14 vidas em perigo»
(com Bela Barsi, Bertalan Solti, László Banhidy e outros)

Sexta, 4

I PROGRAMA

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Estúdio Velho

19.00 Abre-te Sésamo
19.30 Tropicália
20.00 Momento desportivo
20.30 Telejornal
21.05 Momento político
21.25 Melomania
21.55 Eduardo VII
(IX episódio)
23.00 Telejornal

II PROGRAMA

20.30 Telejornal
21.00 Banyon
(policial)
22.00 Campeonatos do mundo
(de patinagem artística)

CONCURSO PÚBLICO PARA A ESCOLHA DO SÍMBOLO DA COSTA DO SOL

ATRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

O JÚRI REUNIDO NO ESTORIL A 17 DE FEVEREIRO DE 1977 DECIDIU O SEGUINTE :

1.º E 2.º PRÉMIOS — NÃO ATRIBUIDOS

1.ª MENÇÃO HONROSA AO TRABALHO N.º 128
2.ª MENÇÃO HONROSA AO TRABALHO N.º 67
3.ª MENÇÃO HONROSA AO TRABALHO N.º 81

OS TRABALHOS APRESENTADOS ESTÃO PATENTES AO PÚBLICO NO PAVILHÃO DE CONGRESSOS DO ESTORIL ATÉ DIA 8 DE MARÇO.

HORÁRIO :

DOMINGOS : das 10 às 13 e das 14 às 18 horas.
DIAS DE SEMANA : das 14 às 18 horas.

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1/5/13 IRA DE FURSTENBERG. 7 Airão. 17 Ir. 18 Saro. 19 Ao. 21 Ps. 22 Ca. 24/27 AVA GARDNER. 30 CMI. 31 Aí. 32 Raio. 33/41 HELENA ISABEL. 34 Asar. 35 Aia. 36 Ir. 37 Aah! 39 Raros. 45 Cã. 46 Rameiras. 48 Ba. 49 Apara. 51 Maré. 53 Suai. 57 Paira. 58 Ucá. 59 RAINIER. 61 Sairia. 63 Ta. 64 Ar. 65 Ias. 66 Au. 67/74 PETER FALK. 71 Fãs. 72 Omar. 78 Selaram. 79 Peca. 80 Dê.

VERTICAIS:

1 Irias. 2 Ru. 3 Aí. 4 Afina. 5 Dr. 6 Essas. 7 Anotaras. 8 Bi. 9 e. 10 Ar. 11 Ogã. 14 Uro. 15 Tão. 16 Er. 21 Pè. 22 Caraíbas. 23 Tralha. 24 Ameia. 25 Vilar. 26 Piar. 28 Dia. 29 Nora. 30 Charb. 31 Anisar. 38 Acarretar. 40 Oral. 41 Ié. 42 Sina. 43 Ar. 44 Es. 47 Mascar. 48 Bali. 49 Ar. 50 Man. 52 Aarau. 53 Grampos. 55 Uai! 56 Irias. 57 Pi. 58 Usar. 60 Aas. 62 Rias. 68 Eme. 69 Tal. 73 Já. 74 Fé. 75 Ac. 76 La. 77 Me.

AS SETE DIFERENÇAS

1 — O topo da torre; 2 — A âncora; 3 — A última ameia; 4 — O degrau da escada; 5 — Uma seta no chão; 6 — O peitilho do homem da esquerda; 7 — A extremidade da corda.

O rei de Tonga emagreceu

Durante as suas viagens, efectuadas por ocasião do «Jubileu», a rainha Isabel, da Grã-Bretanha, foi recebida, no Pacífico Sul, por um anfitrião de peso: o rei de Tonga. Muito contente por estar bastante mais magro depois da dieta que iniciou, o soberano, que pesava 210 quilos, interrompeu o regime para voltar às delícias de um banquete tropical que apresentava uma ementa da qual constava lagosta, leitão, peru, melancia e outras frutas da época. O rei de Tonga, teve a quem sair: a sua mãe a rainha Salote (que ficou famosa por um banho de chuva tomado em Londres, a bordo de um carro aberto, durante os festejos da coroação, em 1953) pesava 127 quilos. Agora, Isabel proclamou-o Cavaleiro da Grã-Cruz de São Miguel e São Jorge, condecoração que tem somente 100 titulares em todo o mundo. Se os tempos fossem outros, era caso para dizer: «Pobre do cavalo...»

A MÃOZINHA NO BOLSO

Um dia destes você vai a entrar num «amarelo» ou naqueles «bus» modernos que até têm dois carros num só, e sente uma mãozinha tocar-lhe na parte mais baixa das costas. Pode ser uma loira atrevida, e aí você está com sorte, mas o mais natural é que seja um dos «pickpockets» que pululam nesta Lisboa e que dantes eram conhecidos por «ladrões de carteiras». Veja só o que acontece no dia a dia a estes cidadãos que as fotos ilustram no acto de serem «apalpados» por profissionais do roubo.